

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

WASHINGTON DA SILVA SANTOS

**MEMÓRIA E DISCURSO RELIGIOSO: EFEITOS DE SENTIDO DE
LEPRA EM DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
FEVEREIRO DE 2018

WASHINGTON DA SILVA SANTOS

**MEMÓRIA E DISCURSO RELIGIOSO: EFEITOS DE SENTIDO DE
LEPRA EM DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito
parcial e obrigatório para obtenção do título de
Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de pesquisa: Memória, Discursos e Narrativas.

Orientadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva.

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
FEVEREIRO DE 2018

Santos, Washington da Silva.

S233m Memória e discurso religioso: efeitos de sentido de lepra em diferentes materialidades significantes. / Washington da Silva Santos – Vitória da Conquista, 2018.
153 f.

Orientadora: Edvania Gomes da Silva.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

Inclui referência F. 134 - 139.

1. Lepra - Memória. 2. Memória discursiva. 3. Discurso religioso e médico-científico. 4. Ethos. I. Silva, Edvania Gomes da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 616.998

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Memory and Religious Discourse: effects of sense of leprosy in different significant materialities

Palavras-chave em inglês: Leprosy. Religious discourse. Ethos. Formula.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (presidente); Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva (titular); Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (titular); Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas (titular); Profa. Dra. Mirian Santos Paiva (titular).

Data da Defesa: 20 de fevereiro de 2018.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

WASHINGTON DA SILVA SANTOS

**MEMÓRIA E DISCURSO RELIGIOSO: EFEITOS DE SENTIDO DE
LEPRA EM DIFERENTES MATERIALIDADES SIGNIFICANTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito
parcial e obrigatório para obtenção do título de
Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 20 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: Edvania Gomes da Silva

Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva
Instituição: UESB

Ass.: Maria da Conceição Fonseca-Silva

Profa. Dra. Luci Mara Bertoni
Instituição: UESB

Ass.: Luci Mara Bertoni

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Instituição: UFSCar

Ass.: Roberto Leiser Baronas

Profa. Dra. Mirian Santos Paiva
Instituição: UFBA

Ass.: Mirian Santos Paiva

Dedico à minha esposa Patrícia e aos meus filhos,
meu esteio e luz-guia, sem os quais o caminho
poderia ter sido demasiado penoso.

AGRADECIMENTOS

Minha imensa e eterna gratidão a todos que, ao longo desta jornada, se tornaram indispensáveis para que este trabalho fosse possível:

A Deus, por ter possibilitado o ingresso em um Programa de Pós-Graduação em que pude descobrir tantas limitações em minha trajetória. Sem esta oportunidade, provavelmente eu não teria refletido sobre a minha caminhada até então e não ensejaria dedicar-me com maior afincamento à maestria no ensino e na pesquisa acadêmica.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por minha liberação para cursar doutorado, bem como pela bolsa de estudos via convênio UESB-SAEB.

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela oportunidade de cursar o doutorado e desenvolver esta tese.

A todos os professores e colegas do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, por estes quatro anos de formação e qualificação.

À minha sábia orientadora, Profa. Dra. Edvania Gomes da Silva, pela seriedade, competência, disponibilidade e cuidado com que me orientou em todos os momentos, da reestruturação de minha proposta inicial de pesquisa à concepção e desenvolvimento desta tese. Sem o cuidado de alguém tão compenetrado, provavelmente, o caminhar desta pesquisa seria demasiado árduo em vista às minhas dificuldades para compreender as noções e aportes teóricos tão competentemente discutidos por minha orientadora.

Às professoras doutoras Maria da Conceição Fonseca-Silva e Luci Mara Bertoni, pelas valiosas contribuições feitas no exame de qualificação.

Aos professores Maria da Conceição Fonseca-Silva, Luci Mara Bertoni, Roberto Leiser Baronas e Mirian Santos Paiva, por terem aceitado participar da banca de defesa e por todas as observações, correções e contribuições durante a sessão de defesa pública.

Aos funcionários do programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e sociedade, pela presteza, dedicação e simpatia em todos os momentos vivenciados. Andréia, Vilma e Tâmara, vocês são incomparáveis e deixarão saudades.

À minha esposa Patrícia, cuja paciência, amor e carinho permitiram que eu pudesse concluir este trabalho. Aos meus filhos, Victor e Sofia, por todos os momentos de alegria, verdadeiros bálsamos nos momentos de desânimo e frustração diante de tantos novos conceitos a compreender.

À minha mãe, mulher de valor e generosidade incomparável, que sempre lutou pela formação acadêmica e social de seus filhos. Minha eterna devoção, amor e carinho.

Se enxerguei mais longe,
foi porque me apoiei no ombro de gigantes.

Isaac Newton

RESUMO

Neste trabalho, partindo da constatação de que o tema da lepra aparece em diferentes momentos da história da humanidade, enunciado sob diferentes perspectivas e em distintos campos do conhecimento, mobilizamos como direcionador de nosso trabalho um conceito operacional que, no nosso entender, ajuda a explicar essa relação entre o referido tema e os estudos da memória. Assim, utilizamos a noção de memória discursiva para analisar o emprego discursivo do termo lepra em diferentes materialidades significantes, tendo como eixo direcionador o campo religioso. Desta feita, nosso principal objetivo foi analisar, partindo do discurso religioso, os diferentes funcionamentos da memória sobre a lepra na atualidade. Para tanto, o *corpus* utilizado foi composto por diferentes materialidades textuais, dentre as quais: extratos do texto bíblico, letras de músicas que circulam nos meios pentecostal e neo-pentecostal, artigos da área de saúde que discutiram aspectos históricos da lepra, bem como materialidades textuais advindas dos campos político, jurídico e midiático. A análise dos dados centrou-se no dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso. Os resultados das análises indicam que a utilização discursiva do termo lepra funciona, devido ao efeito da memória sobre a atualidade, com base em uma dupla fundação, qual seja: no discurso religioso e no discurso médico-científico. Verificamos, ainda, que no discurso religioso (neo)pentecostal não há um *ethos* ou cenografia característicos para tratar deste tema, no entanto podemos apontar a presença de um *ethos profético*, o qual se destaca. Foi possível ainda verificar que o tema lepra funciona em diferentes campos discursivos como um candidato à fórmula, cristalizando em si diferentes efeitos de sentido, como o de praga e o de exclusão social e, principalmente, sendo utilizado como um referente social.

Palavras-chave: Lepra. Discurso religioso. Ethos. Fórmula.

ABSTRACT

In this work, starting from the fact that the theme of leprosy appears in different moments of the history of humanity, enunciated from different perspectives and in different fields of knowledge, we mobilize as a driver of our work an operational concept that, in our opinion, helps to explain this relationship between this theme and the studies of memory. Thus, we use the notion of discursive memory to analyze the discursive use of the term leprosy in different significant materialities, having as its driving axis the religious field. This time, our main objective was to analyze, from the religious discourse, the different functions of memory on leprosy today. To do so, the corpus used was composed of different textual material, among which: extracts from the biblical text, lyrics of songs circulating in the Pentecostal and neo-Pentecostal media, health articles that discussed historical aspects of leprosy, as well as materialities political, legal and media fields. Data analysis focused on the theoretical-analytical device of Discourse Analysis. The results of the analyzes indicate that the discursive use of the term leprosy works because of memory on the present day, based on a double foundation, namely: religious discourse and medical-scientific discourse. We also verified that in the (pentecostal) religious discourse there is no ethos or set design to deal with this theme, however we can point out the presence of a prophetic ethos, which stands out. It was also possible to verify that the leprosy theme works in different discursive fields as a candidate for the formula, crystallizing different effects of meaning, such as the plague and the social exclusion, and, mainly, being used as a social referent.

Keywords: Leprosy. Religious discourse. Ethos. Formula.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2 A MEMÓRIA SOBRE A LEPROSA NOS DISCURSOS FUNDADORES	
RELIGIOSO E MÉDICO-CIENTÍFICO	21
2.1. A NOÇÃO DE DISCURSO CONSTITUINTE	23
2.2. TEXTO FONTE E MEMÓRIA DISCURSIVA: A BÍBLIA EM FOCO	28
2.3. A LEPROSA NO LIVRO DE LEVÍTICO: UM TEXTO FUNDADOR	31
2.4. A LEPROSA NA BÍBLIA: UM TEXTO COMO ACONTECIMENTO A SER LIDO.....	40
2.5. UMA DUPLA FUNDAÇÃO NO DISCURSO SOBRE A LEPROSA: O DISCURSO	
MÉDICO-CIENTÍFICO	48
2.5.1. Elementos históricos para compreensão do discurso médico-científico sobre a lepra...	49
2.5.2. Leprosia no Brasil: elementos para compreensão de uma memória	54
2.6. UMA MEMÓRIA SOBRE A LEPROSA: CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.....	58
3. MEMÓRIA, <i>ETHOS</i> E CENOGRAFIA NO DISCURSO (NEO)PENTECOSTAL	
SOBRE A LEPROSA	60
3.1. A NOÇÃO DE INTERDISCURSO E AS BASES PARA COMPREENSÃO DA	
MEMÓRIA SOBRE A LEPROSA	61
3.2. APRESENTAÇÃO DE SI NO DISCURSO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A	
NOÇÃO DE <i>ETHOS</i>	64
3.3. <i>ETHOS</i> E CENA DE ENUNCIÇÃO.....	67
3.4. IMAGENS SOBRE LEPROSOS EM LETRAS DE MÚSICAS	
(NEO)PENTECOSTAIS	68
3.4.1. Grupos de leproso	68
3.4.2. O leproso do monte.....	72
3.4.3. Naamã: um leproso nomeado	75

3.5. OS MENSAGEIROS DE DEUS: PREGAÇÕES EM PAUTA	81
3.5.1. Discurso sobre a lepra em pregações da Igreja do Evangelho Quadrangular	82
3.5.2. Discurso sobre a lepra em pregações da Igreja Universal do Reino de Deus	92
3.6. MEMÓRIA SOBRE A LEpra NO DISCURSO RELIGIOSO	
(NEO)PENTECOSTAL: CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	97
4. “LEpra” COMO FÓRMULA: DO CAMPO RELIGIOSO PARA OUTROS	
CAMPOS	99
4.1. A NOÇÃO DE FÓRMULA EM ANÁLISE DE DISCURSO: ALGUMAS	
CONSIDERAÇÕES	100
4.2. SOBRE AS NOÇÕES DE DESTACABILIDADE, SOBRESASSEVERAÇÃO E	
ENUNCIADO AFORIZADO.	103
4.3. UMA PRAGA SOCIAL: A LEpra DOS INDESEJADOS	105
4.4. OS LEPROSOS SOCIAIS: A MARCA DA EXCLUSÃO	117
4.5. A LEpra COMO CONSUNÇÃO SOCIAL	125
4.6. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	129
5. CONCLUSÃO	130
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	140

1. INTRODUÇÃO

A lepra é uma doença ancestral cujo imaginário tem perpassado distintas epistemes, estando presente em diferentes produções textuais e em variados campos discursivos. Está presente em diferentes gêneros, desde textos bíblicos até piadas, essas últimas muito provavelmente condenadas ao obscurantismo em face do chamado “politicamente correto”¹. É uma doença que, apesar de sua ancestralidade no mundo, ainda tem um impacto significativo na saúde pública em diferentes países, inclusive no Brasil, pois, nas Américas, o referido país é o único que ainda não alcançou estatisticamente a erradicação da doença.

O Brasil é, ainda, junto com outros doze países (Bangladesh, República Democrática do Congo, Etiópia, Índia, Indonésia, Madagascar, Mianmar, Nepal, Nigéria, Filipinas, Sri Lanka e República Unida da Tanzânia) responsável por mais de 90% dos casos da doença no mundo. Salientamos ainda que se forem considerados apenas o Brasil, a Índia e a Indonésia, tidos como países com grandes populações, a Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que há, nesses países, 81% dos pacientes recém-diagnosticados e notificados no mundo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2016).

Outra informação a se considerar é que, apesar de iniciarmos a introdução desta tese referindo-nos à doença como lepra, no Brasil, por força de lei, os documentos oficiais do Ministério da Saúde aboliram o uso de tal termo desde a década de 1990, utilizando em seu lugar o termo hanseníase, em uma tentativa de minorar o estigma ligado ao termo lepra (OPROMOLLA; MARTELLI, 2005). Voltaremos a esse tema no decorrer da tese. Contudo, adiantamos que um estudo realizado com antigos pacientes tratados de lepra concluiu que apesar da mudança do termo lepra por hanseníase, os indivíduos adoecidos continuam sofrendo preconceito por conta da associação com o termo lepra (FEMINA et al., 2007). Destacamos ainda que não encontramos medida legal equivalente em outro país. O termo lepra ainda é extensivamente utilizado em documentos de divulgação mundial por órgãos de representatividade internacional, como, por exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO).

¹ O chamado “politicamente correto”, termo utilizado em uma publicação da Secretaria Especial de Direitos Humanos, é tido como um fomentador de discussões em relação ao problema do desrespeito à imagem e à dignidade das pessoas consideradas diferentes (MATOS, 2006)

Quando lemos os documentos técnicos disponibilizados no site da OMS em português, espanhol, francês e inglês, podemos notar que apenas alguns dos documentos em português, destinados à circulação em território brasileiro, trazem a denominação hanseníase em substituição ao termo lepra, que é largamente utilizado em todos os outros idiomas de forma equivalente, uma vez que a lepra também é conhecida como hanseníase ou mal de Hansen.

Para efeitos desta tese, os termos hanseníase e lepra² são usados de forma equivalente, salvo quando apontada alguma situação em que houver qualquer alteração no efeito de sentido, proveniente de tal substituição. A fim de indicar alguns dos efeitos de sentido ligados a tais termos, apresentamos a seguir algumas informações sobre esta entidade mórbida/patológica sobre a qual traçamos nossa investigação.

A lepra é uma doença crônica, infectocontagiosa, causada por um bacilo capaz de infectar um grande número de indivíduos, embora poucos adoeçam (BRASIL, 2017). O Guia de Vigilância Epidemiológica do Ministério da Saúde do Brasil destaca que a lepra parece ser uma das mais antigas doenças que pode acometer o homem (BRASIL, 2017). A transmissão da doença se dá essencialmente pelo contato com indivíduos adoecidos, especificamente nos que possuem a chamada forma multibacilar da doença e que não estão em tratamento. Esses eliminam o bacilo para o ambiente tendo como via de contágio as vias aéreas superiores (mucosa nasal e orofaringe).

Mesmo após infectado, um indivíduo pode permanecer com o bacilo incubado, sem manifestar a doença, por um período que pode variar de 7 meses a 10 anos, sem apresentar quaisquer sintomas indicativos da doença. Quando manifestada, a lepra pode apresentar diferentes características de indivíduo para indivíduo, indo desde formas de difícil identificação visual, como a Hanseníase Indeterminada, até manifestações cutâneas de manchas e tumores, como a Hanseníase Tuberculoide e Dimorfa, até uma apresentação caracteristicamente deformante, a Hanseníase Virchowiana (BRASIL, 2017).

² Esclarecemos que tal explicação é necessária porque embora haja uma equivalência entre os termos lepra e hanseníase, se considerarmos os documentos técnicos da área de saúde, em diferentes países, historicamente, os termos podem ser entendidos de maneira distinta. No caso dos documentos técnicos, apenas o Brasil aboliu o uso do termo lepra, embora o mesmo seja largamente utilizado em diferentes países e, nesse sentido, podemos afirmar que lepra é uma paráfrase de hanseníase. Já, no sentido histórico, o termo hanseníase é indicativo de uma doença infectocontagiosa dermatológica, enquanto o termo lepra, em diferentes momentos históricos, assume efeito de indicar desde um grupo de distintas doenças dermatológicas, tanto as infectocontagiosas como a hanseníase, até doenças de caráter reumatológico, como o vitiligo ou mesmo afecções fúngicas.

Partindo, principalmente, de uma linha de tempo traçada pela *International Leprosy Association* (SASAKAWA MEMORIAL HEALTH FOUNDATION, 2016), bem como dados históricos extraídos de outras fontes, apontamos alguns dados históricos que podem nos ajudar a compreender melhor a trajetória da lepra e seus efeitos de sentido ao longo do tempo, especialmente sua situação no Brasil. A nossa escolha por tratar especificamente da situação da lepra no Brasil vem de alguns fatos que, a nosso ver, tornam o referido país singular no manejo da doença e também em relação ao imaginário construído em torno dela.

Um tratado de Leprologia da década de 1950 aponta que a doença chegou ao Brasil através dos Portugueses, tendo os primeiros casos sido descobertos nas cidades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife, no fim do século XVI e início do século XVII (SERVIÇO NACIONAL DE LEPROLOGIA, 1950). A doença era desconhecida até então para os índios e é pouco provável que tenha chegado através dos escravos oriundos da África, em virtude do controle que era exercido pelos traficantes de escravos em relação à aparência dos indivíduos que seriam destinados ao comércio escravagista. Nesse sentido, seria difícil que um escravo acometido pela lepra passasse despercebido por tal controle, pois, apesar do tempo de incubação poder ser relativamente longo, a lepra é uma doença que está associada ao sistema imunológico do indivíduo o qual estaria debilitado e manifestaria a doença com mais rapidez, se considerarmos as condições de transporte de escravos nos porões dos navios negreiros e o tempo das viagens marítimas.

Data de 1696, o primeiro registro da prevalência³ da lepra no Rio de Janeiro. Tal registro foi organizado por iniciativa do então governador Artur de Sá e Meneses. Dois anos depois, este mesmo governador pede autorização ao rei para que ocorresse a instalação de um hospital de leprosos para tentar melhorar a condição de saúde destes indivíduos (SASAKAWA MEMORIAL HEALTH FOUNDATION, 2016). Em 1741, foi instituída a primeira lei anti-lepra para o Brasil, originada de uma comissão formada por três médicos lisboetas. Esta lei considerava a lepra uma doença contagiosa de maior ou menor grau de acordo com o seu tipo clínico, e, por isso, a segregação de todos os casos confirmados foi recomendada.

³ A prevalência é um dado estatístico que se destina a medir o quão comum é uma determinada doença. Para isso, registra o número de indivíduos doentes em um dado território num momento temporal específico, por exemplo, a prevalência de casos de lepra no Rio de Janeiro no mês de março de 1956.

Em 1763, a fraternidade católica “Irmandade da Candelária” assumiu o asilo para leprosos no Rio de Janeiro, o qual foi chamado de Hospital dos Lázaros. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, uma série de instituições denominadas Hospital dos Lázaros, em diferentes estados do Brasil, foi fundada no intuito de atender aos leprosos (Hospital dos Lázaros da Bahia, 1787; Hospital do Lázaros de Recife, Pernambuco, 1789; Hospital do Lázaros de Cuiabá, 1814; Hospital de São Lázaro, Minas Gerais, 1897). Um fato que nos chama atenção é que o nome dado a estes hospitais faz alusão a uma conhecida figura bíblica do novo testamento, Lázaro, o qual tinha, segundo o relato bíblico, uma doença que lhe cobria o corpo de chagas, no entanto em nenhum momento a Bíblia cristã diz que Lázaro era um leproso. Salientamos que a relação entre Lázaro e a lepra será abordada, em alguma medida, no segundo capítulo desta tese. Em 1833, o primeiro Hospital-Asilo foi construído em São Luís, Maranhão.

Em 1912, Emílio Ribas, diante da ascensão dos casos de lepra, propõe que o isolamento dos doentes seja realizado em asilos-colônia, onde estes poderiam ter uma vida similar à de pessoas saudáveis (SERVIÇO NACIONAL DE LEPROLOGIA, 1950). Com base na proposta de Ribas e também a partir da iniciativa do médico sanitарista Carlos Chagas foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, no qual estava incluída uma Divisão de Controle da Lepra. Essa foi a primeira vez que atividade sanitária concernente à lepra foi organizada em relação à saúde pública no Brasil (SASAKAWA MEMORIAL HEALTH FOUNDATION, 2016).

A *International Leprosy Association* aponta que em 1927 começam, no Brasil, atividades anti-lepra, com o isolamento de pacientes. Em 1930 um comitê governamental foi formado para estudar a doença. A partir de 1965, passa vigorar uma lei eleitoral (Lei nº 4737, de 15/07/1965) que manda esterilizar os títulos eleitorais dos leprosos. Tal lei foi revogada por medida Provisória apenas no ano de 1989. Segundo site do Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase (MORHAN), o ano de 1995 marca uma conquista, por parte deste movimento. Tal conquista está baseada na promulgação da Lei 9.010/1995 (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1995) que proibiu o uso do termo lepra em documentos oficiais por qualquer órgão público nos três níveis de governo (MORHAN, 2011).

Diante da apresentação de tais dados históricos, cumpre-nos esclarecer que o interesse por estudar tal temática é oriundo, principalmente, de nossa dissertação de mestrado na qual trabalhamos com Representações Sociais de indivíduos que estavam em tratamento para tuberculose pulmonar ou que haviam concluído há até dois anos o referido tratamento (SANTOS, 2010). Apesar de ter pesquisado outra doença, também com um forte imaginário e

com uma série de imagens estereotipadas, é interessante esclarecer que dada a natureza estigmatizante de ambas, tuberculose e lepra/hanseníase, estas fazem parte do mesmo programa de combate no Ministério da Saúde no Brasil, compartilhando ainda, nas unidades de saúde, costumeiramente, o mesmo espaço físico para tratamento dos indivíduos doentes. Tal espaço é tradicionalmente isolado das demais áreas em diversos postos e unidades de saúde.

Na pesquisa desenvolvida durante o mestrado, tomamos não a doença como foco principal, mas as Representações Sociais de indivíduos que vivenciaram a doença e seu tratamento. Assim, utilizamos como estratégia de coleta de dados um roteiro para realização de entrevista semiestruturada, além de uma pergunta base para realização de teste de associação livre de palavras (TALP). Os dados coletados foram analisados com o intuito de investigar tanto o conteúdo, através das entrevistas, quanto a estrutura, por meio do TALP, das Representações Sociais acerca de indivíduos que vivenciaram a Tuberculose Pulmonar. Esclarecemos que a delimitação Tuberculose Pulmonar, presente no título da dissertação vem do fato de a doença ser multissistêmica, podendo acometer não apenas os pulmões, sua forma mais conhecida, mas também: ossos, rins, olhos, pele, dentre outros.

O conteúdo das Representações Sociais foi analisado a partir da técnica de Análise de Conteúdo na modalidade Temático-Categorial, tomando por base as discussões empreendidas por Bardin (2009). Já a estrutura representacional foi analisada a partir da construção de um quadro de quatro casas utilizando um *software* específico, o EVOC, versão 2000. Dentre os resultados da análise do conteúdo representacional oriundos de categorias de Análise de Conteúdo, uma se destacou e nos intrigou, a categoria espiritualidade, por meio da qual verificamos falas em que os indivíduos atribuíam sua melhora não ao tratamento medicamentoso, mas a uma possível intervenção divina, na mesma perspectiva suas recaídas e adoecimento eram atribuídos ao diabo ou Satanás.

Considerando a descrição da lepra/hanseníase nos textos bíblicos, assim como da tísica, como também é conhecida a tuberculose, surgiram alguns questionamentos que cogitamos pesquisar acerca de uma possível memória sobre a doença construída a partir de tais textos e possivelmente propagada por diferentes denominações religiosas. Além disso, considerando também a forte presença, no Brasil, das chamadas igrejas pentecostais e neopentecostais, as quais costumeiramente lidam com os chamados carismas ou dons espirituais, tais como as curas divinas, conforme descritas nos milagres bíblicamente narrados, bem como os exorcismos, presentes em algumas situações vivenciadas pelo Cristo

nos evangelhos e por alguns dos seus apóstolos conforme as epístolas paulinas, interessou-nos investigar como a lepra seria tratada entre os pentecostais e neopentecostais.

Para tanto, partindo da constatação de que o tema da lepra aparece em diferentes momentos da história da humanidade, enunciado sob diferentes perspectivas e em distintos campos do conhecimento, tais como o da política, o da medicina e também o da religião, buscamos analisar, nesta tese, o emprego discursivo do termo lepra, mobilizando, como direcionador de nosso trabalho, um conceito operacional que, no nosso entender, ajuda a explicar a relação entre o referido tema e os estudos da memória.

Uma vez que nos voltamos para a investigação de material textual sob uma perspectiva de que há certo discurso sobre a lepra que funciona tendo por base uma memória, trabalhamos com a noção de memória discursiva. E, apesar deste conceito ter sido inicialmente cunhado por Courtine (2014[1981]), optamos por utilizar a perspectiva adotada por Pêcheux (2015[1983b], p.46), o qual defende que “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’[...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Desta feita, tomando os textos que analisamos nesta tese como materialidades significantes, defendemos que seja possível analisar o que se repete sobre a lepra, considerando, para tanto, o funcionamento da memória discursiva.

Dessa forma, mesmo que nosso interesse inicial sobre o tema esteja atrelado ao campo religioso como um todo, optamos por investigar este campo direcionando nossa análise sob a ótica do movimento (neo)pentecostal no Brasil. O motivo de escolhermos este movimento é o fato de que as igrejas que a ele estão atreladas associam as mais diferentes situações do cotidiano, desde problemas sociais, políticos e mesmo questões pessoais, como doenças e mortes, à intervenção divina e à manifestação de dons e virtudes espirituais, como curas milagrosas e exorcismos. Estes últimos são de nosso especial interesse, já que a lepra é uma doença crônica que é explicada por algumas igrejas como resultado da intervenção divina como uma praga ou ainda como o resultado da intervenção maligna, que se materializa por meio de manifestações demoníacas.

Para realizar a pesquisa que resultou neste trabalho, o foco das análises foram as produções textuais oriundas, principalmente, de duas igrejas, tendo como base sua

importância histórica no movimento pentecostal no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Universal do Reino de Deus.

A primeira igreja escolhida, Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), é apontada por Freston (1993) como o estopim para a chamada segunda onda⁴ do pentecostalismo brasileiro. Um destaque interessante é que a IEQ é a única grande denominação cristã iniciada por uma mulher e que apresenta o que Freston (1993) denomina de um pentecostalismo diferente dos demais do seu tempo, meados da década de 1950, pois, para esse tipo de pentecostalismo, “o pecado e o inferno perdem a centralidade, em favor do apelo às necessidades sentidas de cura física e psicológica” (FRESTON, 1993, p. 84). O foco na cura divina não era uma novidade na época, no entanto, o que a IEQ traz de diferente sobre esse fato é a massificação das curas e sua prática pública. Esta prática eclesial voltada para a cura divina, bem como sua importância na evolução do movimento pentecostal brasileiro foram os motivos pelos quais resolvemos tomá-la como um dos pontos de partida para nossa análise.

Já a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é apontada por Freston (1993) como o mais famoso produto institucional da chamada terceira onda do pentecostalismo brasileiro, inaugurando o chamado movimento neopentecostal. Na IURD, a cura divina é, por vezes, associada ao exorcismo e há um enfoque maior na prosperidade de origem divina. Freston (1993), ao sinalizar as características da IURD, destaca que nesta há um “amplo uso da visão, do tato e dos gestos” (FRESTON, 1993, p. 99). Ainda segundo o referido autor, tal uso dá por meio de um vasto uso de símbolos como: o pão da fartura, a maçã do amor, a rosa consagrada, o nardo ungido, a sarça dos milagres, o sabão em pó ungido, além de reuniões de caráter ritualístico, como a “Reunião da Paz” e a “Vigília do Clamor de Jonas”. Nesse sentido, a IURD é apontada como “uma atualização das possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo” (FRESTON, 1993, p. 100).

Desta forma, entendemos que, dada a importância e a dimensão do movimento pentecostal no Brasil, as igrejas escolhidas caracterizam-se como pontos chave para entender o tema da lepra sob a ótica religiosa segundo o enfoque pentecostal. Se a ênfase da segunda

⁴ Considera-se que o movimento Pentecostal no Brasil pode ser entendido a partir de três ondas. A primeira onda foi iniciada pela Congregação Cristã no Brasil (1910) e pelas Assembleias de Deus (1911). Já a segunda onda teve como representantes A Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). A terceira onda, que inaugura o chamado neopentecostalismo, tem como iniciadores a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) (MATOS, 2006).

onda do movimento pentecostal foi a cura, na terceira, o foco é a libertação, por meio do exorcismo (FRESTON, 1993), sem, no entanto, desagregar tal libertação de uma certa noção de cura. Assim, acreditamos ser pertinente investigar o possível funcionamento de uma memória sobre a lepra no que acreditamos ser o discurso (neo)pentecostal, termo adotado por nós para caracterizar o movimento pentecostal a partir da segunda onda do Pentecostalismo brasileiro

A partir das considerações acima apresentadas, surge a seguinte questão-problema: **qual o funcionamento dos efeitos de sentido do termo lepra na atualidade, partindo da relação com a memória do discurso religioso?** Para responder a tal pergunta, formulamos as seguintes hipóteses: i) há pelo menos um discurso fundador, o discurso religioso, que norteia os efeitos de sentido sobre a lepra; ii) no discurso religioso, a lepra é abordada a partir de um *ethos* característico, vinculado aos enunciadores que tratam de tal temática; e iii) a lepra, funcionando com base em uma relação entre memória e atualidade, está presente em diferentes campos discursivos com efeitos de sentido que retomam, em alguma medida, o discurso religioso.

A fim de comprovar ou infirmar tais hipóteses, elaboramos o seguinte objetivo geral: **analisar, partindo do discurso religioso, os diferentes funcionamentos da memória sobre a lepra na atualidade.** E como objetivos específicos: a) analisar, a partir da noção de discurso constituinte, estabelecida por Maingueneau e Cossuta, a constituição do discurso sobre a lepra a partir dos discursos religioso e médico-científico; b) verificar, a partir de produções discursivas oriundas de duas igrejas, uma pentecostal e uma neopentecostal, se há um *ethos* e uma cenografia característicos vinculados, em alguma medida, ao tema da lepra; e c) investigar, a partir da noção de fórmula, baseado em Krieg-Planque, bem como às noções de destacabilidade e enunciação aforizante, conforme apresentada por Maingueneau, se há uma construção formulaica, funcionando em diferentes campos discursivos, a qual retoma uma memória da lepra

No intuito de analisar o funcionamento do discurso religioso, é importante destacar a perspectiva que propusemos para este fim. Desta maneira, a análise foi realizada utilizando o dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso (AD), que, juntamente com os pressupostos do método indiciário (GINZBURG, 1989), permitiu uma investigação minuciosa do *corpus*. Buscamos, assim, no material coletado, indícios que sugerissem a relação entre uma materialidade linguística e uma materialidade histórica, o que nos mostrou a existência de um discurso sobre a lepra, vinculado, principalmente, ao discurso religioso.

Os dados coletados consistiram em letras de músicas que circulam no meio (neo)pentecostal, obtidas por meio de busca pela internet, a partir dos termos lepra, leprosa, leproso e letra de música, através dos operadores booleanos ‘e’ e ‘ou’. O corpus de análise foi composto também por esboços de pregações, pregações e ensaios específicos das igrejas escolhidas, bem como vídeos contendo pregações e testemunhos sobre o tema. Os vídeos foram coletados no site do *youtube* e após seu *download*, foram analisados em busca de indícios, nos enunciados, de elementos discursivos caracterizadores da lepra; não nos propusemos aqui a analisar os gestos, indumentárias ou quaisquer elementos em vídeo, mas apenas as falas como elementos discursivos textuais. Uma terceira parte do *corpus* foi composta através de múltiplas buscas utilizando o Google e combinação dos descritores: lepra e política, lepra e judiciário, lepra e mídia e lepra e sociedade. Devido a limitações operacionais, como o prazo para apresentação da tese bem como a necessidade de um maior tempo para verificar os múltiplos resultados obtidos em cada busca, da ordem de milhares, optamos por utilizar as dez primeiras páginas de resultados e, após a seleção do material considerado pertinente, procedemos a análise do *corpus*.

Esta tese foi estruturada em quatro capítulos: a introdução e três capítulos de discussão e análise. O objetivo do segundo capítulo é analisar, a partir da noção de discurso constituinte, estabelecida por Maingueneau e Cossuta, a constituição do discurso sobre a lepra a partir dos discursos religioso e médico-científico. Para tanto utilizamos a Bíblia Cristã protestante, principalmente a versão Almeida Corrigida e Fiel, selecionando todos os textos que apresentaram os termos lepra, leproso e leprosa, a partir do software e-Sword versão 11.0.6 para o Microsoft Windows.

No capítulo três, partindo de um *corpus* composto por letras de música com circulação tanto no meio pentecostal quanto no meio neopentecostal, designado por nós simplesmente como (neo)pentecostal, bem como por pregações e transcrições de vídeos de pregações e testemunhos, analisamos a presença de um provável *ethos* característico que nos permitisse compreender a memória e os efeitos de sentido sobre a lepra, bem como as cenografias utilizadas nas enunciações sobre esta doença. Assim, a fim de mantermos paralelismo na estratégia de análise, o *ethos* analisado sempre se referirá ao material escrito, tanto das letras de músicas, quanto das pregações e testemunhos transcritos, sem nos determos em outros elementos dos vídeos.

No capítulo quatro, a partir de textos produzidos em diferentes campos discursivos, como o político, o midiático, dentre outros, analisamos se existe, no discurso sobre a lepra ou na utilização do referido termo, o funcionamento de uma fórmula ou de uma construção

formulaica. Para tanto, recorreremos aos postulados de Krieg-Planque (2010), a qual apresenta as propriedades da fórmula. Desta forma, buscamos verificar se nestes outros campos, distintos do campo religioso, existe a reconfiguração ou a manutenção dos efeitos de sentido já identificados no campo religioso de forma cristalizada. Buscamos, ainda, analisar a utilização discursiva do termo lepra (e construções correlatas) como um referente social, vinculado a certa memória discursiva.

Entendemos que ao fim deste trabalho será possível oferecer à comunidade científica um outro olhar sobre a lepra, o qual permita compreender não apenas a doença e o processo de adoecimento, mas os efeitos de sentidos que persistem, pela memória, na sociedade e que impactam não apenas aqueles identificados com a doença, mas qualquer indivíduo ou mesmo instituição que possa estar subjetivada no lugar de leproso/leprosa.

Compreendemos ainda que, como profissional de saúde, ao tratarmos este tema sob uma ótica distinta da análise de processos mórbidos ou de intervenção clínica sobre o adoecimento, podemos contribuir para que outros profissionais tenham acesso a uma outra abordagem das doenças que impactam o indivíduo não apenas em seus sistemas orgânicos, mas no seu entendimento acerca de si mesmo na sociedade, a partir dos diferentes efeitos de sentido aos quais esteja identificado.

2. A MEMÓRIA SOBRE A LEPRA NOS DISCURSOS FUNDADORES RELIGIOSO E MÉDICO-CIENTÍFICO

O termo lepra retoma, ao mesmo tempo em que reconfigura, uma série de efeitos de sentido que estão relacionados a uma memória que se constituiu ao longo do tempo. Tais efeitos se inscrevem dentro da temporalidade, persistindo por durações não determinadas, bem como se reinscrevendo nesta mesma temporalidade a partir de configurações e reconfigurações que estão relacionadas a diferentes condições de possibilidade⁵. Nesta acepção, há diferentes efeitos de sentido ligados ao termo lepra: impureza, independentemente da natureza desta; pecado; maldição; consunção física e, de certa forma, moral; ostracismo e perda de identidade, para citar apenas alguns dos efeitos que consideramos aqui mais relevantes.

Com base nessas diferentes concepções, discutimos, neste capítulo, o que é tematizado sobre a lepra a fim de verificar no texto bíblico e nos textos médicos-científicos os enunciados a partir dos quais tais sentidos constituíram o que na atualidade poderia se considerar um discurso sobre a lepra. Trata-se, portanto, de verificar como diferentes enunciadore, subjetivados em diferentes posições, abordaram este tema. Tal discussão será desenvolvida com base, inicialmente, na análise de textos da Bíblia Sagrada em diferentes versões, todas direcionadas ao protestantismo. Dessa forma, buscamos elucidar parte do processo de construção do que na atualidade parece ser uma memória que permanece, mesmo que (re)configurada, sendo associada a uma doença contemporânea, a hanseníase. Esta associação da lepra com a hanseníase remete a outro campo no qual a questão da lepra pode ser abordada: o discurso médico-científico. No Brasil, quando analisamos publicações oficiais do Governo Federal, verificamos que permanecem dúvidas acerca da relação entre lepra e hanseníase. Em um dos programas da Secretaria Especial de Direitos Humanos, por exemplo, lemos que “o nome ‘lepra’ foi substituído por hanseníase somente em 1995” (“Secretaria de

⁵ Para entender a expressão “condições de possibilidade”, fazemos remissão à obra “**A Arqueologia do Saber**”, de Michel Foucault (2014[1969]), especialmente quando, no referido texto, o autor discute as Regularidades Discursivas. A respeito das condições de surgimento de certo objeto de discurso, o autor nos convida a pensar sobre as condições históricas para que desse objeto se possa dizer alguma coisa, e para que, também em relação ao objeto, várias pessoas possam dizer coisas diferentes. Discute ainda as condições para que um objeto estabeleça relação de aproximação e de distanciamento em relação a outros objetos. Estas condições mostram que nem tudo pode ou deve ser dito a qualquer instante sobre qualquer objeto, mas há condições para que se estabeleça o que é dito e validado em um certo momento histórico a partir de um objeto de discurso em questão.

Direitos Humanos da Presidência da República”, 2015) e isto por força de lei. Contudo, a questão da substituição dos termos é tão controversa que, na mesma *webpage*, há uma informação de que o termo lepra foi proibido de ser utilizado em documentos oficiais do Ministério da Saúde desde 1976.

Por tudo isso, neste capítulo, objetivamos, como dito acima, verificar que discursos se encontram materializados, nos campos religioso e médico-científico, em relação à lepra. Para tanto, partindo da hipótese de que tanto o discurso religioso quanto o discurso científico⁶ são discursos constituintes e de que o termo lepra circula bastante no interior dos referidos discursos, buscamos demonstrar que o tema da lepra funciona, nos referidos campos, conferindo sentido a atos de coletividade a fim de garantir uma certa regularidade no/do discurso (MAINGUENEAU, 2008a). Estes atos de coletividade são aqui entendidos como relacionados às práticas desenvolvidas nos meios pentecostal e neopentecostal e que se encontram embasadas em um possível discurso segundo o qual a lepra é um elemento de segregação. Os chamados meios pentecostal e neopentecostal aqui referidos são analisados, neste trabalho, como já indicamos na introdução, a partir das práticas da Igreja do Evangelho Quadrangular e da Igreja Universal do Reino de Deus, respectivamente. Desta feita, entendemos que o pensamento social a respeito de determinado tema pode encontrar sustentáculo nos mais diversos discursos e são estes mesmos discursos que pretendemos examinar ao pensar o funcionamento da sociedade no que tange ao tema da lepra.

Para tanto, inicialmente, discutimos a noção de discurso constituinte, conforme proposta de Maingueneau e Cossutta (1995), a fim de verificar se um possível discurso sobre a lepra está relacionado ao campo religioso, analisando, ainda, a correlação deste campo com a Bíblia, enquanto texto fundador. Nessa perspectiva, defendemos que, estando vinculado ao discurso religioso, o qual, segundo os autores citados, é um discurso constituinte, o tema da lepra assume efeitos de sentido que se perpetuam e/ou se reconfiguram a partir da memória fazendo com que, cada vez que este tema seja evocado na atualidade, haja certa vinculação ao texto bíblico. Mostramos, assim, nas análises empreendidas neste capítulo, que o texto bíblico cristão se estabelece como texto fundador dos efeitos de sentido que circulam, também na

⁶ O discurso científico nos interessa aqui porque ele é quem fundamenta o discurso médico, o qual, como veremos, aborda o tema da lepra. É por isso que, neste capítulo, faremos referência ao que estamos chamando de “discurso médico-científico”.

atualidade, sobre a lepra, tendo papel crucial na construção da memória que persiste acerca deste tema. Em um segundo momento, analisamos como um possível discurso constituinte médico-científico se estabeleceu em diferentes momentos históricos. Entendemos que o campo científico é, a rigor, o ponto central para discussão de tais questões no discurso médico, mas consideramos que especificamente o tratamento dado pela terminologia médica, dentro do campo científico é o que nos interessa, dado o atual conhecimento sobre a lepra e sua designação contemporânea, hanseníase. Desta maneira, tentamos estabelecer uma espécie de busca, ao longo da história da medicina, dos diferentes efeitos de sentido atribuídos à lepra e ao leproso.

2.1. A NOÇÃO DE DISCURSO CONSTITUINTE

Em um artigo publicado em 1995, na *Revista Langages*, Maingueneau e Cossuta apresentam à comunidade científica, em especial àqueles interessados na Escola Francesa de Análise de Discurso, uma nova categoria, a de discursos constituintes, que agrupa uma série de discursos, dentre os quais o religioso, o filosófico, o literário, o científico, e que permite “pôr em evidência propriedades comuns (desses discursos) que são invisíveis ao primeiro olhar” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

A pretensão desses discursos, definidos como constituintes, é de não reconhecer qualquer outra autoridade sobre si, além de sua própria. Desta forma, o efeito que se estabelece é que esses discursos fundam, mas não são fundados por quaisquer outros (MAINGUENEAU; COSSUTTA, 1995). Nesse sentido, não há qualquer ação externa das diversas outras zonas de produção verbal que possa influenciar tais discursos, pois, independentemente da interação entre discursos constituintes e não constituintes, os primeiros têm por natureza submeter os últimos a seus próprios princípios.

A respeito desta submissão imposta pelos discursos constituintes sobre os não constituintes, destacamos uma função simbólica operacionalizada pelos autores citados para esclarecer tal funcionamento, a noção de *archeion*. Tal termo remete ao lugar de funcionamento de autoridade, exemplificado pelos autores desde a ideia de lugar físico, como um palácio, a sede de um possível poder monárquico, até um corpo de magistrados, associado à autoridade jurídico-legal e mesmo a arquivos públicos, que encerram em si a autoridade de legitimar documentos e registros históricos. “O *archeion* associa assim intimamente o trabalho de *fundação* no e pelo discurso, a determinação de um lugar associado a um *corpo de enunciadores consagrados* e uma gestão de *memória*” (MAINGUENEAU, 2008a).

Deve-se esclarecer que os discursos constituintes encerram em si, a partir desta noção de *archeion*, uma certa concepção de autoridade última. Estes discursos são ao mesmo tempo auto e heteroconstituintes, “duas faces que se supõem reciprocamente: só um discurso que se constitui tematizando sua própria constituição pode desempenhar um papel constituinte para outros discursos” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 39). Partindo, portanto, desta citação de Maingueneau, detemo-nos no tema inicialmente proposto, a lepra. A partir do texto bíblico, brevemente analisado na seção seguinte, verificamos que um dos efeitos que circulam acerca do indivíduo leproso é o que estabelece uma relação parafrástica entre leproso e imundo. Se considerarmos essa relação como vinculada a certo discurso constituinte, que tematiza sobre si mesmo e a partir do qual outros discursos se constituem, é possível entender que este efeito de sentido, tomado a partir do texto bíblico, o qual exerce posição de autoridade sobre o discurso religioso, estabelece que o leproso é um indivíduo imundo cerimonialmente. Entendemos assim que, com base em certa memória que se fundamenta no texto bíblico, o leproso deve ser considerado indigno da presença divina, estando, portanto, impedido de compartilhar do mesmo espaço com os demais fiéis, os “puros”. Ao mesmo tempo, esta ideia de impureza é reconfigurada para pensar a noção de sanitização e higienização das cidades, a exemplo do que aconteceu em Parintins no início do século XX⁷, onde, para higienizar, suscitou-se a necessidade de limpar as cidades e parte desta limpeza deveria ser feita afastando aquilo que poderia torná-las imundas. Nessa perspectiva, uma das medidas adotadas foi afastar os leprosos da cidade, o que, tendo vista o objetivo de sanitizar, justifica sua segregação para longe do convívio com os demais cidadãos devidamente higienizados (ARCHANJO; ARCHANJO, 2016).

Estes discursos constituintes não apenas tematizam sobre si em sua constituição, mas também funcionam imbrincados aos demais discursos constituintes, renegociando seu estatuto em relação aos demais. No artigo de Maingueneau e Cossuta (1995), isto é exemplificado tomando como ponto de partida a relação existente entre o discurso científico e suas relações de negociação e confronto com os discursos religioso e filosófico. Partiremos de um outro

⁷ Nas palavras de Archanjo e Archanjo (2016), na primeira metade do século XX, as autoridades parintinenses, influenciadas pela onda de modernização das cidades, buscaram: higienizar, clarear, deslamear, desodorizar, desinfetar e iluminar a cidade, ou mais especificamente, aformosá-la. Para tanto, uma das medidas utilizadas foi a busca de casos de hanseníase para que os indivíduos fossem devidamente e compulsoriamente isolados. Para uma discussão mais aprofundada acerca das medidas que foram adotadas pelo poder público nesta cidade no que tange ao tema da lepra/hanseníase, consultar Archanjo e Archanjo (2016).

exemplo, a fim de mostrar como tais negociações ocorrem na relação entre o campo religioso e o campo científico. No discurso religioso, o texto bíblico funciona como a principal fonte de autoridade, pois traz em si as palavras daquele que valida todo esse discurso, Deus. O texto bíblico, ao ser considerado como texto fundador, remete a uma figura de autoridade que não deve ser problematizada pelos fiéis. Contudo, além de buscarem embasamento na Bíblia, alguns enunciadores do campo religioso recorrem também ao discurso científico, como forma de legitimação de atividades enunciativas de alguns de seus representantes, como ocorre no caso, por exemplo, dos sermões. Assim, um pastor pode se valer da existência cientificamente comprovada do fenômeno da hematidrose⁸ para legitimar o sofrimento do Cristo ao ter seu suor misturado com sangue, um evento conhecido pela cristandade como parte do martírio sofrido por Jesus em eventos bíblicamente descritos que antecedem sua crucificação. Desta maneira, se fosse desconhecida a possibilidade de que ocorra a hematidrose, o evento bíblicamente descrito no livro de Lucas, capítulo 22, em que o Cristo ora mais intensamente e em agonia, e seu suor escorre como grandes gotas de sangue que vão até o chão, poderia ser entendido apenas como um fenômeno espiritual, o qual seria validado unicamente pela Bíblia. Contudo, uma vez mobilizado um elemento de outro discurso constituinte, o científico, ocorre uma contravalidação dos eventos, sugerindo que o enunciado se encontra materializado na Bíblia, mas que tem, também, base científica.

Os discursos constituintes supõem ainda um permanente conflito entre diversos posicionamentos, os quais são inseparáveis dos grupos que os elaboram e os fazem circular, gerindo-os (MAINGUENEAU e COSSUTTA, 1995; MAINGUENEAU, 2008). Esta noção de posicionamento que parte de uma gestão local busca autorizar-se, de uma forma aparentemente paradoxal, pois supõe uma “fala” globalizada, mas sem utilizar-se de uma doxa globalmente partilhada. Tal paradoxo, apenas aparente, se constitui porque cria-se um efeito segundo o qual os enunciadores falam em nome de Deus, no caso do discurso religioso, e se dirigem ao conjunto dos homens, mas, o que de fato acontece é que esses enunciadores falam a uma comunidade reduzida: os que partilham do referido posicionamento. Desta feita, a suposta fala global acaba sendo realizada, paradoxalmente, de maneira local, ou seja, a

⁸ Hematidrose é a excreção de suor de sangue (DORLAND'S, 2007). Tal fenômeno raro acontece quando um indivíduo em profundo sofrimento físico e em estado de angústia, a partir de um estado já debilitado, tem pequeníssimos vasos sanguíneos, localizados abaixo das glândulas sudoríparas, rompidos, excretando então sangue e suor.

partir de uma doxa, conjunto de crenças, restrito e localizado. Assim, retomando o tema da lepra, e assumindo o texto bíblico como parte de certo discurso constituinte que se autoriza a falar sobre o tema a partir do contexto judaico cristão, podemos verificar que uma doutrina local, a lei mosaica, que foi instituída aos judeus pós-êxodo, permite o surgimento de um efeito de sentido ligado ao tema da lepra: o de que a pessoa que têm a referida doença é um indivíduo imundo. Essa concepção foi reconfigurada, uma vez que a noção inicial, caracterizada no texto bíblico, é de imundície cerimonial, o que torna os indivíduos leprosos inaptos à convivência com aqueles considerados puros diante da presença divina, de tal forma que, na atualidade, o uso do termo leproso autoriza globalmente o deslocamento do efeito de imundo que diz respeito também a indivíduos leprosos, os quais são vistos como inadequados à sociedade. Essa inadequação é pensada quando se tomam as noções de sanitização das sociedades modernas e a necessidade de purificar os ambientes urbanos dos indivíduos ditos impuros.

Este caráter constituinte de certos discursos confere uma particular autoridade a seus enunciados, o que vai além da distinção empírica entre as produções orais e gráficas, isto porque inscrever não significa necessariamente escrever. Assim, apesar das produções gráficas serem “escritas”, tanto estas quanto as produções orais, quando partem da enunciação em discursos constituintes, podem ser inscriíveis em outros discursos. Destarte, produzir uma inscrição, segundo Maingueneau e Cossuta (1995), é não mais falar por si, mas a partir dos traços de um Outro invisível, que associa enunciadores-modelo do posicionamento defendido e, em certa instância, a presença da Fonte que funda o discurso, o que neste caso pode ser entendido como a “Verdade Divina” exposta no texto bíblico. Desta forma, ainda que tais enunciados estejam aparentemente fechados em uma organização interna, eles são passíveis de reinscrição em outros discursos, situando-se em um interdiscurso de tal maneira que se mostram como citáveis.

Os autores citados acima afirmam ainda que a reinscrição é uma possibilidade veemente a estes enunciados, o que dá a entender que estes alimentam toda uma relação interdiscursiva, destacando-se ainda que falar sobre discursos constituintes não é referir-se apenas ao estudo de alguns textos privilegiados. Considerando-se o tema proposto, não é possível tomar apenas a Bíblia cristã como única verdade usada para explicar um possível discurso sobre a lepra, é preciso também lançar mão de textos que criticam, refutam ou mesmo discutem os textos bíblicos. Assim, a partir desta diversidade textual, podem-se distinguir, à luz de tal temática, dentre outros: textos ou gêneros primeiros e textos ou gêneros segundos, assim como, mas não de forma sinônima, textos fundadores e não fundadores.

Deste modo, de uma forma breve, podemos supor, dado o momento de inscrição histórica do texto bíblico vetero testamentário, que a Bíblia, ao tratar da forma de identificar o leproso e da maneira como se deve lidar com tal sujeito, pode ser considerada um texto fundador, pois instaura enunciados que vinculam efeitos de sentido ao ser leproso. Tais efeitos, como veremos adiante, são reinscritos a partir da memória, e reconfigurados em diferentes temporalidades.

Um último aspecto discutido pelos autores quando tratam dos discursos constituintes é a caracterização de sua cena enunciativa. Para tal caracterização, os autores estabelecem uma correlação entre três instâncias que podem elucidar seu funcionamento: a cenografia, o código linguageiro e o *ethos*. O termo cenografia implica a inscrição do enunciado, sua grafia, em uma certa cena, no entanto, isto não deve ser entendido como ligado a uma certeza ou a uma estabilidade imutável. Na verdade, esta cena deve ser entendida para além da noção de quadro, sendo apenas plenamente elucidada quando associada também à ideia de um processo que funciona discursivamente, validando-se apenas por uma relação cíclica que também inclui o uso de um código linguageiro e de um *ethos* que autoriza a locução de seus enunciados. O código linguageiro pode ser entendido como “a maneira como um posicionamento mobiliza a linguagem apreendida na pluralidade das línguas e de seus registros – em função do universo de sentido que procura impor” (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2014). Desta forma o código linguageiro transcende o uso que se faz de uma língua, associando-se mais adequadamente à noção de interlíngua, ou seja, da interação entre línguas, registros e variedades de línguas acessíveis em uma determinada conjuntura. Como exemplo, Maingueneau e Charadeau (2014) explicam que a obra *O Discurso do método*, de Descartes, não foi “apenas” escrita em francês, mas houve um certo uso da língua francesa que enquadra a obra como escrita em uma certa linguagem filosófica. Em relação à parte do *corpus* de análise deste capítulo (os textos bíblicos que tratam da lepra), deve-se entender que apesar de a Bíblia ter sido escrita originalmente em hebraico, aramaico e grego, é possível afirmar que seu código linguageiro é a linguagem sacra. Por isso, enquanto texto de domínio universal e independentemente de ter sido traduzido para uma diversidade de línguas escritas existentes, a noção de linguagem sacra não se perde.

Com base nesta concepção de código linguageiro, a qual suscita a noção de uma interlíngua, é possível compreender o porquê, dada a noção de texto de domínio universal, do efeito de imundo em relação ao leproso ter transcendido o uso judaico da palavra imundo, em seu contexto original. Entendida a linguagem bíblica como texto sacro, verificamos que houve uma inscrição do efeito de sentido de imundo na composição de enunciados que são

inteligíveis não apenas na língua mãe em que foi originalmente concebido, mas, a partir desta interlíngua, sua inteligibilidade é “estendida”, pois está sustentada na autoridade do texto sacro, e não apenas nos sentidos que o termo imundo possa ter na língua judaica.

Além de certa cenografia e de certo uso languageiro, que confere inteligibilidade ao enunciado, há também uma voz, um certo tom que se expressa no enunciador a partir de sua própria postura corporal. Esse *ethos*, essa expressão corporal que materializa o discurso por meio de um certo “tom”, retomando o exemplo até então trabalhado sobre o tema da lepra, vai tornar inteligível uma certa postura corporal de quem enuncia sobre um outro: “se você é leproso então é também um imundo”. Nas seções seguintes, buscamos clarificar esse funcionamento à medida que analisamos parte do texto bíblico que propomos como texto fundante no que concerne à discussão sobre a lepra a partir da ótica do discurso religioso.

2.2. TEXTO FONTE E MEMÓRIA DISCURSIVA: A BÍBLIA EM FOCO

Na seção anterior, discutimos as bases em que Maingueneau e Cossuta (1995) se pautaram para apresentarem os chamados discursos constituintes, dentre os quais é de nosso especial interesse o discurso religioso. Nesta seção, discutiremos os aspectos que estão implicados na constituição de uma certa memória sobre a lepra a partir do texto bíblico e a natureza desta memória.

Para uma tentativa de entendimento do porquê da existência de uma certa memória sobre a lepra, apresentamos algumas considerações, com base, inicialmente, em Fonseca-Silva (2007), especialmente quando a autora retoma uma série de autores para esclarecer os conceitos de domínios de memória e de memória discursiva. Com isso, buscamos apresentar o conceito de memória discursiva e fazer uma aproximação deste conceito com o tema da lepra.

Segundo Fonseca-Silva (2007), Courtine (1981) opera um deslocamento no conceito de *campo associado* ou *domínio de memória*, trabalhado por Foucault, para cunhar e fazer funcionar em seu trabalho o conceito de memória discursiva, a qual intervém no nível do interdiscurso (FONSECA-SILVA, 2007, p. 23). Segundo o próprio Courtine (2014[1981], p. 106), existem “discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles”. Compreendemos que o que é enunciado no interior das práticas discursivas religiosas, seguindo esta noção de memória discursiva, não apenas “fala” para o instante, mas permanece para toda e qualquer outra enunciação que se valha desta fala, bem como se enuncia a partir de um já dito que permaneceu na memória.

É de nosso especial interesse o entendimento desta memória discursiva no que tange aos textos religiosos e, mais especificamente, ao que, nos arriscaríamos chamar, de certo discurso sobre a lepra, analisado a partir do livro bíblico de Levítico, pois defendemos que o referido livro inaugurou novos atos, expressão utilizada por Courtine (2014[1981]), sob a forma de palavras que foram e são retomadas, bem como formulações discursivas realizadas e que viriam a ser realizadas, uma vez que este texto enunciou uma série de efeitos de sentido sobre a lepra. Nesse sentido, pretendemos analisar, nas seções seguintes, o que foi dito, permanece dito e ainda está por si dizer, ao menos em parte, a partir do texto bíblico referido.

Para tanto, consideramos extremamente relevante verificar o que nos apresenta Pêcheux (2008[1983a]) acerca do discurso como estrutura e acontecimento, especialmente quando o referido autor defende que o acontecimento pode ser entendido “como o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2008[1983a], p. 16). No tocante a tal discussão, defendemos que o texto bíblico de Levítico, em especial seu capítulo 13, surge como um acontecimento que instaura certa memória sobre a lepra, e que, a partir de então, será lido, relido e reconfigurado, mas permanecerá discursivamente na memória. Este acontecimento marca, no momento de sua instauração, uma tomada de posição, por parte do povo judeu, em relação à lepra e a certo sentido de imundície, o que, a partir da atualidade daquele acontecimento, funda, na memória, certa noção de exclusão, pontos que serão discutidos adiante.

Consideramos, para efeito desta tese, a Bíblia como texto que surge como acontecimento a ler e a questão da memória como “estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização” (PÊCHEUX, 2015[1983b], p. 46). Nesse sentido, “a memória discursiva seria aquilo que vem restabelecer os “implícitos” de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 2015[1983b], p. 46). Com base nessa perspectiva, considerar a Bíblia como acontecimento discursivo também permite compreender que a leitura desta obra auxilia no entendimento de pré-construídos que são restabelecidos a partir de sua enunciação e que, a partir da memória discursiva, nos permitem entender o efeito discursivo da ausência em face da presença, conforme defende Pêcheux (2015[1983b]).

Dessa forma, postulamos que o texto bíblico de Levítico instaura no discurso judaico cristão a associação da figura do leproso com a idéia de imundície e com a necessidade de exclusão. Assim, ainda que ausente, o texto de Levítico permite que a leitura de textos bíblicos subsequentes, como, por exemplo, aqueles que tratam dos milagres do Cristo, esteja relacionada a um pré-construído segundo o qual os leprosos curados pelo Cristo seriam

imundos e, conseqüentemente, excluídos. É uma memória discursiva que, pautada em textos que surgiram como acontecimentos a ler, neste caso o texto de Levítico 13, instaura uma série de efeitos de sentido que, mesmo em face da ausência desse texto fundador, pois tal texto não precisa estar materialmente presente para que os efeitos de memória que ele estabelece sejam materializados, estão presentes, pela memória, permitindo a compreensão das situações descritas, inclusive em relação ao que significa a cura milagrosa de leprosos pelo Cristo.

Fonseca-Silva (2007) esclarece ainda que “a regularização discursiva se desestabiliza diante de novos acontecimentos, num jogo de força que busca, ao mesmo tempo manter a regularização dos enunciados e perturbar a memória que pode absorver o acontecimento” (FONSECA-SILVA, 2007, p. 24). Diante desta regularização, compreendemos que, face à análise de efeitos de sentido imbricados na memória discursiva, torna-se possível compreender os sentidos presentes em um acontecimento que os retoma na atualidade. Apesar deste jogo de força, uma vez compreendidos quais os efeitos de sentido que estão presentes em uma certa memória discursiva, como, no caso da lepra, os efeitos de exclusão, imundície, contágio, ostracismo, consunção, é possível entender, mesmo que em face a novos acontecimentos, quais destes efeitos de sentido, como em um jogo de “cabo de guerra”, dentre os presentes em uma situação de enunciação qualquer, assumem certa supremacia e se fazem ouvir na atualidade. Poderíamos citar, por exemplo, a partir da existência de uma memória discursiva sobre a lepra, que a tentativa de apagamento do termo por força de lei, a partir da década de 1970, configura-se como um acontecimento que, entendemos, foi absorvido na memória por conta de um acontecimento, diríamos, muito mais “inscrível”, aquele que estabelece a lepra como lugar de exclusão.

A inscrição de certos acontecimentos⁹ sobre a lepra na memória é tal, como a enunciação do texto de Levítico 13, que podemos nos arriscar a utilizar alguns termos de Pêcheux e defender, com base no referido autor, que a lepra, a partir do texto bíblico, está pautada em implícitos que estão “ausentes por sua presença” (PÊCHEUX, 2015[1983b], p. 46). Assim, falar sobre a lepra, ainda na atualidade, mesmo que sem uma remissão direta ao texto bíblico, é, mesmo na ausência desse texto, presentificá-lo no momento em que vêm à

⁹ O que aqui chamamos de acontecimento, quando nos referindo ao texto bíblico de levítico, está relacionado a diferentes situações que, conforme entendemos, parecem servir como instauradores de sentido, como enunciar que o leproso é imundo, que deve ser excluído e que sua doença é oriunda do pecado. Estes acontecimentos, defendemos aqui, instauram sentidos que persistem, ou, poderíamos dizer, que se inscrevem na memória.

tona os efeitos de sentido de: doença que marca a carne, praga, exclusão, bem como impureza e culpa. Constatamos, ainda, que os enunciados que são tomados a partir do texto bíblico revelam uma relação interdiscursiva, pautada na trama dos livros que compõem a Bíblia, escritos e enunciados em diferentes temporalidades, e que estabelecem uma ordem no discurso sobre a lepra, permitindo a compreensão, na atualidade, de uma memória sobre o referido tema. Esta relação entre os diferentes livros bíblicos, a qual revela o funcionamento de diferentes efeitos de sentido sobre a doença/praga, analisada posteriormente, persiste na memória, sendo atualizada e reconfigurada ao longo de certa temporalidade e atualizada com base em novos acontecimentos.

2.3. A LEPRA NO LIVRO DE LEVÍTICO: UM TEXTO FUNDADOR

Postular o texto bíblico cristão como texto fundador é também associá-lo ao estatuto de *Archéion* da produção verbal e dotá-lo da noção de estabelecedor de autoridade sobre aquilo de que trata. Neste sentido, conforme explicitado anteriormente, a Bíblia, enquanto *archéion*, deve ser entendida como o local de legitimação de enunciados e como estabelecadora de enunciados reinscritíveis em outros discursos.

Considere-se ainda que o texto bíblico é composto por uma coletânea de livros de diferentes autores ligados à imagem de uma figura, cuja autoridade confere validade ao que é dito. Em um sentido mais estreito, trata-se de uma adequação a um estado das coisas do mundo. Tal figura de autoridade assegura ainda uma certa adequação aos valores, aos fundamentos de uma certa coletividade (MAINGUENEAU, 2005). Essa figura, que confere este status de validade ao que é dito, é chamada por Maingueneau (2005) de hiperenunciador, e, no contexto da Bíblia, ainda que possa ser retratado por diferentes denominações, estas se vinculam a um mesmo referente, o qual é conhecido em tais livros por Deus, Jeová, Elohim ou, simplesmente, O Senhor. Esclarecemos, ainda, que, mesmo que o texto bíblico possa ser citado por diferentes locutores, o valor dos enunciados destes é estabelecido por uma instância impositiva que é tida como fonte de valores. Desta forma, a fonte de autoridade do enunciado bíblico não é atribuída a um enunciador presente, mas a uma instância superior, uma autoridade transcendente, que não é pragmaticamente associada a um indivíduo, a um locutor específico. Assim, ao acessar o texto bíblico, verificamos que nele a noção de autoridade não é atribuída a um sujeito pragmático, mas à autoridade que o valida, ou seja, ao seu hiperenunciador.

Dentre os livros que compõem a Bíblia, encontra-se o livro de Levítico, que faz a apresentação dos ditames da lei mosaica ao chamado povo escolhido por Deus. Este livro é aqui considerado como a base para estabelecimento de um discurso fundador que norteia o discurso religioso sobre a lepra e que, a partir disto, estabelece o que se fala sobre a mesma. A Bíblia de Estudo *Scofield* (BÍBLIA, 2009) esclarece que este livro é dedicado à adoração e ao serviço do povo redimido, como pode ser observado pelo uso frequente das palavras relacionadas à santidade e ao sacrifício. “Em Levítico, Deus revela-se no Tabernáculo, onde habita no meio do seu povo, e lhes fala do que condiz com sua santidade ao se aproximarem e terem comunhão com ele” (BÍBLIA, 2009, p. 110). A Bíblia de Estudo *Palavras-Chave* (BÍBLIA, 2011) acrescenta ainda que o livro de Levítico, terceiro livro da Bíblia, é “um compêndio para a instrução ética e moral do povo escolhido e, como tal, contém regulamentações civis, sanitárias, cerimoniais, morais e religiosas para a nação de Israel” (BÍBLIA, 2011, p. 119)¹⁰.

No livro bíblico de Levítico, em especial no capítulo 13, são apresentados os ditames sobre a lepra e o leproso, bem como o *modus operandi* de como lidar com tal indivíduo na sociedade de então. Verificamos, assim, que aquilo que é proposto no livro de Levítico não desapareceu com o tempo, mas persiste na memória, sendo (re)configurado em diferentes temporalidades, subsistindo também na forma de crenças e de atitudes ainda tomadas em relação à doença na contemporaneidade. Tal permanência, que se dá sob a forma de crenças e atitudes, é parte do que pretendemos demonstrar ao longo desta tese.

O capítulo 13 de Levítico apresenta algumas noções sobre a lepra que gostaríamos de destacar para nortear algumas discussões em relação ao que subsiste como memória nas práticas discursivas. Inicialmente, verificamos que, em alguns enunciados que separamos, a lepra marca a carne ou a pele, conforme mostram as seguintes citações:

Excerto 1

Quando um homem tiver na pele da sua carne inchação, ou pústula, ou mancha lustrosa, na pele de sua carne como praga da lepra, então será levado a Arão, o sacerdote, ou a um de seus filhos, os sacerdotes (Bíblia, Lv 13:2)

¹⁰ Para esclarecer o conteúdo do livro de Levítico da Bíblia, optamos por utilizar duas Bíblias de estudo como referência, a Bíblia de Estudo Scofield e a Bíblia de Estudo Palavras-Chave. Vale salientar, contudo, que estas duas Bíblias não encerram todo o pensamento cristão sobre este livro.

Excerto 2

E, se a lepra se espalhar de todo na pele, e a lepra cobrir toda a pele do que tem praga, desde a sua cabeça até os seus pés, quanto podem ver os olhos do sacerdote (Bíblia, Lv 13:12).

Neste caso, os enunciados sob análise apresentam ao coenunciador a lepra como um mal que é visível, o qual marca o indivíduo de uma forma inconfundível e que pode ser identificada mesmo sem um olhar cuidadoso. Nesses primeiros enunciados, vemos que não há, ainda, o estabelecimento de uma figura de autoridade, pois eles mostram apenas que a carne é marcada. Dessa forma, qualquer um que seja capaz de identificar tal marca, pode verificar que o indivíduo foi acometido pela lepra.

Ainda sobre os enunciados apresentados acima, vemos que, também na atualidade, há um discurso segundo o qual a lepra marca a carne, discurso esse que apresenta uma concepção sobre a doença de que esta é visível e evidente, trazendo ao sujeito acometido a marca permanente e denunciadora de sua presença. Tal discurso parece estar presente no senso comum, inclusive em piadas, como mostra o seguinte exemplo:

Excerto 3

Em uma cidadezinha do interior, a igreja estava de padre novo. Chegando lá, ele foi conhecer o Juca leproso, na casa do homem, o padre **reparou** que este não tinha um monte de parte da pele, nisso o Juca fala para a mulher: "Querida, o padre novo veio nos visitar, prepara um café. Quando a Maria leprosa chegou e serviu o café para o padre, este virou a xícara para não pegar na asa, o Juca reparou nisso e falou para a mulher: "Querida, olha, o padre pega na xícara igualzinho a gente" (grifo nosso)

Na piada apresentada, vemos a materialização de discursos acerca da lepra e do "sujeito leproso". Este último é marcado, desde o nome (Juca leproso, Maria leprosa) pela doença. Além disso, a lepra é apresentada como contagiosa, uma vez que João Leproso é casado com Maria Leprosa, o que supõe que um deles "transmitiu" a doença ao outro, ou ainda, que leproso devem se casar entre si. Contudo, em relação à marca na carne, vemos que a piada reatualiza discursos segundo os quais a lepra marca a pele, o que pode ser verificado no recurso ao verbo "reparar", que, em sua primeira ocorrência no texto (grifamos), assume o efeito de sentido de "ver", "observar", "verificar", ou ainda, "constatar" - o padre **reparou** que este não tinha um monte de parte da pele. O gatilho da piada, isto é, o momento que "dispara" o riso, ocorre quando Juca leproso diz a Maria que o padre pega na xícara igualzinho a eles, pois, nesse momento, o enunciador da piada mostra que a tentativa do padre

de se esquivar do suposto contágio, ao evitar pegar na asa da xícara supondo ser o local tocado pelos leprosos, não apenas é frustrada, como também faz com que ele corra ainda mais riscos.

Verificamos, assim, que o discurso segundo o qual a lepra marca a carne está presente na memória coletiva, pois, para o senso comum, existe uma percepção de que o indivíduo com lepra é tomado por deformidades sob a forma de ulcerações e manchas, as quais, conforme vimos nos enunciados analisados (tantos os bíblicos quanto a piada), marcam-lhe a carne. Em relação à lepra como praga, temos, no texto de Levítico, os seguintes enunciados:

Excerto 4

Quando um homem tiver na pele de sua carne, inchação ou pústula, ou mancha lustrosa, na pele de sua carne e esta se tornar na sua pele como praga de lepra(...) Se o pelo na praga se tiver tornado branco, e a praga parecer mais profunda que a pele, é praga de lepra; o sacerdote o examinará, e o declarará por imundo (Bíblia, Lv 13:2-3).

Excerto 5

Mas, se a mancha na pele de sua carne for branca, e não parecer mais profunda do que a pele, e o pelo não se tornou branco, o sacerdote encerrará por sete dias aquele que tem a praga” (Bíblia, Lv 13:4).

Nos excertos 4 e 5, vemos que, além de marcar a carne (conforme excertos 1, 2 e 3), a lepra também é uma praga. Esse segundo efeito de sentido reforça o primeiro, o da lepra como algo que marca a carne. Afinal, a marca na carne serve, supostamente, para anunciar que aquele que foi acometido pela referida doença traz em si a danação. A marca funciona, portanto, como algo que indica/mostra a praga, a qual é apresentada como consequência do pecado. Esse enunciado, segundo o qual a lepra é uma praga, indica, ainda, que deve haver um agente que a instituiu sobre o leproso. E, considerando o texto bíblico, o provável agente que institui esta praga é o próprio Deus, o que também pressupõe que o indivíduo acometido pela referida praga tenha pecado, uma vez que pragas são sanções a pecadores ou àqueles que vão de encontro às ordenanças divinas. Esta concepção de que o próprio Deus envia sobre o indivíduo este mal está relacionada também à palavra utilizada no texto original em hebraico, a qual pode ser traduzida por “praga” e também por: golpe, castigo, chaga, marca, nódoa (STRONG, 2011). Ainda segundo a Bíblia Palavras Chave (BÍBLIA, 2011), quando usada com o sentido de golpe, aquele que golpeia é o próprio Deus.

Considerando-se a lepra como praga, cria-se um jogo segundo o qual o leproso é merecedor desta punição, uma vez que para sofrer a mesma, alguma culpa deve estar presente em sua vida. Nessa perspectiva, ele foi marcado para que outros não cometam semelhantes

delitos contra a figura de Deus. Esse efeito de sentido também aparece na atualidade, mesmo que reconfigurado, vinculado tanto ao termo lepra quanto à palavra hanseníase, inclusive, muitas vezes, os próprios indivíduos adoecidos associam sua doença a uma certa noção de pecado, parecendo-lhes que merecem passar por tal calvário, como forma de expiação da culpa, para que possa haver a purificação. Essa auto-culpabilização pode ser verificada nas falas de hansenianos no estudo de Silveira et al., (2014) que são expostas a seguir: “eu tenho que aceitar o que Deus mandou pra mim, uai, Deus mandou pra mim, então não vou falar nada. E assim vou levando a vida, não é?, se eu for ficar triste por causa disso, eu sei que minha situação vai piorar” e “uma doença que é dada por Deus, /.../”.

No que diz respeito à relação entre os termos “lepra” e “hanseníase”, esclarecemos que, no hebraico, a palavra *tsara'at* (traduzida por lepra, na Bíblia) pode fazer alusão a qualquer problema sério na pele ou no couro cabeludo, tanto que, discussões rabínicas relacionam esse termo a aproximadamente setenta e duas doenças, dentre as quais estaria incluída a hanseníase (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010a). Assim, assumindo o texto bíblico como texto fundador, vemos que é possível realizar uma associação, a partir do conhecimento da Bíblia, entre a noção de lepra e a de hanseníase, ou, mais especificamente, verificar que esta associação configura o encontro de uma memória com uma atualidade. Dessa forma, a doença cientificamente conhecida fica vinculada a uma maldição bíblicamente descrita. A própria prática médica, historicamente, parece coadunar com as práticas ritualísticas da Bíblia no que se refere à lepra, embora não convoquem diretamente o texto bíblico como justificativa. Como exemplo dessa relação, um dos relatórios da Comissão de Profilaxia da Lepra, em 1915, “propôs que o Estado criasse mecanismos de um combate mais efetivo de cerceamento aos doentes, impedindo-os, inclusive, de exercerem determinadas profissões e de se casarem, que o isolamento fosse feito em leprosários” (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014, p. 24). Em termos de código linguageiro, apenas em 1976 o termo hanseníase substituiu oficialmente a denominação lepra no Brasil, isto visando minorar o estigma ao doente (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014)¹¹. Destacamos, no entanto, que, apesar da proibição legal em utilizar o termo lepra para informar/discutir a hanseníase

¹¹ Para uma discussão mais aprofundada sobre a utilização do termo lepra, bem como das transformações históricas que ocorreram no Brasil no que se refere ao lidar com a hanseníase, consultar Alves, Ferreira & Ferreira (2014)

nos documentos oficiais da área de saúde no Brasil, o termo ainda é largamente utilizado mundialmente, como pode ser verificado em um site de informe da Organização das Nações Unidas que por meio do efeito metafórico produz um deslizamento de sentido entre os termos lepra e hanseníase ao longo de suas publicações (JÚNIOR, 2016)

É interessante notar no entanto que, apesar de ter havido um mecanismo legal que substituiu, nos meios oficiais, um termo por outro, lepra por hanseníase, isso não produziu o apagamento das relações de sentido entre esses dois termos, uma vez que o vínculo entre lepra e hanseníase continua discursivamente marcado. Assim, verificamos que a relação entre esses dois termos pode ser explicada com base no efeito metafórico¹², conforme explicitado em Pêcheux (2014[1969]) e exemplificado no parágrafo anterior. Ainda de acordo com a noção de efeito metafórico, há pelo menos um discurso no interior do qual lepra e hanseníase podem ser substituídos um pelo outro sem mudar a interpretação deste mesmo discurso. Dessa forma, a situação dois apresentada por Pêcheux (2014[1969]), segundo a qual *x* e *y* são substituíveis um pelo outro, às vezes, mas não sempre, é a que melhor se adequa ao caso em tese. As variáveis *x* e *y*, aqui, são representadas pelos termos lepra e hanseníase, e, a depender do discurso considerado, o efeito de substitubilidade pode ser verificado. Por exemplo, no discurso médico-científico atual, os termos não são plenamente substituíveis, ao menos no Brasil, no entanto, nesse mesmo discurso, considerada a década de 30 do século XX, a substituição ocorre. Já, no discurso religioso, o efeito metafórico funciona a partir de uma substituição quase que total, associando a praga bíblica à doença hanseníase em todos os casos, talvez até como uma maneira de reforçar, lançando mão de um elemento do discurso médico-científico, que os milagres podem dar resposta a um problema da ciência, o que associa as curas divinas a uma doença tida como temida por médicos e doentes.

Vejamos, agora, enunciados bíblicos que mostram que deve haver uma figura de autoridade que identifique a lepra:

¹² Outra possibilidade seria analisar o termo lepra com base na noção de efeito metonímico. Para tanto, consideraríamos a lepra como o termo mais abrangente, uma espécie de hiperônimo de outros termos, tais como hanseníase, imundície, etc. Nesse caso, estaríamos diante de uma metonímia, segundo a qual esses termos supostamente homônimos seriam a parte de um todo mais abrangente, materializado no/pelo lexema “lepra”. Contudo, defendemos que a noção de efeito metafórico responde melhor a perspectiva propriamente discursiva, como a que assumimos nesta tese. A noção de metonímia e/ou de efeito metonímico está mais associada a uma perspectiva semântica ou a uma perspectiva de cunho psicanalítico. Para uma discussão mais aprofundada sobre efeitos metafóricos e metonímicos, consultar Cassana (2017).

Excerto 6

E o sacerdote examinará a praga na pele da carne; se o pelo se tornou branco, e a praga parecer mais profunda que a pele de sua carne, é praga de lepra; o sacerdote, verificando isto, o declarará imundo (Bíblia, Lv 13:3).

Excerto 7

Mas, se a mancha na pele de sua carne for branca, e não parecer mais profunda que a pele, e o pêlo não se tornou branco, então o sacerdote encerrará por sete dias aquele que tem a praga (Bíblia, Lv 13:4).

Aqui, o texto bíblico apresenta, em sua materialidade, a figura do sacerdote como indivíduo capaz de identificar se a marca que aquele que se apresenta à avaliação é ou não lepra. Verificamos, assim, que há um lugar de autoridade a ser ocupado em uma certa ordem do discurso sobre a lepra, o lugar de quem enuncia à sociedade que nela está presente mais um leproso. No discurso religioso, aqui pautado no texto bíblico, essa figura é a do sacerdote, alguém tido como fiel à vontade divina e como representante das leis de Deus. Dele é o papel de declarar que a lei divina foi infringida e que, por isso, o que lhe é apresentado é alguém sentenciado pelo próprio Deus.

Esse lugar de autoridade, responsável por dizer se a lepra está ou não presente, é, na atualidade, ocupado pelo discurso científico, através da figura do médico, aquele que, na contemporaneidade, enuncia se alguém tem ou não hanseníase e apresenta à sociedade, por meio do diagnóstico, a realidade da doença.

Esta presença na sociedade autoriza o sacerdote da Bíblia a identificar publicamente a figura do “imundo”, como mostram os enunciados abaixo:

Excerto 8

/.../ o sacerdote, verificando isto, o declarará imundo (Bíblia, Lv 13:3)

Excerto 9

/.../ o sacerdote o declarará imundo; é lepra (Bíblia, Lv 13:8).

Excerto 10

/.../ por todos os dias em que a praga estiver nele, será imundo; imundo é; habitará só; a sua habitação será fora do arraial (Bíblia, Lv 13:46).

Os excertos mostram que o indivíduo que fora identificado, pelo sacerdote, como marcado por esta praga, logo leproso, também é caracterizado como imundo. E, se é imundo, deve buscar uma forma de se purificar, provavelmente da culpa que o sentenciou a tal praga, logo, de um pecado que está contra a vontade de Deus e de suas leis. Aqui, o termo “imundo” retoma e reconfigura uma memória relacionada à sujeira, falta de limpeza, imundície. Nesse

caso, o pecado é visto como uma imundície e o pecador como imundo. Vemos, mais uma vez, a associação entre lepra e pecado, que agora se estabelece pela relação dessas duas palavras com uma terceira: “imundo”/“imundície”. Nesse caso, continua funcionando o efeito metafórico, pois o termo “leproso” encontra-se em relação metafórica com o termo “imundo”; bem como o termo “lepra” está em relação metafórica com o termo “imundície”.

A partir da relação metafórica entre “lepra” e “imundície”, é possível explicar o isolamento que é imputado ao leproso, pois, uma vez declarado leproso, o sujeito é considerado imundo e, como tal, deve habitar só, e longe do convívio comum com aqueles que não são imundos. No contexto bíblico de Levítico 13, vemos ainda que qualquer pessoa que apresentasse sintomas da doença era julgada como leproso, mesmo se os sintomas fossem causados por qualquer outra doença. A questão é que não era possível distinguir entre a “verdadeira” lepra e qualquer outra doença de pele que apresentasse alguma característica similar, como vitiligo, por exemplo. Assim, devido à lepra, o indivíduo era banido da convivência em sociedade (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010a).

Com base nos relatos bíblicos acerca da lepra e do leproso, podemos entender o porquê da hanseníase, termo cientificamente contemporâneo à lepra bíblica, ter sido exaustivamente associado a uma cultura higienista que marcava o indivíduo e o sentenciava a, mesmo que não fosse afastado de seu convívio em sociedade, permanecer em certo isolamento, com seus utensílios domésticos separados e mesmo dormindo distante dos demais familiares. Tal cultura é, em certa medida, uma transformação do costume bíblico de banir os indivíduos; poderíamos até dizer que se trata de uma reconfiguração do isolamento do indivíduo proposto no texto bíblico. Não se pode dizer que é o mesmo isolamento, pois, no caso da cultura higienista, o indivíduo não é afastado da cidade e do convívio com todos os demais. Contudo, separar seus utensílios implica em certo banimento que agora ocorre em relação não mais às cidades, mas a seu próprio lar. Assim, sua presença física não é excluída por completo do contato com o outro, mas seu contato direto é evitado, a fim de impedir que aqueles que não são leprosos, ou “imundos”, tornem-se iguais ao leproso.

Devido à possibilidade de enfrentar esse banimento do convívio, no contexto bíblico, a tendência natural dos indivíduos com suspeita de lepra “era evitar procurar os homens de Deus quando havia algum problema deste tipo” (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010a, p. 230). No entanto, dada a possibilidade de impureza do indivíduo, o que implicaria não apenas uma impureza física, mas também, como vimos, cerimonial, tendo como consequência o afastamento da presença de Deus e dos ritos religiosos; caso os indivíduos com tais suspeitas não se apresentassem ao sacerdote por conta própria, sua família e seus líderes

seriam responsáveis por fazê-lo a fim de manter a ordem cerimonial na sociedade de então (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010a). Vemos, assim, que as práticas sanitaristas funcionam, em certa medida, relacionadas a uma memória do texto bíblico, pois, em ambos os casos, há formas de isolar o sujeito doente. Nesse sentido, mesmo que o discurso médico-científico não se valha diretamente do discurso religioso, aquele é, em alguma medida, atravessado por este. Assim, essa memória de preservação da pureza e de busca dos imundos para conservar a comunidade dos limpos explica algumas práticas de busca de casos de hanseníase, algumas vezes recorrendo-se à força policial, ao isolamento compulsório e ao afastamento de famílias inteiras. Tudo isso em nome de uma suposta preservação da pureza da sociedade, que busca afastar do seu convívio tudo que possa contaminá-la.

Em um comentário bíblico do velho testamento, encontramos uma discussão sobre os costumes que permeavam a dimensão de impureza, no que tange à lepra, não apenas restrita à impureza física, mas também à cerimonial, “as pessoas infectadas tinham de usar vestimentas de luto, andar descabeladas, manter a barba coberta e gritar ‘Imundo! Imundo!’ , para que as outras soubessem e pudessem evita-las” (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010a, p. 231). Entende-se assim que a lepra era duplamente sentenciosa, pois além da sentença proferida pelo sacerdote, o próprio indivíduo deveria considerar-se imundo e, a partir de tal atitude, manter-se afastado dos demais. Em certa medida, trata-se de uma atitude passiva e penitente, pois não havia qualquer sanção direta que pudesse ser aplicada ao indivíduo que não agisse dessa forma, mas, mesmo assim, esse indivíduo se autocondenava. Vemos, portanto, que há um funcionamento, legitimado pela Bíblia, mas também por certa prática médica, segundo o qual é natural que o indivíduo acometido pela lepra se mantenha afastado dos demais (SANTOS; SILVA, 2015).

É interessante notar que o próprio texto bíblico parece apontar para o fato de que talvez um indivíduo com as características de lepra não se apresentasse voluntariamente e devesse ser conduzido por alguém até o sacerdote. Observemos alguns exemplos desse tipo:

Excerto 11. Quando no homem houver praga da lepra, será levado ao sacerdote (Lv 13:9).

Excerto 12 ...então será levado a Arão, o sacerdote, ou a um de seus filhos, os sacerdotes (Lv 13:2).

Nesses excertos, a expressão *será levado* materializa um pré-construído¹³ segundo o qual o indivíduo por si só não se apresentaria ao sacerdote, provavelmente por receio da sentença que poderia recair sobre si, mas deve ser levado por outros, isto para que se preserve a pureza da comunidade em que habita. Desta forma, retomando o excerto acima citado, uma vez que o indivíduo fosse sentenciado como leproso, logo imundo, e condenado a usar roupas de luto e afastar-se do convívio social, marcava-se sobre este uma espécie de execução em vida, era a morte social decretada, suas vestes de luto não seriam para chorar a morte de outro, mas a sua própria, pois morria enquanto membro de uma sociedade.

2.4. A LEPRA NA BÍBLIA: UM TEXTO COMO ACONTECIMENTO A SER LIDO

Como já mostramos acima, a Bíblia é considerada um conjunto de livros que é atravessada por uma figura de autoridade a qual valida tudo que é dito, Deus, seu hiperenunciador. Por isso, para analisar o funcionamento do tema da lepra à luz do texto bíblico, devemos explorar não apenas o texto do livro de Levítico enquanto texto fundador. Nesse sentido, podemos avançar nas relações que se constroem ao longo dos demais livros, entendendo que os livros bíblicos compartilham de certa memória que os constitui e que atravessa toda a Bíblia, sustentando um discurso sobre a lepra, o qual é iniciado no texto que foi analisado na seção anterior, mas que é retomado em outros momentos do texto bíblico.

Tal retomada é marcada em diferentes livros na Bíblia quando distintas situações envolvendo a lepra são enunciadas. Verificamos que, por um efeito de memória, as distintas situações envolvendo este tema são inteligíveis, mesmo que não haja uma citação direta aos conteúdos do texto que consideramos como constituinte. Assim, considerada a Bíblia como um texto que surge como acontecimento a ser lido, entendemos que o capítulo 13 do livro de Levítico funciona como um estabelecido de implícitos sobre a lepra. É importante considerar ainda que a partir de certo conjunto interno de normas discursivas, consideradas legítimas por seus enunciadores, como a premissa de aceitar que um certo texto seja dotado de autoridade

¹³ “O pré-construído pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior” (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 401). Desta forma, ocorre uma oposição ao que é construído no momento da enunciação, o sentido que funciona é o de algo que foi enunciado em um outro discurso anteriormente, e que é evocado para compreensão do que é enunciado na atualidade.

sobre determinado tema, há a possibilidade de que alguns textos sejam citados a fim de referendar certo posicionamento discursivo.

Esse posicionamento é ratificado pela memória discursiva que sustenta o dito a partir do não dito. Esta memória se materializa por meio de indícios textuais, tais como pré-construídos e/ou citações em discurso direto ou indireto, os quais remetem, em alguma medida, ao texto fonte, que, no caso do tema lepra, é o texto de Levítico, capítulo 13, como mostramos nas análises empreendidas no tópico anterior. Assim, ainda que não se mencione diretamente que alguém é imundo por ser leproso, a noção de imundície está presente, por um efeito da memória sobre a atualidade, quando este mesmo alguém é apresentado como indigno de ser tocado.

Desta forma, neste tópico, analisamos enunciados da Bíblia que retomam, direta ou indiretamente, o texto de Levítico, capítulo 13. Além disso, analisamos também enunciados que estão relacionados, em alguma medida, com o que está expresso no referido texto, apontando para a retomada de novos atos que foram inaugurados no texto considerado e que são, pela memória, necessários ao que é enunciado e mesmo ao que pode ser enunciado sobre o tema da lepra. Assim, ao analisarmos o conjunto dos textos bíblicos que retomam o tema da lepra, verificamos o funcionamento do domínio de memória vinculado a este tema, o que se dá com base principalmente na identificação dos efeitos de sentido relacionados ao tema da lepra. Efeitos esses que se encontram materializados nos textos que serão analisados a seguir.

Antes de apresentar o primeiro enunciado, esclarecemos que levamos em consideração diferentes versões da Bíblia utilizada no protestantismo¹⁴, a saber: Almeida Corrigida e Fiel (ACF), Almeida Revista e Atualizada (ARA), Almeida Revista e Corrigida (ARC), Nova Versão Internacional (NVI) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Tais versões foram utilizadas em virtude de não haver nenhuma parametrização eclesial sobre uma possível versão “melhor ou mais correta” da Bíblia que deve ser usada pelos fiéis, permitindo a circulação de uma diversidade de versões que podem apresentar algumas particularidades ou mesmo divergências entre si. Para ter acesso a tais versões, utilizamos o *software e-Sword*

¹⁴ Esclarecemos que, ao utilizarmos a expressão “Bíblias utilizadas no protestantismo”, objetivamos estabelecer uma distinção entre estas e as versões da Bíblia utilizadas no Catolicismo Romano, que apresentam diferenças em relação às bíblias protestantes, dentre as quais podemos citar a presença de livros como: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruc, I e II Macabeus, os quais são considerados pelos protestantes como apócrifos ou deuterocanônicos.

versão 11.0.6 para o sistema operacional *Windows*, o qual permite o acesso a essas versões da Bíblia dentre outras que se deseje consultar, inclusive em outros idiomas, caso seja necessário. Apenas para fins de referência, os enunciados serão primeiramente citados a partir da versão Almeida Corrigida e Fiel, e, quando julgado necessário, serão confrontados com outras versões que tragam achados relevantes para a análise.

O primeiro enunciado que apresentamos para ilustrar as relações de memória presentes na Bíblia é o seguinte:

Excerto 13

Esta será a lei do leproso no dia da sua purificação: será levado ao sacerdote, e o sacerdote sairá fora do arraial, e o examinará, e eis que, se a praga da lepra do leproso for sarada, então o sacerdote ordenará por aquele que se houver de purificar se tomem duas aves vivas e limpas, e pau de cedro, e carmesim, e hissopo (Lv 14:2-4).

Nesse enunciado, um novo fato é apresentado: a possibilidade de purificação. Ao longo do texto que consideramos como fundador (Levítico 13) foi mostrado um caminho que culmina na sentença do indivíduo leproso como imundo, logo, excluído do convívio dos demais; já, neste enunciado, é anunciada a possibilidade de remissão e, até mesmo, de uma possível aceitação desse indivíduo nos espaços comuns. Se, por qualquer motivo, o leproso for purificado, o sacerdote, figura de autoridade que funciona como representante de Deus, pode reverter a sentença outrora dada, mas, o texto mostra ainda que o indivíduo não retorna ao espaço comum como alguém purificado, ele deve ser considerado como purificado pelo sacerdote que vai até ele, fora do arraial, ou seja, longe do convívio dos puros. Dessa forma, mesmo quando purificado, o sujeito precisa que tal purificação seja legitimada pelo sacerdote.

O discurso acerca da impureza e do conseqüente afastamento, tanto dos puros quanto da presença divina, pode ser também verificado nos seguintes versículos:

Excerto 14

Ninguém da descendência de Arão, que for leproso, ou tiver fluxo, comerá das coisas santas, até que seja limpo; /.../ (Lv 22:4).

Excerto 15

Ordena aos filhos de Israel que lancem fora do arraial a todo o leproso, /.../ (Nm 5:2).

Enquanto o primeiro enunciado mostra, no interior do mesmo livro analisado, Levítico, não apenas a separação do indivíduo em relação aos demais, mas a impossibilidade de comer das coisas santas, ou seja, de participar das cerimônias religiosas, o segundo

enunciado marca uma relação intertextual com o texto primeiro, uma vez que vemos materializado em outro livro da Bíblia, o livro de Números, o discurso acerca da exclusão dos leprosos do convívio social, o que indica um funcionamento social: a exclusão, daquilo que outrora foi enunciado discursivamente. Resgatando o que foi analisado sobre o texto fundador de Levítico, capítulo 13, podemos entender melhor o funcionamento do segundo enunciado. Em Levítico, decreta-se que, se um indivíduo for identificado como leproso, este deve conviver durante todos os dias em que nele houver lepra fora do arraial. No enunciado do livro de Números, há o pré-construído de que os leprosos ainda estão no arraial, mas devem ser lançados fora. Nesse sentido, o excerto 15 retoma o enunciado de Levítico, pois também mostra que o leproso deve ficar isolado. Dessa forma, a partir da enunciação de Levítico 13, o efeito de sentido de exclusão é instaurado e, uma vez presente na memória, permanece direcionando práticas que dele se valham.

Os enunciados a seguir merecem um destaque especial, devido ao funcionamento da memória que apresentam em relação ao texto de Levítico 13:

Excerto 16

E Naamã, capitão do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor, e de muito respeito; porque por ele o SENHOR dera livramento aos sírios; e era este homem herói valoroso, porém leproso (2 Rs 5:1)

Excerto 17

E levou a carta ao rei de Israel, dizendo: Logo, em chegando a ti esta carta, saibas que eu te enviei Naamã, meu servo, para que o cures da sua lepra (2 Rs 5:6).

Nos textos até então apresentados, estão descritas ordenanças que se aplicam ao povo hebreu, os destinatários iniciais dos textos hoje compilados na Bíblia, e que seguem a uma mesma lei, a lei Mosaica. Contudo, os enunciados que apresentamos nos excertos 16 e 17 introduzem uma situação nova, a vivência da lepra em outro povo, no mesmo momento histórico, os sírios, porém através de uma situação pontual, um leproso que era capitão do exército Sírio. Verificamos, inicialmente, que a lepra era considerada um mal não apenas pelos judeus, pois, no caso do capitão Naamã, que era sírio, a lepra é também apontada como um mal, o qual se contrapõe a todos os valores que o referido capitão possuía: “grande homem, de muito respeito, herói valoroso, porém leproso”. Esta última sentença: porém leproso, apaga (ou coloca em segundo plano) as características anteriores, definindo Naamã não apenas por suas realizações como capitão de um grande exército, mas, principalmente como “um leproso”.

No excerto 17, verificamos que o rei da Síria encaminha Naamã a Israel com uma carta de recomendação para que o rei de Israel o cure de sua lepra. Contudo, apesar de compartilhar com Israel, a nação à qual foi endereçado o texto de Levítico, a noção de que a lepra é um mal, os sírios não davam ao leproso o mesmo tratamento excludente que havia entre os judeus. Isso porque, conforme verificamos nos excertos acima, o rei da Síria encaminha seu capitão para que seja curado da lepra, logo, constatamos que era de conhecimento deste rei que seu comandado era leproso e isto não foi impedimento para que Naamã exercesse autoridade sobre outros homens, muito menos para que frequentasse espaços comuns, incluindo o palácio real, onde provavelmente teve acesso à carta de recomendação do rei. Assim, apesar de haver uma memória que referenda a lepra como um mal sobre o qual se deseja a purificação, o que pode ser confirmado no seguinte versículo: “Porém, Naamã muito se indignou, e se foi, dizendo: certamente ele sairá, pôr-se-á em pé, invocará o nome do SENHOR seu Deus, e passará a mão sobre o lugar, e restaurará o leproso” (2 Rs 5:11), não havia entre os sírios, pelo que mostram os versículos sob análise, uma prática de exclusão dos leprosos. Tal prática dos sírios vai de encontro ao que é instituído como lei pelos judeus.

A situação de Naamã, contudo, apesar de peculiar no contexto da lei judaica, também serve para mostrar o caráter de praga da lepra, entendida pelos judeus como uma praga e para os sírios como “um mal”, sem que se deixe claro, na Bíblia, a dimensão deste mal na sociedade síria de então. Para que se compreenda esta dimensão de praga para os judeus, observemos o seguinte enunciado: “Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e a tua descendência para sempre. Então saiu de diante dele leproso, branco como a neve” (2 Rs 5:27). O texto citado permite que seja abordado novamente o contexto judeu, em que o servo do profeta que atendeu Naamã e o instruiu, sob orientação divina, acerca da forma como poderia purificar-se da lepra, é punido com a lepra de Naamã, por ter transgredido as leis de Deus. O servo do profeta mente a seu mestre e vai ao encontro de Naamã em busca de uma recompensa pela purificação que este havia obtido sob orientação do profeta, o que reforça o funcionamento da lepra enquanto praga, golpe divino, e, neste caso, a sentença é dada não diretamente por Deus, como um golpe direto, mas por um de seus representantes, um profeta, o qual funciona como porta voz da autoridade divina.

Para um melhor entendimento da situação do servo que se tornou leproso, esclarecemos que aquele que foi punido era o servo do profeta Eliseu, um homem chamado Geazi. O profeta Eliseu foi o que apresentou a Naamã àquilo que Deus lhe falara sobre a forma como Naamã seria curado. Após verificar que foi purificado, Naamã tenta presentear o

profeta como uma forma de recompensá-lo, contudo, esse se recusa a receber qualquer recompensa, pois atribui a purificação de Naamã a Deus e se mostra apenas como servo que obedeceu a uma orientação divina. Nesse caso, vemos, mais uma vez, no texto bíblico, a remissão à imagem de um hiperenunciador, o qual confere autoridade tanto às ações realizadas por seus “escolhidos”, como no caso do profeta que orientou Naamã, quanto em relação ao próprio texto bíblico, o qual também é fruto de inspiração divina. Nestas circunstâncias, Eliseu, enquanto profeta, é a própria voz de Deus, capaz de curar a praga, o que confere ao referido profeta certa autoridade sobre a lepra. No texto de Levítico 13, a voz de autoridade é a do sacerdote, que identifica o indivíduo como leproso e, nesta situação, impõe sobre este, mediante autoridade divina, a condição de sujeito imundo.

Este mesmo efeito discursivo da lepra enquanto praga pode ser notado nos seguintes excertos:

Excerto 18

Então Uzias se indignou; e tinha o incensário na sua mão para queimar incenso. Indignando-se ele, pois, contra os sacerdotes, a lepra lhe saiu à testa perante os sacerdotes, na casa do SENHOR, junto ao altar do incenso (2 Cr 26:19).

Excerto 19

Então o sumo sacerdote Azarias olhou para ele, como também todos os sacerdotes, e eis que já estava leproso na sua testa, e apressuradamente o lançaram fora; e até ele mesmo se deu pressa a sair, visto que o SENHOR o ferira” (2 Cr 26:20) (grifo nosso).

Excerto 20

Assim ficou leproso o rei Uzias até ao dia da sua morte; e morou, por ser leproso, numa casa separada, porque foi excluído da casa do SENHOR” (2 Cr 26:21).

Nestes textos, a pessoa em destaque é um rei, no entanto, uma vez transgredida uma ordenança divina, o próprio Deus o marca com a lepra, e isto de uma forma evidente, em sua testa, o que parece indicar que a lepra, enquanto sanção, divina pode ser aplicada por Deus a qualquer homem que transgrida suas ordens. O próprio texto de Levítico 13 mostra que não há distinção entre aqueles que podem ser acometidos pela lepra, uma vez que tem início com a expressão “quando um homem tiver em sua carne...”, mostrando que qualquer homem que não cumprir as ordenanças divinas pode sofrer tal punição.

No caso do texto do livro bíblico de segundo Crônicas, apesar de rei, uma vez leproso, Uzias foi afastado do convívio em sociedade, passando a morar em uma casa separada, o que retoma a memória segundo a qual todo leproso deve ser excluído do convívio comum, uma

memória que absorve, no sentido de Pêcheux (2008[1983a]), um acontecimento, a informação de que se tratava de um rei, o qual teria, devido a outras redes de memória, prerrogativas em relação aos homens comuns.

Destacamos ainda que a Bíblia está subdividida em duas grandes seções, o Velho e o Novo Testamento. Os enunciados até então analisados, especialmente o texto que consideramos como fundador, fazem parte do Velho Testamento, e, neste trabalho, consideramos tais textos e os demais do Velho Testamento da Bíblia como pautados na lei Mosaica, isto porque tais ditames foram apresentados por Deus ao povo hebreu através da figura de Moisés. Os textos que analisaremos a partir de agora e que estão localizados na segunda seção da Bíblia, o Novo Testamento, são considerados, aqui, como relacionados ao período messiânico, uma vez que trata do chamado Cristo, expressão que aparece, muitas vezes, parafraseada por “O Messias”.

A segunda seção da Bíblia, que acima estabelecemos como associada ao período messiânico, traz uma menor diversidade de enunciados que tratam da lepra e, daqueles que são apresentados, alguns são retomadas de uma mesma situação. Para que se possa compreender estas reapresentações, esclarecemos que diversas situações vivenciadas pelo Cristo são apresentadas por diferentes enunciadorees ao longo de quatro livros distintos, os chamados evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

O primeiro texto que analisamos no Novo Testamento é o seguinte:

Excerto 21

E, eis que veio um leproso, e o adorou, dizendo: Senhor, se quiseres, podes tornar-me limpo” (Mt 8:2)

Excerto 22

E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero; sê limpo. E logo ficou purificado da lepra” (Mt 8:3).

Nos excertos acima, vemos a retomada de tudo aquilo que vimos discursivizado em Levítico 13: a lepra marca a carne, é uma praga, o leproso é imundo. Contudo há, aqui, uma reconfiguração da lepra a partir de uma nova figura de autoridade apresentada. Até então havia: i) o sacerdote, capaz de identificar e determinar se alguém é leproso; e ii) o profeta, capaz de curar e declarar alguém purificado da praga. Eles representavam a voz do próprio Deus entre os homens. Mas, no texto acima, uma nova voz de autoridade é apresentada, a do Cristo, identificado como capaz de purificar alguém de sua lepra. Apesar de apresentada uma

nova voz de autoridade, o que corresponderia a uma aparente reconfiguração da posição de autoridade que determina a lepra ou a sua cura, a noção de impureza do leproso persiste, pois, seu pedido é para que possa se tornar limpo, logo, considera-se imundo enquanto leproso. Esta persistência da noção de impureza na figura da lepra reforça a dimensão que o texto de Levítico capítulo 13 possui enquanto texto fundador, pois neste institui-se que o leproso é um indivíduo imundo e este discurso se materializa em outros textos da Bíblia. Dessa forma, mesmo que novas figuras de autoridade se apresentem e possam falar sobre a lepra, a imagem do imundo, vinculada ao sujeito acometido pela referida “praga”, permanece produzindo efeitos.

Apesar disso, o enunciado apresentado coloca em funcionamento um fato novo, a figura do Cristo, que ocupa a posição outrora ocupada pelo sacerdote e/ou pelo profeta¹⁵. Contudo, além de ter as mesmas “funções” atribuídas a esses dois personagens bíblicos (o sacerdote e o profeta), o Cristo permite, por meio de suas atitudes, a possibilidade de mudança em relação ao tratamento dado ao leproso, pois, antes mesmo de curar o leproso, Jesus Cristo o toca. Há aí uma reconfiguração, pois a própria Bíblia estabelece que qualquer um que tocar algo que seja imundo, torna-se imundo. Contudo, isso não ocorre com o Cristo, ele toca o leproso e, por meio desse toque, o purifica. Trata-se, portanto, de uma nova voz de autoridade que reconfigura a memória acerca do leproso, pois, a sanção de se tornar imundo, pelo fato de ter tocado um leproso, não se aplica ao Cristo. E esta nova figura de autoridade é tão importante que é apresentada como o centro do Novo Testamento. Em relação ao milagre de “purificação” do leproso, por exemplo, ele é descrito em dois outros evangelhos da Bíblia, totalizando, assim, três evangelhos em que o texto da purificação do leproso é narrado, o que só acontece com alguns poucos milagres, pois muitos deles são narrados em apenas um ou, no máximo, dois evangelhos. Isso indica que não só é central a figura do Cristo, no Novo Testamento, como também é central essa reconfiguração em relação à imagem do leproso, que antes tornava o outro imundo e que, a partir de seu encontro com Cristo, torna-se puro e deixa de propagar sua suposta imundície aos demais.

¹⁵ Foucault (1978a) mostra que, entre os hebreus, o termo pastor era reservado a Deus, sendo que os profetas e reis designados por essa expressão, na verdade, eram vistos como tendo recebido das mãos de Deus um rebanho, do qual eles deveriam cuidar e depois devolver a Deus. Dessa forma, quando um rei, por exemplo, era considerado um mau monarca, ele era considerado também um mau pastor, que não foi capaz de cumprir a missão que lhe foi confiada por Deus: cuidar do seu rebanho, zelar por ele, e levá-lo de volta à sua terra.

Além desta cura, descrita nos evangelhos, uma outra menção à lepra no texto neotestamentário merece atenção:

Excerto 23

E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe (Lc 17:12).

Diferentemente da citação anterior, em que o leproso foge a uma certa ordem do discurso sobre a lepra e aproxima-se de alguém que não é leproso, aqui, o que se espera de um leproso é obedecido: eles reconhecem a voz de autoridade, mas, por serem leproso, param de longe para tentar buscar a sua purificação. Podemos entender que o primeiro sujeito, apresentado no excerto 21, é alguém fora da ordem do discurso sobre a lepra, uma vez que sua ação denega o que se lhe espera, isto é, que por ser leproso permaneça distante de qualquer pessoa considerada pura. Já, no caso dos dez leprosos do excerto 23, verificamos que eles podem ser considerados como plenamente identificados na ordem do discurso sobre a lepra, a qual se encontra materializada em Levítico 13.

2.5. UMA DUPLA FUNDAÇÃO NO DISCURSO SOBRE A LEpra: O DISCURSO MÉDICO-CIENTÍFICO

Em uma seção anterior deste capítulo, sugerimos que o discurso médico-científico é, em alguma medida, atravessado pelo discurso religioso. Mostramos também que o discurso religioso, enquanto discurso constituinte, possui um texto especialmente importante, considerado por nós como fundador para o discurso sobre a lepra, o capítulo 13 do livro de Levítico, da Bíblia Cristã. Entendemos, entretanto, que apenas o discurso religioso não é suficiente para explicar todas as práticas, bem como a memória que se constituiu a respeito da lepra, e, para que obtenhamos uma compreensão mais acurada deste tema, propomos analisar, no discurso médico-científico, elementos que possam esclarecer o que hoje permanece enquanto memória e o que se enuncia sobre a lepra/hanseníase e sobre a figura do leproso.

Para tanto, algumas considerações são pertinentes: em primeiro lugar é preciso esclarecer que aquilo que se considera na atualidade como discurso médico-científico não funciona da mesma forma em todos momentos citados e descritos, uma vez que a compreensão do que seria considerado pertencente a este discurso também foi alterada no decorrer do tempo. Em segundo lugar, assim como ocorre no discurso religioso, é interessante ressaltar que, no discurso médico-científico, a autoridade daquilo que se enuncia não está

associada à figura de um enunciador enquanto sujeito pragmático, mas está vinculada à figura de um hiperenunciador, que aqui se apresenta como a voz da Ciência.

Assim, para tentar esclarecer esta possível dupla fundação do discurso sobre a lepra, buscamos, em algumas produções científicas, elementos históricos relacionados a diferentes efeitos de sentido. Tais efeitos já foram apresentados quando tratamos do discurso religioso, mas serão vistos, agora, sob o âmbito do discurso médico-científico. Por fim, salientamos que, no discurso médico-científico, identificar um texto fundador seria uma tentativa inócua, uma vez que a ciência fala de diferentes lugares, sem apoiar-se em apenas um texto ou em um momento histórico específico.

2.5.1. Elementos históricos para compreensão do discurso médico-científico sobre a lepra

Segundo Opromolla (2000, p. 1), “é muito difícil afirmar a época de aparecimento de uma doença com base em textos antigos, a não ser que haja uma descrição razoável da moléstia” e isto se dá em virtude da dificuldade de enquadrar a descrição realizada em diferentes épocas, bem como os termos utilizados para descrevê-la, com aquilo que dela se conhece na atualidade. Assim, identificar aquilo que se descreve em um texto que antecede a era cristã, ou em diferentes temporalidades, como caracterizador de uma certa doença conhecida na atualidade, pode ser um desafio muitas vezes difícil de ser enfrentado, tendo em vista a atual caracterização científica das doenças/patologias. Some-se a isto o fato de que as traduções de diferentes doenças, em distintas línguas, nem sempre equivale à mesma patologia.

No caso específico da lepra/hanseníase, Opromolla (2000) destaca que muito já foi sugerido sobre sua origem e existência em várias regiões na antiguidade, contudo, muitos dos escritos que tratam deste assunto são citações de fontes que descrevem a doença sem que seus sinais mais característicos, como as deformidades e comprometimento neurológico, associado a manchas, sejam citados, o que indica que talvez várias das descrições associadas à lepra sejam traduções equivocadas de termos associados a outras doenças.

Considera-se que a lepra seja conhecida desde a mais remota antiguidade, datando de 3 a 4 mil anos na Índia, na China e no Japão (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014). No entanto, um outro autor (EIDT, 2004) aponta que, apesar de aparentemente ser uma das mais antigas doenças que acomete o homem, diferentes autores indicam sua origem no continente asiático e outros no continente africano.

Em termos médicos, um dos mais antigos tratados que discute a doença é de origem chinesa, o *Nei Ching Su Wen*, datado de 2698 a 2598 a.C., no qual é utilizado o termo “li feng” para designar paralisia grave, e “descrito um estado mórbido ‘ta feng’ que provoca queda das sobrancelhas, nódulos, ulceração, dormência, mudança de cor da pele e desabamento do nariz” (OPROMOLLA, 2000, p. 1). Observe-se que, na descrição da condição “ta feng”, o que fica mais em destaque são as deformidades, características da lepra, bem como a possível perda de sensibilidade e manchas na pele, no entanto não são oferecidas maiores informações sobre como se lidaria com os indivíduos que contraíssem tal moléstia. Vale salientar, ainda, que a referida doença era associada à dormência na pele e à sensação de vermes andando sob ela.

Há uma certa confusão para precisar o aparecimento da lepra em outras culturas, isso desconsiderando o povo judeu, objeto indireto de nossa análise em seções anteriores nas quais nos detivemos no texto bíblico. Em outros povos, como os babilônios, por exemplo, a palavra que foi traduzida por lepra significava “coberto de pó” ou “escamoso”, assim como a palavra acadiana “epqu” que foi traduzida por lepra no dicionário Assírio também significava “escamoso”. Nessas traduções de textos médicos da antiguidade, o que mais se mostra é que a lepra era uma doença que se caracterizava por ser evidente a quem olhasse para qualquer indivíduo por ela acometido, seja pelas deformidades descritas como “ta feng”, seja pela pele, considerada pelos babilônios e assírios como “escamosa”. Contudo, independentemente da forma como é nomeada, constatamos que se trata de uma doença que permanece na memória como algo visível e denunciador do indivíduo que a traz consigo; ela marca e denuncia a sua presença de uma forma aparentemente inequívoca.

Skinsness (1973) apresenta uma das mais autênticas descrições da lepra mencionada em um manuscrito chinês, cujo título é “Remédios secretos completos”, escrito por volta de 190 d.C.. O referido manuscrito descreve uma doença caracterizada por; i) perda de sensibilidade, ii) aparecimento de manchas vermelhas que inchavam e ulceravam, iii) queda de sobrancelhas, iv) deformidades nos lábios e desabamento do nariz. Em suma, a condição descrita coaduna com certa imagem sobre a lepra que permanece no imaginário a partir da memória, a de uma doença deformante, o que parece indicar mais um indício do discurso médico-científico que associa tais caracterizações à lepra.

A doença, no entanto, não é descrita nos trabalhos de Hipócrates (467 a. C.), considerado o “Pai da Medicina”, o que leva a crer que não era conhecida na Europa em sua época. Considera-se que a doença chegou à Europa depois das conquistas de Alexandre, o

Grande, o qual trouxe soldados contaminados após a conquista da Índia (300 a. C.) (OPROMOLLA, 2000).

Já em um período que sucede o surgimento da era cristã, por volta do ano 150 d. C., encontramos o seguinte em um trabalho de Galeno:

Terapêutica de Afecções Crônicas", designa a hanseníase como Elephas ou Elefantíase e diz que "há muitas coisas em comum quanto a forma, cor; tamanho e modo de vida entre a afecção Elephas e a besta selvagem, o elefante, e nem essa afecção lembra qualquer outra afecção, nem o animal qualquer outro animal (OPROMOLLA, 2000, p. 1).

Tal associação parece apontar para uma tentativa de trazer uma descrição única para lepra/hanseníase, pois, conforme Galeno, assim como o elefante não se assemelha a qualquer outra besta, conforme suas palavras, a lepra/hanseníase não se assemelha a nenhuma outra doença. Isso parece apontar para um posicionamento, no discurso médico-científico, segundo o qual há uma necessidade de caracterizar a lepra de tal modo que não houvesse associação com qualquer outra moléstia, dada sua peculiaridade, e ainda ao fato de que, costumeiramente, na prática médico-científica, é importante estabelecer características específicas de cada moléstia a fim de evitar confusões diagnósticas, o chamado diagnóstico diferencial.

O termo lepra absorveu, ao longo do tempo, uma série de outras designações da doença, como a elefantíase, assim como incorporou uma série de outras condições (DANIELSSEN e BOECK, 1848). Os autores citados acrescentam ainda que “a lepra é um receptáculo, um lugar comum, ao qual se trazia todas as afecções cutâneas com aparência feia e de origem desconhecida” (DANIELSSEN e BOECK, 1848, p.6). Nessa citação, verificamos que o termo lepra funciona, discursivamente, como um lugar da consunção da pele, daquilo que marca a carne, do visível e aparente, algo que por sua aparência mostra-se como indesejado.

No final do século XV, encontramos a descrição de uma forma de diagnóstico para a lepra, conhecida por Lei de Strasbourg, que exigia a presença de quatro pessoas para examinar o leproso: um médico, um cirurgião e dois barbeiros (EIDT, 2004). Nota-se, aqui, assim como foi anteriormente mostrado no discurso religioso, a necessidade de uma figura de autoridade que identifique o indivíduo como leproso e que possa esclarecer que aquilo que é visível efetivamente é a presença do mal indesejado, a lepra. No entanto, diferentemente do que observamos no discurso religioso, pelo menos neste período, não há apenas uma figura de autoridade, como havia o sacerdote, no caso do discurso religioso. No caso do discurso

médico-científico, a autoridade é compartilhada e apenas assim poderia ser identificado o indivíduo como um ser leproso. Essa autoridade compartilhada tem a ver com o funcionamento do discurso médico-científico, para o qual, como dissemos, o hiperenunciador não é uma única figura de autoridade, Deus, por exemplo, o qual pode ser representado também por um único sujeito, o sacerdote; mas é uma entidade, a Ciência, vista como uma espécie de hiperenunciador coletivo ou nas palavras de Maingueneau (2008a, p. 41), “trata-se mais de uma instância responsável por uma memória do que uma consciência propriamente dita”.

Na idade média, é possível encontrar na literatura médica, conforme Pinto (1995), a lepra como uma doença contagiosa ou mesmo hereditária, ou ainda uma definição da referida doença como sendo fruto de uma relação sexual que ocorreu durante o período menstrual. Apesar de tais dados estarem relacionados ao discurso médico-científico, é interessante destacar que as redes de memória mostram que há, no campo religioso, um discurso acerca da impureza da mulher no período menstrual, ou conforme a Bíblia cristã, no “período de sua separação¹⁶”, quando a mulher é considerada imunda. Neste sentido, uma memória ligada ao campo religioso é reconfigurada para construção de uma hipótese “científica” no campo médico, a de que a mulher poderia gerar filhos permanentemente impuros, leproso. Tal hipótese está, em certa medida, relacionada também à tentativa da sociedade medieval de desencorajar a prática sexual durante o período menstrual, uma vez que o filho(a) leproso(a) era apresentado com consequência permanente da referida prática.

Outros dados que associam a lepra à prática sexual, na Idade Média, apontam que havia uma conexão entre lepra e desejo sexual, chegando-se a afirmar que os leproso procurariam o prazer sexual mais do que devem, sendo ardentes no ato, porém mais fracos que o normal (MARQUES, 2014). O interessante a se observar é que, apesar de advindas do discurso médico-científico, tais descrições coadunam com aquilo que, na memória, se refere a um comportamento religioso considerado pecaminoso, pois, principalmente nesse momento histórico, a igreja admoestava os indivíduos a um certo controle dos impulsos sexuais.

No século XII, os físicos de Salerno afirmaram que a lepra era uma doença contagiosa, e Gilberto Anglicus (que viveu por volta do ano 1250) advertia as pessoas a evitarem respirar o mesmo ar que os leproso (MARQUES, 2014). Estas noções de contágio tiveram um efeito

¹⁶ Expressão utilizada biblicamente para descrever a mulher no período menstrual.

sobre a sociedade, o que parece ter contribuído para a organização de leprosários na Europa. Assim, verificamos que a exclusão social não estava pautada apenas em questões apresentadas pelo campo religioso, mas nas enunciações do discurso médico-científico, o qual procurava mostrar que a lepra era uma doença contagiosa e por isso dever-se-ia evitar até mesmo respirar o mesmo ar que o indivíduo leproso.

Seja qual for o número de indivíduos que a doença alcançou no ocidente, em especial na Europa, esta quantidade diminuiu a partir do século XVI (OPROMOLLA, 2000). Acredita-se que a redução no número de leproso, na Europa, se deu em virtude de as doenças cutâneas serem, neste período, melhor investigadas, retirando do termo lepra uma série de conotações agora atribuídas a outras doenças. Assim, algumas doenças como vitiligo e outras infecções de pele foram paulatinamente deixando de fazer parte do imaginário sobre a lepra, o que indica uma reconfiguração da memória sobre o termo, o qual, como referido anteriormente, chegou a albergar todas as chamadas doenças cutâneas consideradas sujas e de causa desconhecida, mas depois deixou de identificar todas essas doenças e passou a designar uma entidade mórbida mais caracteristicamente definida e identificável sintomatologicamente. Talvez, apenas a partir deste período, possamos efetivamente falar de uma memória sobre a lepra que esteja vinculada mais proximamente a uma memória sobre a hanseníase, já que os termos são utilizados praticamente como sinônimos nesse período, embora, nos textos citados, o termo descritivo utilizado seja hanseníase. Apesar de ser utilizado este termo para descrever a doença em períodos como o medieval, o termo hanseníase é cunhado apenas após 1873 quando é descoberto o bacilo causador da doença por Gerhardt Henrik Armauer Hansen, ficando então conhecido por bacilo de Hansen, daí o termo hanseníase (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014).

Após a descoberta do bacilo causador da lepra, primeiro agente infeccioso relacionado a uma doença humana, seu descobridor, em 1897, “propôs o isolamento como a única medida capaz de conter o avanço do número de leproso, uma vez que não se sabia com certeza como se dava sua transmissão” (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014). Verificamos, assim, que, no âmbito do discurso médico-científico, um acontecimento, a descoberta do bacilo, atualiza uma memória, a necessidade de exclusão dos leproso do convívio social. Dessa forma, se a exclusão ocorria anteriormente com base na noção de impureza, o que remetia à necessidade de isolar os imundos do convívio com os demais, agora o isolamento ocorre por conta de uma noção de contágio. Portanto, constatamos uma série de relações que marcam “o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, o que, segundo Pêcheux (2008[1983a], p. 17), define o acontecimento discursivo.

2.5.2. Lepra no Brasil: elementos para compreensão de uma memória

No Brasil, os primeiros casos registrados de lepra datam do século XVII (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014; EIDT, 2004; OPRMOLLA, 2000), na cidade do Rio de Janeiro, onde foi criado o primeiro lazareto, um local destinado a abrigar os doentes de Lázaro, lazarentos ou leprosos. Vemos, nesse caso, que o termo utilizado é abrigar, o que remete ao efeito de sentido de acolhimento, fazendo-nos supor que talvez esses indivíduos, agora “abrigados” nos lazaretos, estivessem, anteriormente, devido as suas condições de saúde, desassistidos, provavelmente por serem considerados indesejados. Outro dado a ser considerado é o termo utilizado para também identificar os leprosos, como doentes de Lázaro ou lazarentos, termos que remetem à memória do discurso religioso. Constatamos, novamente, o encontro entre uma atualidade acerca da lepra no discurso médico-científico e, por conseguinte, sobre o lugar de tratamento dos leprosos, e uma memória que remete ao campo religioso. Esclarecemos, contudo, que Lázaro é uma figura retratada na Bíblia cristã não como leproso, mas como um homem coberto de chagas. Neste caso, marca-se uma relação entre Lázaro e lepra devido ao fato de tanto a lepra quanto a doença de Lázaro marcarem a carne com feridas visíveis.

As primeiras iniciativas de combate à lepra, pelo governo brasileiro colonial só foram efetivadas a partir do século XIX (EIDT, 2004), com o estabelecimento da regulamentação no combate à doença por ordem de D. João VI. Tal combate se dava por meio da construção de asilos e da assistência aos doentes. É importante destacar que, até o início do século XX, todos os asilos e hospitais de lázaros, no Brasil, eram de origem particular, em geral mantidos pela Igreja, uma vez que não existia uma política pública de combate à doença (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014). Constatamos, assim, que, apesar de reconhecida a presença da lepra enquanto uma doença na sociedade de então, o problema parece ser relegado às questões da piedade, associadas, principalmente, ao discurso religioso. Nesse sentido, apesar de se constituírem memórias sobre o contágio, características da doença bem como a indesejabilidade social de enfermos contaminantes, não há uma separação entre o discurso médico-científico em relação ao discurso religioso, o qual estava voltado para piedade a estes excluídos.

Ainda em relação ao Brasil, São Paulo desponta tanto em número de doentes quanto em ações no combate à lepra no início do século XX, adotando, à semelhança das práticas em outros países, no início da década de 1930, o chamado modelo isolacionista (ALVES;

FERREIRA; FERREIRA, 2014). Na cidade de São Paulo, havia leis, datadas de 1836 (EIDT, 2004), que mostravam o comportamento social diante dos leprosos, aos quais era vedada a possibilidade de estar na cidade, mesmo que de passagem, vindo de outros locais, sob pena de expulsão e internação hospitalar. Várias leis paulistas impediam a mendicância dos leprosos, salvo em dias específicos. Também era proibido a esses indivíduos lavar as roupas em locais de uso comum, e havia ainda a ameaça de serem castigados caso tocassem em alimentos expostos ou entrassem em moinhos e padarias. Caso desejassem comprar algum alimento, deveriam apontá-lo com uma vara longa da qual deveriam estar munidos. Estas leis revelam uma noção sobre contágio que tornava a presença do leproso um mal a ser evitado, mesmo que para isso fosse preciso castigá-lo.

Os leprosos também eram proibidos de comerem e dormirem com pessoas sadias e, por algum tempo, também foram proibidos de casarem-se com conjugues que também não fossem doentes (EIDT, 2004), o que nos remete à piada analisada anteriormente, que mostra Juca leproso casado com Maria leprosa.

Apesar do rigor com que os leprosos foram tratados em outros países, por meio do estabelecimento de leis específicas sobre como vestir-se, bem como regras sobre onde deveriam ser enterrados ou mesmo o fato de serem considerados mortos civilmente após contraírem a doença (EIDT, 2004), no Brasil, não houve tal rigor de uma maneira uniforme, salvo o isolamento social, gerado pela repulsa que tais indivíduos provocavam.

Os autores que tratam do tema da lepra no Brasil consideram que um combate mais efetivo, por parte do Estado, começa a ocorrer a partir de 1930, sobretudo na Era Vargas, principalmente a partir da criação do Ministério da Educação e Saúde. Várias iniciativas marcam o período, como, por exemplo, um dos *slogans* que figurou em uma campanha de combate à lepra, o qual dizia: “Com o governo, se preciso; sem o governo, se possível, e até mesmo contra o governo, se assim for necessário” (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014). Esse *slogan* indica uma profunda preocupação social com a lepra, a qual ultrapassa a responsabilização das autoridades estatais, que seriam acionadas quando preciso, e, até mesmo, devido à importância conferida ao problema da lepra, cogita-se combater o governo, caso necessário, para garantir o combate à doença. A doença como um mal a ser combatido é tal que, no *slogan* apresentado, faz funcionar um sentido de que combatê-la seria mais

importante até mesmo do que respeitar uma ordem social estabelecida, a de estar sujeito ao governo.

Em 1935, é implantado no Brasil o Plano Nacional de Combate à Lepra, baseado no tripé: leprosário, dispensário e preventório¹⁷ (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014; EIDT, 2004; OPRMOLLA, 2000). Vemos, assim, a institucionalização da política de exclusão ao leproso e àqueles que lhe fossem próximos. Conforme este modelo, o leproso seria encaminhado aos leprosários, seus parentes e pessoas próximas, chamados de comunicantes, aos dispensários, e os filhos dos leprosos aos preventórios. A noção vigente era a de que a batalha contra a lepra estava sendo perdida, porque isolar apenas os leprosos não era suficientemente eficaz para conter todo o seu rastro contaminante. Dessa forma, todos que tinham contato próximo com os doentes também deveriam ser observados. Tais ações indicam o funcionamento de uma atitude segregacionista por parte da sociedade, uma vez que o simples contato com um leproso era considerado como uma sentença para que o indivíduo fosse encaminhado a um dispensário. Devido a essas ações, mesmo pessoas que não tinham marcas visíveis da doença, poderiam ser submetidas, temporariamente, a um isolamento compulsório. Nesta política, observamos a atualização de uma memória segundo a qual não apenas o leproso deveria ser excluído do convívio social, mas todo e qualquer indivíduo que com ele tivesse contato.

O leprosário, local destinado aos leprosos, funcionava como uma minicidade, contendo igreja, escola, salão de lazer e baile e até mesmo cadeia (para rebelados e fugitivos) (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014). Era uma liberdade vigiada que tentava assegurar ao sujeito leproso a convivência em um espaço que mimetizasse o convívio na cidade, no entanto, apenas entre os seus pares, pois, caso alguém tentasse escapar desse espaço, seria condenado a permanecer na cadeia local. Destacamos que, ao serem internados em leprosários, os indivíduos eram literalmente desligados do mundo exterior, de suas antigas famílias e de quaisquer laços fora deste novo espaço. Suas novas relações eram estabelecidas apenas entre aqueles que lhes fossem semelhantes no “mal” que os distinguia.

Em fins da década de 1950, já se sabia que o isolamento não se mostrava eficaz para reduzir o número de novos casos de indivíduos com lepra/hanseníase, no entanto a lei que

¹⁷ O leprosário era um lugar destinado ao isolamento dos doentes, já o dispensário era utilizado para observação dos novos casos diagnosticados e o preventório era um espaço destinado ao cuidado dos filhos órfãos dos pais enclausurados nos leprosários, conforme lemos em Silva (2016, p. 4)

determinava a internação compulsória vigorou de 1949 até 1968 (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014). Vemos, assim que, mesmo com o respaldo da ciência, que se dava por meio da observação sistemática da doença, havia a necessidade de isolar os indesejados. Tal prática está relacionada a uma memória construída em outros momentos históricos, a qual está, segundo o que defendemos aqui, fortemente embasada no discurso religioso. Essa memória pareceu vigorar mesmo em detrimento de dados sistemáticos que apontavam que tal política não conseguia alcançar o controle da doença e apenas estigmatizava os doentes.

A partir da década de 1960, novas práticas começaram a ser adotadas e a política de isolamento dos doentes começou a ser combatida, isso a partir dos esforços do professor Abrão Rotberg, que foi nomeado para diretor do Departamento de Profilaxia da Lepra (DPL) (ALVES; FERREIRA; FERREIRA, 2014).

Rotberg promoveu uma campanha educativa junto à população procurando prepará-la para essa nova maneira de ver a doença, transformou o DPL no "Departamento de Dermatologia Sanitária" e conseguiu modificar oficialmente, no Brasil, a designação da doença substituindo o termo "lepra" por "hanseníase", com o intuito de auxiliar no processo de sua desestigmatização (OPROMOLLA, 2000, p.4).

Observe-se que um novo acontecimento, a mudança na política de combate à lepra por parte do estado de São Paulo, na figura de Abrão Rotberg, de certa forma parece promover o aparecimento de elementos para reconfiguração da memória construída sobre a lepra. A campanha educativa promovida visava preparar a população para não mais isolar os leprosos, mas conviver com os mesmos, tendo em vista a possibilidade do tratamento ambulatorial. Nesse sentido, a própria forma de nomear o departamento, que muda de "Profilaxia da Lepra" para "Dermatologia Sanitária", parece indicar uma tentativa de evitar o destaque ao termo lepra e aos possíveis efeitos de sentido vinculados a esse termo, para enquadrá-la como apenas mais uma condição dermatológica entre outras. E, ainda, a mudança da designação oficial da doença no Brasil, de Lepra para Hanseníase, em 1976, funciona como uma forma de legislar sobre a língua, numa tentativa de promover um possível esquecimento de uma memória de exclusão. A promoção deste esquecimento parece funcionar como a reconfiguração de uma memória de exclusão, apresentando à população uma nova entidade mórbida. Assim, não mais deveria haver medo de conviver com os leprosos, outrora excluídos, pois o que está presente socialmente são os hansenianos, dignos de compartilhar dos espaços comuns.

Apesar da proscrição do termo Lepra em detrimento de Hanseníase, verificamos que não houve, conforme o idealizado, um apagamento dos sentidos construídos e que contribuíam para segregação dos doentes. Por isso, em 1995, por força de decreto federal, o termo lepra e seus correlatos foi oficialmente proibido de ser utilizado em quaisquer documentos oriundos do ministério da saúde. Verificamos, no entanto, que tal tentativa foi inócua, uma vez que mesmo em sites governamentais, atualmente, ainda é possível encontrar o uso do termo lepra em vez do termo hanseníase (Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2015).

2.6. UMA MEMÓRIA SOBRE A LEPRA: CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Este capítulo mostrou que as bases de construção de certo discurso sobre a lepra, com relação ao discurso religioso, estão pautadas em um texto fundador, o capítulo 13 do livro de Levítico da Bíblia Sagrada, o qual institui sobre o povo judeu uma série de normas acerca de como lidar com a suspeita de lepra, bem como de quem pode fazê-lo. Desta forma, alguns efeitos de sentido acerca da lepra, que funcionam no texto de Levítico, ainda produzem certos efeitos na atualidade: a lepra é uma praga, ela marca a carne, deve haver uma figura de autoridade que a identifique e esta representa a voz de Deus na terra, o leproso é um indivíduo imundo e deve ser excluído da convivência com os demais.

Este texto apresenta uma profunda relação intertextual com os demais textos que compõem a Bíblia e que tratam do mesmo tema, reforçando a ideia de que ele é um texto fundador, já que aquilo que ele apresenta acerca da lepra é retomado, e também reconfigurado, mas não esquecido ao longo da Bíblia. Enquanto texto que institui uma série de pré-construídos e que se mostra uma referência no entendimento do discurso sobre a lepra, é importante entender que não apenas o texto de Levítico 13, mas todos os livros da Bíblia são atravessados por uma figura de autoridade que valida aquilo que é dito, uma figura que transcende o enunciador de cada livro, e que constitui um hiperenunciador, que, no caso da Bíblia é o próprio Deus.

Ressaltamos ainda que, considerando o texto de Levítico como fundador, é possível compreender, através dos efeitos metafóricos e parafrásticos, com base em Pêcheux (2014[1969]), uma série discursos que envolvem o tema da hanseníase na contemporaneidade. Isso porque, como mostramos, em algumas situações, os termos lepra e hanseníase ainda são substituíveis, embora tenha havido, no Brasil, uma tentativa de apagamento do primeiro termo por força de medida legal. Assim, analisar o tema da lepra a partir do texto bíblico, enquanto

texto fundador, é também uma forma de compreender as práticas discursivas da atualidade em relação à hanseníase, com base em certa memória discursiva, a qual é retomada e reconfigurada na contemporaneidade por meio de diferentes práticas, tanto internas quanto externas ao campo religioso, como mostraremos nos próximos capítulos desta tese.

Defendemos, ainda, que, para compreender o que se mantém e o que é reconfigurado na/pela memória a respeito do tema da lepra, é necessário enveredar por uma dupla fundação: uma, como dito acima, pautada no discurso religioso e outra, pautada no discurso médico-científico. Ao analisar este último, verificamos que as imagens de exclusão, bem como de impureza e imundície, também estão relacionadas à lepra como doença. Se no discurso religioso verificamos que a lepra era tratada como uma praga que tornava o indivíduo indigno, impuro e, como tal, passível de ser excluído da sociedade, no discurso médico-científico, verificamos que a lepra, enquanto doença, também associa ao leproso uma certa noção de sujeira, de imundície, pautada em questões sanitárias. Além disso, tal discurso, por um efeito da memória sobre a atualidade determina que o leproso deva ser isolado da sociedade, devido à possibilidade de contágio, o que também remete ao efeito de sentido de exclusão.

Verificamos assim, que, por bases distintas, tanto o discurso religioso quanto o médico-científico compartilham, no que concerne ao tema da lepra, de uma memória que suscita noções de impureza e exclusão social. O religioso ao tratar a lepra como praga e o médico-científico ao reconhecê-la como uma doença infectocontagiosa que necessita do isolamento do doente. Tais efeitos, além de estarem presentes nos dois discursos analisados até aqui, podem ser verificados em outros campos discursivos, como mostraremos no quarto capítulo desta tese.

3. MEMÓRIA, *ETHOS* E CENOGRAFIA NO DISCURSO (NEO)PENTECOSTAL SOBRE A LEPROSA

No capítulo anterior, analisamos a constituição do discurso sobre a lepra, mostrando que há um texto fundador que funciona como elemento central na construção dos efeitos de sentido sobre a referida doença. Embasados em Maingueneau e Cossuta (1995), discutimos como este texto fundador, proposto por nós como sendo o capítulo 13 do livro de Levítico da Bíblia cristã, que funciona como argumento de autoridade, é parte de um discurso constituinte, o discurso religioso. Ainda voltados para os discursos constituintes, analisamos em diferentes materialidades, os efeitos de sentido que se constituíram e se reconfiguraram, tendo como base também o discurso médico-científico que, aparentemente, operou deslocamentos em alguns termos e efeitos de sentido do discurso religioso para a constituição de outros efeitos de sentido sobre a lepra e sobre a figura do leproso.

Ainda buscando compreender o funcionamento da memória de termos como “lepra”, “leproso” e suas variantes em diferentes campos, neste capítulo, retomamos o campo religioso e buscamos analisar produções que foram elaboradas no/para o referido campo. Para tanto, selecionamos, especificamente, letras de músicas, esboços de pregações, transcrições de enunciados extraídos de vídeos de pregações e testemunhos que circulam e/ou circularam nos meios pentecostal e neopentecostal, doravante denominados em conjunto pelo termo (neo)pentecostal. De uma forma mais direta, voltamos nossas análises a duas igrejas como uma forma de representar o meio (neo)pentecostal, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Assim, enquanto no capítulo anterior investigamos a construção de efeitos de sentido e, conseqüentemente, de efeitos de memória da lepra e do leproso nos campos religioso e científico; neste capítulo, operamos o que entendemos se tratar de uma espécie de efeito de *zoom in*. Em outras palavras, no capítulo anterior tratamos da paisagem geral da lepra e do leproso, enquanto que, neste capítulo, mergulhamos nessa paisagem em busca de detalhes. É como se, em relação ao estudo de uma ampla floresta, detivéssemos-nos, neste momento, em uma de suas árvores. A árvore/detalhe de que tratamos neste capítulo é a lepra em produções discursivas (neo)pentecostais.

Para tanto, iniciamos nossas discussões pautados em pressupostos teóricos da Escola Francesa de Análise de Discurso, em especial nas noções de *cena enunciativa* e de *ethos*, conforme discutidas por Maingueneau em diferentes obras. Em seguida, apresentamos, como base de análise, um *corpus* composto por letras de músicas que circulam nos meios

pentecostal e neopentecostal, e também analisamos esboços de pregações, mensagens religiosas e transcrições de vídeos de pregações e de testemunhos específicas de cada uma das igrejas citadas acima. Uma vez que o ponto chave de nossa análise é o discurso sobre a lepra e a memória construída sobre a mesma, buscamos identificar diferentes imagens sobre a doença e sobre o leproso no material analisado. Para compreender esta noção de memória no discurso, empreendemos uma discussão inicial sobre interdiscurso a partir de alguns pontos apresentados por Maingueneau (2008a) em uma de suas obras.

3.1. A NOÇÃO DE INTERDISCURSO E AS BASES PARA COMPREENSÃO DA MEMÓRIA SOBRE A LEPPRA

Em seu livro *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008a) se propõe a tentar minimizar possíveis lacunas na compreensão do que vem a ser um discurso, suas condições de enunciabilidade, sua relação com a interdiscursividade e talvez, mesmo, suas condições de surgimento e produção. Para tanto, o autor enuncia sete hipóteses tratadas em diferentes capítulos do livro citado e, entendemos que, duas destas nos permitirão melhor desenvolver nossa discussão sobre a constituição de uma certa memória do discurso sobre a lepra.

A primeira hipótese apresentada pelo autor é a de que “o interdiscurso tem precedência sobre o discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 20). Isto significa dizer que a primeira análise que deve ser feita para compreender um certo discurso deve ser realizada não no discurso alvo em si, no nosso caso o discurso sobre a lepra, mas em um espaço de trocas, nas palavras de Maingueneau, entre vários discursos convenientemente escolhidos, e aqui nos pautamos até então no discurso religioso e no discurso médico-científico.

Estes vários discursos convenientemente escolhidos fazem parte do interdiscurso, mas, para que isto seja compreendido, alguns conceitos devem ser explicados. Maingueneau propõe que, para que efetivamente se especifique o conceito de interdiscurso, é preciso que este seja relacionado a uma tríade: universo discursivo, campo e espaço discursivos.

O universo discursivo é constituído pelo conjunto de todos os discursos que circulam em uma determinada sociedade (MAINGUENEAU, 2008b). Este é um conceito bastante amplo, como mostra a escolha do autor pela utilização do termo “universo”. Por isso mesmo, ainda segundo Maingueneau, o universo discursivo é pouco prático operacionalmente para delimitação de um *corpus* específico para discussão de um determinado tema. Assim, em relação ao tema da lepra, o universo discursivo relaciona diferentes discursos, os quais permitem a materialização de diferentes enunciados sobre a lepra, sem que haja qualquer

especificação do que é dito sobre o referido tema. Nessa seara, poderíamos citar o discurso religioso, o discurso médico-científico, o discurso político, o discurso jurídico, cada um trazendo a lepra sobre um conjunto próprio de regularidades que, juntas, e possivelmente associadas a outros discursos, convergem para a constituição de um universo discursivo que atravessa o tema da lepra.

Com base no conceito de universo discursivo, é possível compreender o próximo conceito apresentado, o de campo discursivo, o qual se constitui em um domínio suscetível de ser estudado (MAINGUENEAU, 2008b). Deste modo, enquanto o universo discursivo define um possível horizonte, uma extensão máxima do que pode ser estudado, o campo discursivo pode ser compreendido como uma particularidade dentro desse universo. Em relação ao nosso tema, podemos citar, como exemplo de análise de um campo discursivo, o discurso religioso. Ainda em relação à noção de campo discursivo, Maingueneau (2008b) afirma que é preciso entender que o referido conceito diz respeito a “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 34). Ainda segundo o referido autor, esta concorrência de formações discursivas “deve ser entendida da maneira mais ampla; inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc... entre discursos que possuem uma mesma função social, mas divergem sobre o modo pelo qual esta função deve ser preenchida” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 34). Nesse caso, novamente com base no nosso objeto de estudo, podemos citar o discurso pentecostal sobre a lepra, que se constitui em uma parte específica do campo religioso e que delimita o que pode e deve ser dito sobre a lepra a partir de um corpo consagrado de enunciadores e discursos outros, os quais são reconhecidos como autoridade para o discurso pentecostal.

Ressaltamos que, ainda segundo Maingueneau (2008b, p.34), “é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso”. E é justamente a partir da noção de campo discursivo que podemos, enquanto analistas, determinar subconjuntos de discursos, os quais são selecionados conforme o propósito do analista, e que constituem o que Maingueneau (2008b) chama de espaços discursivos. Desta feita, aplicando, mais uma vez, os conceitos de Maingueneau (2008b) ao trabalho aqui desenvolvido, podemos dizer que, a partir do universo discursivo constituído por tudo que é dito sobre a lepra, tratamos até então, no capítulo anterior, de dois campos discursivos, o religioso e o médico-científico, e que, neste capítulo, optamos por trabalhar com o espaço discursivo compreendido pelos discursos pentecostal e neopentecostal, tratados por nós, como dito anteriormente, pelo termo condensado (neo)pentecostal. Esse espaço funciona no interior do campo do discurso religioso.

Explicitada essa tríade conceitual, é possível compreender melhor um possível discurso sobre a lepra, ao nos determos no fato de que, dentro do espaço discursivo considerado, podemos pensar nas relações entre o Mesmo e o Outro no discurso. Esclarecemos que este Outro se refere a um outro que fala no discurso e que permite a esse discurso certa inteligibilidade, uma vez que, segundo Maingueneau (2008b), este Outro circunscreve o dizível insuportável. Assim, podemos entender que, através da memória, o Mesmo se relaciona a tudo que é, já foi e continua sendo dito sobre o tema no espaço discursivo e permanecendo, portanto, no domínio do dizível suportável; enquanto que o Outro está relacionado àquilo que embora não seja dito, por se tratar do dizível insuportável, é um complemento necessário à inteligibilidade do discurso e é acionado pela memória. Por exemplo quando, dentro do espaço (neo)pentecostal, através de uma rede de memória, é acionado o discurso médico-científico para validar as atitudes de exclusão de leproso sob um viés científico, tomando como base as atitudes da polícia sanitária que agia internando compulsoriamente os leproso e separando crianças de seus pais adoecidos. Essa retomada do discurso médico-científico funciona como o Outro, que retoma a noção de exclusão e sem o qual haveria uma incompletude no discurso sobre a lepra.

No capítulo anterior, embora não tenhamos adotado tal abordagem analítica, é possível identificar em alguns excertos analisados a presença do Outro, como quando vemos, no discurso médico-científico, a presença de elementos do discurso religioso, por meio do efeito de sentido de imundo, bem como pela retomada, no campo médico, do discurso da segregação dos leproso pela sociedade, o qual estava presente, como mostrado, também no campo religioso.

Outras questões a considerar, e que nos fazem pensar em uma relação entre memória e discurso, surgem quando nos deparamos com as discussões de Maingueneau (2008a) sobre vocabulário e tema nos posicionamentos por ele estudados. Em relação ao vocabulário, por exemplo, Maingueneau nos mostra que existem termos que pertencem a determinado posicionamento, mas que são rechaçados por outro, o qual disputa com o primeiro a precedência no interior de certo espaço discursivo. Nesse caso, verificamos que um termo por si só não constitui uma unidade de análise significativa, mas, com base na noção de memória, o efeito de sentido de um termo em um discurso qualquer pode ser visto como unidade analítica relevante, quando relacionado a outros discursos que fazem parte do mesmo espaço discursivo. Assim, não tomamos como unidade de análise a palavra, ou um conjunto lexical apenas. Ou seja, não analisamos isoladamente os termos, imundo, leproso, lepra, mas

verificamos os efeitos de sentidos destes termos no interior do discurso religioso (neo)pentecostal.

E este discurso a ser analisado não deve ser determinado, e não o é, apenas por seus enunciados e enunciadore, mas também por uma “maneira de dizer” específica, chamada por Maingueneau de modo de enunciação (MAINGUENEAU, 2008a, p.90). Este modo de enunciação sugere a reflexão sobre uma possível “voz”, ainda que analisemos o discurso escrito, um tom que faz parte daquilo que é dito, bem como uma corporalidade inerente àquele que enuncia. Salientamos que, no que diz respeito ao discurso, Maingueneau aponta algo que julgamos crucial. Para o referido autor, “a fé em um discurso supõe a percepção de uma voz fictícia, garantia da presença de um corpo” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91), o que nos faz retomar, em relação ao discurso religioso, a noção de hiperenunciador, tratada no primeiro capítulo desta tese. Neste caso, o hiperenunciador funciona como uma das possíveis vozes do discurso religioso, neste caso, a voz de autoridade suprema que autoriza o dizer sobre as questões de fé.

Destacamos que este modo de dizer será tratado na seção seguinte, bem como o possível tom e também a corporalidade que podem ser identificados no(s) discurso(s) (neo)pentecostais.

3.2. APRESENTAÇÃO DE SI NO DISCURSO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE *ETHOS*

Ethos é um termo que é mobilizado pela Análise de Discurso com base em pressupostos da Retórica Antiga, para a qual o termo “designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário” (CHARADEAU; MAINGUENEAU, 2014, p. 220). Nesta acepção, o *ethos* funciona como uma ferramenta de convencimento para validar o que é dito por meio de uma imagem de si construída para o outro, ou seja, ocorre a personificação de uma imagem por quem enuncia, por exemplo a de um sábio, para que o outro tome aquilo que é enunciado pelo “sábio” como sendo palavras de sabedoria.

No âmbito da retórica aristotélica, o estudo do *ethos* não visa verificar o que é persuasivo a um ou a outro indivíduo, mas a tipos de indivíduos (MAINGUENEAU, 2008c). Desta forma, não é uma questão de convencer um sujeito pragmático segundo os valores que este ou aquele indivíduo julgue dignos de confiança, mas classes de indivíduos, como os cristãos, por exemplo. Partindo do exemplo dos evangélicos, trata-se de verificar que

comportamento, tom, valores são ou não persuasivos a este grupo, independentemente das particularidades de membros que o componham. Neste sentido, a imagem que é construída pelo locutor no alocutário deve suscitar uma boa impressão mediante a forma como é construído o discurso, de tal forma que o referido locutor construa uma imagem de si tida como digna de confiança e capaz de causar convencimento ao alocutário (MAINGUENEAU, 2008c).

Maingueneau (2008a), ao discutir a retórica aristotélica e a forma como o *ethos* é tratado nessa disciplina, apresenta algumas distinções em relação ao que ele propõe no que diz respeito ao *ethos* discursivo, abordando alguns pressupostos: o de que o *ethos* é uma noção discursiva, que é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro e que é uma noção híbrida (sociodiscursiva). Trata-se, portanto, de “um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 63). Sob tais pressupostos, é possível compreender que a noção de *ethos* funciona em um processo de interação que deve ser significado na relação de um com o outro, e ainda, depende de uma conjuntura sócio-histórica determinada para que seja efetivamente apreendida. Em relação a esse último aspecto, é possível verificar o porquê de não ser possível compreender totalmente *ethé* que foram assumidos em outras temporalidades, uma vez que muitas vezes faltam elementos para que se conheça o que deve ter sido considerado como *ethos* viável a ser suscitado em seu auditório alvo.

Entendida esta breve apresentação dos pressupostos da retórica aristotélica utilizados por Maingueneau para apresentar sua própria noção de *ethos* empregado na Análise de Discurso, algumas distinções se fazem necessárias para que possamos esclarecer os marcos teóricos de análise utilizados neste capítulo.

Assim, enquanto a retórica vincula o *ethos* à oralidade, Maingueneau (2008b) propõe que qualquer texto escrito tem uma “vocalidade” específica, o que permite uma caracterização do corpo do enunciador a um estatuto de “fiador”, o qual, por meio de seu “tom”, atesta o que é dito. Neste sentido, o “tom”, identificado no texto pelo enunciador enquanto ato discursivo, traz à tona a figura do fiador deste texto, aquele que valida aquilo que é “dito”.

Esta figura de “fiador”, encarnada por uma série de representações coletivas estereotipadas, acaba determinando o que se poderia esperar, por meio de um conjunto de determinações físicas e psíquicas, o que ultrapassa a dimensão verbal do discurso. Assim, atribuem-se ao fiador além do tom, já identificado, um “caráter” e uma “corporalidade”; “o

primeiro correspondendo a uma série de traços psicológicos, e o segundo, a uma certa compleição física bem como uma forma de se vestir” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 65). Por exemplo, se o tom de um discurso suscita como fiador um atleta profissional, a imagem que se forma sobre este sujeito é a de alguém preocupado com a sua constituição física, com hábitos alimentares considerados saudáveis e de alimentação regrada, bem como, alguém que se veste de acordo com sua prática esportiva e ao qual se atribui uma imagem de longevidade e de bem-estar.

O *ethos* é, então, associado a uma certa figura através da incorporação que o leitor faz desse fiador. Tal associação ultrapassa a identificação de uma figura pragmática validadora de algo que é enunciado. Não é um eu, sujeito pragmático que valida o discurso, mas, através do *ethos*, identifica-se uma “figura” validadora, um *ethos* sábio, por exemplo. A incorporação designa a ação do *ethos* sobre o coenunciador, o que, pela enunciação, leva o coenunciador a, através do *ethos*, conferir um corpo ao seu fiador (MAINGUENEAU, 2013a). Isto implica o acesso a um “mundo ético” do qual o fiador é uma parte e com a qual o leitor/coenunciador se identifica e o assume como validador do que é dito em um certo discurso. É possível assim compreender o que é dito por Maingueneau: “o universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas ‘ideias’ que transmite”, seja por uma maneira de dizer, seja por uma maneira de ser, os quais nos fazem remeter a um tom, um caráter e a uma certa corporalidade” (MAINGUENEAU, 2013a, p. 108).

Maingueneau (2013a) trata do *ethos* pré-discursivo; do *ethos* discursivo (*ethos* mostrado); e do *ethos* dito, que, em conjunto, constituem um *ethos* efetivo. O *ethos* pré-discursivo corresponde a uma espécie de imagem prévia que o leitor tem em relação ao enunciador e que antecede a situação de enunciação, é uma espécie de preconcepção que pode ser anterior ao discurso quando se detém a uma imagem prévia daquele que o enuncia. Pode-se, por exemplo, formar um *ethos* pré-discursivo de uma letra de música religiosa cristã sem nem mesmo ter acesso à sua enunciação. Para tanto, basta que o coenunciador tenha uma imagem prévia de quem compôs a música é, provavelmente, alguém devoto, imbuído de valores cristãos, que conhece os preceitos bíblicos, etc. Já os *ethos* dito e o mostrado, que juntos compõem o *ethos* discursivo e estão relacionados à situação de enunciação, estão profundamente imbricados. O *ethos* dito é verificado naquilo que o enunciador literalmente diz de si: “eu falo como um pai austero”, “falo não como um líder, mas como um membro desta comunidade”, “sou sincero e amigo...”; já o *ethos* mostrado pode confirmar ou infirmar o que o enunciador pôs a prova através do *ethos* dito, por exemplo, apesar de ter dito que fala não como líder mas como membro da comunidade, sua fala pode revelar uma postura

centralizadora, o que iria de encontro ao que foi dito. Podemos constatar, por meio destes componentes do *ethos* efetivo, que este implica não apenas uma maneira de dizer (*ethos* dito) mas também uma maneira de ser (*ethos* mostrado) que compõem o *ethos* discursivo identificado naquilo que é enunciado.

3.3. ETHOS E CENA DE ENUNCIACÃO

Segundo Maingueneau (2008c), por meio do *ethos*, o coenunciador é convocado a um lugar, inscrito na cena da enunciação que o texto implica. Esta cena é subdividida em três cenas, chamadas de: “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”.

A cena englobante associa o discurso a um certo tipo, com um estatuto pragmático determinado, como por exemplo: midiático, filosófico, religioso. A cena genérica está associada à noção de gênero ou mesmo de subgênero de um discurso, como sermão, panfleto, prefácio, lista telefônica, carta; o que não a desvincula da idéia de uma certa cena englobante, uma vez que, por exemplo, um discurso religioso pode implicar um sermão, um panfleto, mas não uma consulta médica. Já a cenografia não é imposta pelo gênero, sendo construída pelo próprio texto: um texto publicitário pode ser enunciado por meio do gênero carta, bem como por diversos outros, conforme “escolha” do enunciador (MAINGUENEAU, 2008c).

Destas três cenas, é de nosso especial interesse a cenografia, uma vez que tratamos de uma cena englobante pautada no discurso religioso, embora tenhamos diferentes cenas genéricas como a letra de música, o esboço de pregação, a pregação e o testemunho. Ainda de acordo com Maingueneau (2008c), “a cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008c, p. 70). Portanto, como defende o autor, a cenografia é validada por sua própria enunciação. Em outras palavras, o desenvolvimento da cenografia no processo de enunciação é, em si, o que torna a situação de enunciação pertinente e válida.

A relação entre cenografia e *ethos* implica um processo de entrelaçamento que vai, desde a sua emergência, revelando o *ethos* do qual participa e que se valida progressivamente por meio da própria enunciação (MAINGUENEAU, 2008c). Desta feita, a cenografia é tanto de onde vem o discurso quanto aquilo que este mesmo discurso produz; a cenografia legitima um enunciado e este mesmo enunciado a legitima por meio de uma cena que o torna possível de ser enunciado.

Este entrelaçamento entre cenografia e *ethos* discursivo, mais especificamente, é o que analisamos nas seções seguintes a partir de diferentes produções discursivas. Para tanto, uma vez que já foram analisados diferentes efeitos de sentido sobre a lepra, bem como suas reconfigurações tanto no discurso religioso quanto no discurso médico-científico, nos pautaremos aqui no discurso religioso e mais especificamente em diferentes imagens sobre a lepra e o leproso especialmente pautadas no texto bíblico, o qual funciona como uma fonte de validação destes discursos.

3.4. IMAGENS SOBRE LEPROSOS EM LETRAS DE MÚSICAS (NEO)PENTECOSTAIS

Para as seções seguintes adotamos como estratégia de análise identificar tanto o *ethos*, por meio do tom, do caráter e da corporalidade, quanto a cenografia utilizada como parte da cena enunciativa de diferentes letras de músicas que circulam discursivamente tanto no meio pentecostal quanto no neopentecostal. Partindo do texto bíblico cristão, identificamos diferentes imagens sobre o leproso em situações distintas que comungam ou, em certa medida, se afastam do esperado para tais indivíduos. Tudo isso tendo como base o texto fundador analisado no capítulo precedente. Nesse sentido, identificamos três situações envolvidas na enunciação das cenas apresentadas nas letras de músicas que compuseram o *corpus* de estudo: grupos de leprosos, o leproso do monte e Naamã. Cada uma destas situações é enunciada por diferentes composições musicais e será analisada nas seções seguintes.

3.4.1. Grupos de leprosos

Em relação ao leproso apresentado como parte de um grupo, identificamos no *corpus* duas letras de músicas que retratam diferentes situações presentes no texto bíblico cristão. Em uma delas, faz-se menção a um grupo de dez leprosos e, na outra, há um grupo de quatro leprosos. A cenografia utilizada em ambas as composições é típica de um conto, com um desenrolar breve e com um único clímax, como se o enunciador assumisse a figura de um contador de histórias, conforme pode ser verificado nos seguintes excertos:

Excerto 24: Em certa manhã dez leprosos acostumados ao descaso
Abandonados caminham o caminho da dor
Em certa manhã dez leprosos abandonados pelo próximo
Tão conformados jamais esperavam a cura (Texto – 2M)¹⁸.

Excerto 25: Na minha Bíblia tem uma história que ninguém quase contou
Talvez por serem leprosos quase ninguém lembrou
Por um ano o exército da Síria
Cercava o povo de Samaria
E a multidão de fome lá morria
E ninguém por lá nada fazia
Foi aí que quatro leprosos
Tomaram uma atitude de corajosos (Texto – 6M).

Em ambos os excertos, verificamos um texto que se mostra como um conto, com a descrição do cenário em que se ambienta a narrativa e o desenrolar do que é contado em virtude de expressões como “em certa manhã” ou “foi aí que”, o que confere certa coloquialidade ao que é enunciado. Esta coloquialidade, no entanto, é, em certa medida, rompida pela seriedade daquilo que é enunciado por meio de cenas validadas¹⁹ no texto bíblico. Espera-se que o leitor/coenunciador destes textos, endereçados ao público cristão, reconheça nestas narrativas o texto bíblico que por si só valida e confere autoridade ao que é dito.

O tom de seriedade do enunciador pode ser verificado por certa gravidade em parte da narrativa: “abandonados caminham o caminho da dor”, “dez leprosos abandonados pelo próximo”, no excerto 24; e: “talvez por serem leprosos quase ninguém lembrou”, no excerto 25. O que parece funcionar aqui é uma espécie de *ethos* misto em que o enunciador tanto se apresenta como um contador de uma história quanto como uma figura que faz uma denúncia, uma espécie de pregador/profeta ao apresentar um posicionamento no interior da narrativa, conforme trecho extraído do excerto 25 no qual ocorre a expressão “talvez por”, o que indica uma tomada de posição. Não é apenas um narrador impessoal que conta uma história, mas também não é um personagem do conto realizando a narração em primeira pessoa. Trata-se de

¹⁸ Em virtude de as letras de música aqui utilizadas estarem disponíveis em diferentes sites na internet, optamos por indicar a origem dos excertos por uma codificação. Assim, ao final de cada excerto indicamos entre parênteses a letra da qual foi extraído com a expressão “Texto” seguido por um número que varia de um a onze e a letra M para indicar que se trata de uma letra de música. O texto completo bem como a codificação equivalente de cada letra de música foi disponibilizado nos anexos desta tese.

¹⁹ Maingueneau (2015) esclarece que uma cena validada está atrelada a uma imagem já fixada na memória coletiva e para a qual não há necessidade de maiores esclarecimentos. Por exemplo, ao se pensar em uma missa, pela memória, é invocada uma ritualística característica da Igreja Católica, com uma liturgia bem determinada.

alguém que denuncia que quase ninguém lembrou de tais indivíduos por serem leprosos. Esta tomada de posição pode indicar ao coenunciador, que, ao que tudo indica, assume a imagem de um cristão, a compreensão de que a lepra implica em um efeito de exclusão, de “abandono”, como pode ser constatado nos trechos apresentados. Tal exclusão liga-se a certa memória materializada na Bíblia. Esse efeito de memória convoca o coenunciador a entender o que é narrado através de uma cena validada, a de leprosos abandonados fora do convívio da cidade, a qual remete àquilo que ocorria com qualquer indivíduo que fosse identificado como leproso, conforme mostra o capítulo 13 de Levítico, discutido no primeiro capítulo desta tese.

No entanto, verificamos outras características assumidas na enunciação destas letras de músicas que trazem à cena enunciativa a situação de leprosos não enquanto indivíduos, mas enquanto grupos. Em certo momento, constatamos outras características no *ethos* mostrado desse enunciador, como verificado nos excertos a seguir:

Excerto 26: Ouve-se a voz do filho do homem
A lepra não pode permanecer (Texto – 2M).

Excerto 27: Minha mensagem não é para magnata
É pra você que ninguém não dá mais nada
Deus vai te usar na terra como ninguém
e vai por nas suas mãos o que os grandes não têm
Minha mensagem não é para exaltado
estou cantando pra leproso desprezado
É grandioso o que ele vai te dar
profetizo um novo tempo que acaba de chegar. (Texto – 6M) (grifos nossos)

Nos excertos 26 e 27, o enunciador assume a postura de pregador/profeta e não mais de contador de histórias. As falas agora são marcadas por um tom de autoridade, o que remete, por um efeito da memória sobre a atualidade, à autoridade do hiperenunciador do texto bíblico, ou seja, a Deus. Não é apenas algo que é afirmado, são verdadeiras declarações que se espera que sejam assumidas como advindas do próprio Deus, por intermédio de seus representantes terrenos.

No excerto 26, o *ethos* de pregador é identificado pela assunção de uma autoridade imputada ao Cristo, a de que até mesmo a voz deste seria capaz de curar a lepra, daí o “pregador” deste mundo ético afirmar que “a lepra não pode permanecer”. O que se espera do cristão, o coenunciador a quem é endereçado aquilo que é dito, é que associe as palavras do pregador às palavras do próprio Deus. Portanto, se este pregador diz que a voz do Filho do Homem afasta a lepra, o coenunciador assume isso como verdade inquestionável. Aqui, não nos parece que o termo lepra faça alusão apenas à praga bíblica, mas é associada, pela própria

cenografia utilizada, a qualquer condição que faça com que o indivíduo se sinta abandonado ou conformado, sem esperar a cura, conforme mostra o excerto 24. A lepra, neste contexto, parece funcionar como pano de fundo para conclamar os cristãos que sofrem de diferentes males e que se subjetivam como leprosos, abandonados e desenganados. Para esses, o enunciador apresenta uma solução que consiste em ouvir a voz do filho do homem. Assim, vemos funcionar uma memória sobre a lepra, a qual produz efeitos de sentido ligados à exclusão. Esse discurso da lepra como lugar de exclusão faz funcionar, na atualidade, um efeito de sentido segundo o qual o indivíduo tem necessidade de aproximar-se do divino, pois este pode livrá-lo, assim como ao leproso, de seu abandono social.

No excerto 27, o enunciador assume, inicialmente, o *ethos* de contador de história, mas, depois, também o de pregador/profeta, o que se dá por meio de uma mudança de tom na enunciação, como pode ser verificado na expressão “a minha mensagem”, em que a trama narrada, antes envolvendo leprosos, é atualizada, e, a partir daí, a memória da lepra é utilizada para aproximar uma série de outros indivíduos que aqui são associados à condição de leprosos pelo fato de, que “ninguém dá mais nada” por eles, sendo, portanto, comparados ao “leproso desprezado”. O mensageiro promete/afirma/profetiza àquele que se subjetiva na condição de leproso que o próprio Deus o usará na terra como a ninguém e dará a ele (ao leproso) aquilo que, ainda segundo o enunciador, os grandes não têm. Tal enunciação mostra-se voltada para os indivíduos que se julgam simples ou humildes. Nesse sentido, a lepra funciona como uma figura de exclusão que serve para aproximar indivíduos em diferentes condições, também consideradas excludentes, conclamando-os a uma tomada de posição que faz com que se identifiquem com as palavras do pregador. O *ethos* assumido pelo enunciador tem um tom de autoridade, é alguém que é capaz de afirmar que Deus fará ou não algo, tomará ou não uma certa atitude, identificando-se como um profeta, uma vez que utiliza o termo “profetizo”, trazendo para a atualidade a figura dos profetas bíblicos, representantes da voz de Deus na terra.

Nesses excertos, constatamos, com base na cenografia utilizada, a presença do leproso desprezado. Vemos, portanto, a lepra funcionando como meio de exclusão, e não apenas como uma doença. Tal imagem, da lepra como meio de exclusão, é utilizada pelo enunciador para estabelecer como seu coenunciador todos aqueles que, independentemente de terem ou não a lepra doença, sintam-se excluídos socialmente. A assunção de um *ethos* de pregador/profeta, por parte do enunciador, permite que diferentes indivíduos da atualidade se identifiquem com a situação que é descrita na história do grupo de leprosos. Para que isso ocorra, os acontecimentos discursivos que dão margem a tais enunciações e que não são

apresentados conforme o texto bíblico em sua totalidade devem ser interpretados por uma espécie de leitor modelo, conforme Eco (1981)²⁰, o qual, supostamente, conhece a narrativa bíblica e, por isso mesmo, identifica-se com a cenografia desenvolvida.

3.4.2. O leproso do monte

A segunda imagem de leproso que identificamos nas letras de músicas analisadas foi utilizada na composição de três das onze letras de músicas que compuseram parte do *corpus* deste capítulo e utiliza, para compor a cena enunciativa, a cena de um leproso que, no texto bíblico, vai ao encontro do Cristo com a esperança de ser curado. Apresentamos, a seguir, alguns dados que consideramos relevantes para entender o contexto em torno do qual são desenvolvidas tais enunciações. No texto bíblico, o indivíduo que aqui chamamos de “o leproso do monte” não é identificado, nem quaisquer características pessoais ou sociais deste são apresentadas, apenas que ele procura o Cristo e obtém, de forma milagrosa, sua cura.

Nas letras de músicas analisadas nesta seção, podemos identificar uma cenografia que materializa um diálogo entre um leproso e o Cristo na base de um monte. Em tais letras, há a utilização de um tom fantasioso para preencher lacunas do não dito no texto bíblico, como a origem do leproso, sua vida anterior ao adoecimento e ao encontro com o Cristo, para que haja por parte do coenunciador uma certa imagem de indivíduo que se pretende apresentar como o leproso na composição da cena enunciativa. Este tom fantasioso é assumido pelo enunciador, como se pode verificar nos excertos a seguir:

Excerto 28: Quero crer que este homem tinha família
Trabalhava todo dia, e também temia a Deus (Texto – 1M). (grifo nosso)

Excerto 29: Eu vejo um homem humilhado
Afastado de sua casa
De seus filhos, seus irmãos
Eu vejo um homem
Sendo jogado para fora da cidade
Pois a lepra era uma maldição (Texto – 3M). (grifos nossos)

²⁰ A noção de leitor modelo, conforme desenvolvida por Eco (1981), estabelece que um texto é uma instância incompleta que deve ser atualizada por um leitor que conheça o código linguageiro utilizado para sua construção bem como os elementos linguísticos por meio dos quais esse código se apresenta. Assim, para o texto bíblico, o suposto leitor modelo deve possuir um entendimento dos costumes bíblicos que subjazem à narrativa para que possa compreender o que é narrado a partir de seu próprio dicionário interpretativo, conforme Eco (1981, p.73).

Nestes excertos, o enunciador assume a responsabilidade de compor uma cena narrativa fantasiosa e diz que fala a partir de suas próprias noções, daquilo que “vê” e não necessariamente daquilo que compõe efetivamente o texto bíblico. Destarte, é importante destacar que o discurso religioso tem como figura máxima de autoridade o texto bíblico e que para que alguém seja reconhecido como falando por Deus deve valer-se deste para compor sua enunciação. Aqui, os enunciadores se colocam como aqueles que, em certa instância, validam sua própria enunciação, quando utilizam as expressões “quero crer” e “eu vejo”, pois, por meio dessas, o enunciador assume uma primeira pessoa que o coloca como fonte daquilo que será narrado.

Em concomitância com esta assunção de autoridade, mesclam-se na composição do conto, assumindo aqui que o enunciador mantém uma estrutura de história curta com um único clímax, partes do texto bíblico, os quais, são identificados pelo leitor cristão como partes de uma cena validada, as narrativas de milagres presentes nos evangelhos. A esse respeito, observemos os excertos abaixo:

Excerto 30: E Jesus tocou nele e a lepra foi embora (Texto – 1M).

Excerto 31: Eu também vejo
Um homem descendo a colina
Vestido de branco
Curando, salvando e quebrando maldições
E quem toca ou clama por Ele é curado
Eu também vejo esse homem descendo
E seguindo na direção
Um leproso que outrora
Humilhado e desprezado
Por quebrar a maldição (Texto – 3M).

Excerto 32: Um leproso, foi a Jesus, e de joelhos lhe falou:
Se quiseres podes me limpar.
Jesus disse: Eu quero e vou.
Cheio de compaixão, Cristo estendeu a mão e o tocou (Texto – 7M).

Nos excertos 30, 31 e 32, elementos validados no texto bíblico são mesclados a uma narrativa fantasiosa, assumida pelos enunciadores dos referidos textos. No excerto 30, ocorre uma reconstrução do texto bíblico em que a expressão “a lepra foi embora” substitui aquilo que se espera que seja a concretização do desejo expresso pelo Cristo, conforme a expressão de sua fala no texto bíblico “quero, sê limpo”. Já o excerto 31 apresenta, em sua cenografia, a composição de uma paisagem onde se desenrola o breve diálogo entre o leproso e o Cristo,

uma imagem que mescla elementos do texto bíblico com aquilo que é assumido na fantasia desenvolvida pelo enunciador como em: “vestido de branco, curando, salvando e quebrando maldições”. Essa caracterização do Cristo é usada para compor uma cena que apresenta uma figura divinizada, o Cristo, na presença do qual, uma maldição, a lepra, pode ser desfeita. Aqui, o efeito de praga desliza para o de maldição, algo que também é impetrado por alguém e que torna, nesta cenografia, o indivíduo leproso um ser humilhado e desprezado.

Ao que parece, o *ethos* aqui assumido é o de pregador, aquele capaz de interpretar os textos sagrados e mesmo aproximá-los da realidade dos fiéis, a fim de apresentar-lhes a vontade divina. A lepra, novamente, é apresentada não necessariamente como doença, mas como condição que torna alguém humilhado, desprezado, impuro. Esse ser impuro é apresentado em contraposição com a figura do Cristo, o único que pode expurgar, de qualquer um que se sinta como um leproso, os seus males. O que constatamos aqui é que a lepra, como elemento utilizado na composição da cena enunciativa de letras de músicas religiosas, funciona como elemento validador da autoridade divina, capaz de purificar qualquer homem de seus males.

Os efeitos de sentido que o termo lepra materializa, por meio da memória, parecem funcionar como validadores de um discurso piedoso que coloca o Cristo como a solução para os males da humanidade. No excerto 32, por exemplo, o leproso se apresenta como impuro e reconhece que o Cristo pode torná-lo limpo, mas o que talvez não espere é que este o toque a fim de purificá-lo, “Cristo estendeu a mão e o tocou”. Na Bíblia cristã, o leproso é considerado como imundo e, ainda segundo o referido texto, qualquer um que tocasse uma coisa imunda também se tornaria imundo, até que fosse purificado. Contudo, segundo o relato materializado na letra de música sob análise, isso não ocorre com o Cristo, pois este personifica, no texto bíblico, o próprio Deus. E justamente porque o Cristo assume as mesmas funções de Deus é que este possui a autoridade daquele que tanto é capaz de instituir a lepra enquanto praga, quanto de curá-la, ainda que tocando, sem que isso o torne impuro, como faria com um homem comum.

Podemos destacar também que há outras reconstruções do texto bíblico a fim de compor a cena enunciativa; no excerto 32, por exemplo, quando é dito “Jesus disse: Eu quero e vou” faz-se uma alusão ao texto “e tocando-o disse: quero, sê limpo”.

Na composição da cena enunciativa de uma outra letra de música, o enunciador também faz uso de uma fusão de cenas oriundas do texto bíblico uma vez que se utiliza não somente da conhecida passagem do leproso do monte, mas também apresenta uma relação

intertextual com o texto fundador de Levítico 13, ao compor a cena com o que seria a identificação da lepra por parte do sacerdote, como pode ser verificado no excerto abaixo:

Excerto 33: Era triste a sua sorte procurou um sacerdote e pediu para o examinar
 E o sacerdote então passando a mão de uma agulha começou a furar suas feridas,
 Me fale, me responda por favor, se está sentindo dor, porém ele disse não
 O sacerdote ficou muito espantado, chamou aquele homem ao lado
 E então lhe falou: O seu caso é complicado é tenebroso,
 Ouça o que vou lhe dizer: Você está leproso! (Texto – 1M).

Neste excerto, elementos validados no texto bíblico, como o apresentar-se ao sacerdote para ser examinado, são somados a outros elementos que podem ter sido utilizados na composição da cenografia para dar um efeito de ênfase ao que aconteceria com o leproso, como no enunciado em que é dito que o sacerdote se utiliza de uma agulha para furar as feridas do leproso e o indivíduo se mostra insensível a tal teste. Nesse sentido, elementos presentes na memória, tanto no que diz respeito ao discurso religioso quanto no que se refere ao discurso médico-científico, são aqui convocados para que a cena se torne inteligível. Do discurso religioso é convocada a presença do sacerdote como figura de autoridade capaz de verificar a lepra em alguém; e, do discurso médico-científico, retoma-se um elemento instrumental, a agulha, para que se mostre que a lepra torna partes do corpo insensíveis, algo que não é referido no discurso religioso.

3.4.3. Naamã: um leproso nomeado

A terceira situação identificada como uma imagem de leproso no *corpus* analisado possui algumas distinções em relação às duas anteriores. Em primeiro lugar, ela trata de um indivíduo que é identificado como Naamã e não apenas como o leproso ou como parte de um grupo de leprosos. Em segundo lugar, Naamã não é judeu, o que o distingue de quaisquer outras situações descritas na Bíblia Cristã em relação à lepra. É importante compreender que o texto de Levítico 13 está inserido no contexto da lei mosaica, a qual é endereçada aos judeus, no entanto, Naamã faz parte do povo sírio, povo que não é apresentado na Bíblia cristã e sobre o qual a Bíblia não traz muitas informações.

Destacamos ainda que a narrativa bíblica é realizada, no que tange ao texto veterotestamentário, onde se encontra a narrativa de Naamã, por judeus e para judeus, e Naamã faz parte de um dos povos inimigos dos judeus na época em que sua situação como

leproso é descrita, tanto que o tratamento dado no texto bíblico à sua figura pode ser esclarecido no seguinte versículo de um outro texto da Bíblia: “E Naamã, capitão do exército do rei da Síria, era um grande homem diante do seu senhor,(...); e era este homem herói valoroso, porém leproso” (2 Reis 5:1, BÍBLIA, 2009).

No *corpus* utilizado para análise, neste capítulo, seis das onze músicas têm na história de Naamã o ponto central para tratar do tema da lepra, trazendo em si diferentes composições de cenografia, bem como diferentes *ethé* assumidos pelos enunciadores de tais letras. Nas duas seções anteriores foram observados *ethé* mistos de contador de histórias e pregador/profeta, nesta seção observamos situações distintas que serão discutidas a seguir.

Em uma das letras de música analisadas, observamos um *ethos* a que chamamos de cristão contrito, conforme podemos observar nos excertos abaixo:

Excerto 34: Quando meu eu
E o meu orgulho descer comigo
E se misturar
Com as águas do rio.
Então subirei
Como Naamã curado (Texto – 4M).

Excerto 35: Senhor, quebra o meu orgulho
Eu quero descer e mergulhar
Nas águas do teu amor
Me purifica! Eu quero ser limpo
Como Naamã, no teu poder (Texto – 4M).

Nos excertos 34 e 35, verificamos a utilização de uma cena validada no meio cristão, a cura de Naamã, para fazer funcionar o que denominamos de um *ethos* contrito/piedoso, em que o enunciador se identifica com a figura de Naamã para que o coenunciador entenda porque esse enunciador, ao qual o coenunciador se assimila, precisa se livrar de seu orgulho e de seu “eu” para que possa subir, como Naamã, curado. O subir aqui faz alusão aos mergulhos que Naamã teve que realizar no rio Jordão para que fosse curado de sua lepra. Para o enunciador, o mergulhar nas águas do Jordão é identificado com a atitude de Naamã de descer junto com seu eu e com seu orgulho para que seja curado e se veja, conforme o excerto 35, “limpo e purificado”.

Naamã é uma figura conhecida no meio cristão e comumente associado a um certo status social, uma vez que fazia parte do comando do exército sírio, que dominava a região onde se encontrava Israel, lar do povo judeu. Nos excertos apresentados, a lepra de Naamã é comparada com o orgulho do qual o enunciador deve purificar-se e, assim como Naamã

mergulhou, desceu nas águas, esse enunciador precisa descer ao mais fundo de seu “eu para livrar-se de seu orgulho.

A cenografia aqui utilizada ilustra um homem que mergulha nas águas de um rio para que seja purificado de um mal. Esta cena validada, a de alguém que dispõe de autoridade e deve, ainda que momentaneamente, esquecer-se dela por um bem maior, confirma a contrição expressa no *ethos* do enunciador.

Um outro *ethos* que foi identificado no corpus analisado é o de profeta, similar àquele observado nas seções anteriores deste capítulo, conforme pode ser observado nos excertos a seguir:

Excerto 36: Ei, Naamã! Faz o que fostes mandado
E dessa lepra tu vais ser curado, é só mergulhar...
Ei, Naamã! Deixa desse teu orgulho,
Desce no rio e mergulha bem fundo, é só mergulhar...
Ei, Naamã! Deixa a soberba de lado, vai perder a benção
Do mal ser sanado, é só mergulhar... (Texto – 5M).

Excerto 37: Ei, igreja “escuta”, hoje Deus me faz profeta,
Tem um recado pra ti nessa festa,
Tens que mergulhar...
Pra você ter a benção de Deus completa,
A família, a cura, as portas abertas,
Tens que mergulhar... (Texto – 5M)

Este *ethos* de profeta assumido pelo enunciador é apresentado nos excertos 36 e 37 em duas situações distintas. Na primeira, a voz do profeta é dirigida a Naamã, o que leva o coenunciador à cena validada da cura de Naamã no texto bíblico, e apresenta a este mesmo coenunciador a necessidade, por parte de Naamã, de ter de mergulhar para que fosse curado. Destacamos que, na composição da figura de Naamã, alguns traços de sua personalidade são apresentados, segundo a visão do enunciador. Trata-se do traço do orgulhoso e do da soberba, conforme pode ser verificado no excerto 36.

No excerto 37, esta imagem de profeta é transferida à atualidade, pois este fala à igreja, convocando-a, por um efeito de memória, a mergulhar para que possa obter uma “benção completa”. O que podemos verificar é que através da memória do texto bíblico, a mensagem materializada na atualidade faz uma associação entre a possibilidade de obtenção de uma “benção completa”, por parte da igreja, e possibilidade de cura de Naamã. Contudo, para que essa associação se concretize é preciso que a igreja faça como Naamã e mergulhe para que seja limpa, como indica a cenografia utilizada nos excertos abaixo.

Excerto 38: Um, Deus em silêncio profundo.
 Dois, o melhor estava pra depois.
 Três, Naamã mergulha outra vez.
 Quatro, Naamã já estava cansado.
 Cinco, Naamã estava desistindo.
 Seis, só faltava a última vez.
 Na sétima vez Naamã mergulhava
 Ainda submerso pelo rio molhado,
 Subiu devagar com os olhos fechados,
 Esperando o mesmo ruim resultado (Texto – 5M).

Excerto 39: Vem comigo mergulhar:
 Um, sinte o espírito santo.
 Dois, olha o fogo queimando.
 Três, enche agora teu vaso.
 Quatro, seja agora batizado.
 Cinco, fale em mistérios com Deus.
 Seis, mergulhe a última vez.
 Na sétima vez Deus vai te pegar,
 Vai te por de pé com você vai andar
 E toda lepra vinda do pecado
 Não passa de hoje tu vai ser curado (Texto – 5M).

No texto bíblico veterotestamentário, não há qualquer descrição de fatos ocorridos durante os mergulhos de Naamã, apenas que este mergulhou sete vezes no rio Jordão e, após o sétimo mergulho, saiu com a pele curada. Contudo, o que se pode notar nos excertos 38 e 39 é a utilização de uma cenografia que apresenta ao coenunciador diferentes situações durante os mergulhos. No excerto 38, tais cenografias vinculam-se à imagem do próprio Naamã; e, no excerto 39, os mergulhos são “dados” não por Naamã, mas pela igreja. Nos dois casos, vemos uma espécie de gradação até que se possa efetivamente ser curado da lepra. Enquanto no excerto 38, o resultado dos mergulhos é a cura da lepra enquanto doença física; no excerto 39, a cura é de um mal espiritual/moral, pois, nesse caso, a lepra é o pecado. Nesse sentido, a figura da lepra como um mal que faz com que alguém importante, como Naamã, tenha que mergulhar em um rio para que seja curado é atualizada, por meio de um efeito de memória, para mostrar aos fiéis que o pecado, assim como a lepra, pode ser curado. Entendemos que a cenografia utilizada confere certa ênfase ao texto. Nesse caso, a cura prometida é apresentada como algo que não se dá de forma instantânea, mas gradativa, devendo haver, portanto, mais de um mergulho.

Observamos que, até então, o *ethos* predominante, ao tratar da imagem de Naamã enquanto leproso, é o de pregador/profeta, no entanto, similarmente ao que vimos nas seções anteriores, também é possível identificar o *ethos* de contador de história, associado ao *ethos* de pregador, compondo um *ethos* misto em algumas letras, como podemos verificar a seguir:

Excerto 40: Naamã trouxe para a sua casa uma menina
Depois da vitória sobre Israel
Mas ele não sabia
Que uma pequena escrava
Em sua vida era um plano dos céus (Texto – 9M).

Excerto 41: Do exército do rei da síria era o comandante
General valente , homem importante
Homem respeitado , homem valoroso
Por conquistas e vitórias era conhecido
Nome , fama e glória tinha conseguido
Por Deus ele era usado , mas era leproso (Texto – 10M).

Nos textos acima, há uma estrutura similar a um conto com um narrador em terceira pessoa, o qual caracteriza a figura de Naamã e ambienta o leitor na história apresentada. Além disso, verificamos que, assim como já mostramos em outros excertos analisados nas seções anteriores, nos contos há um único clímax e que o clímax destes “contos” é marcado pela transição do *ethos* contador de história para o *ethos* pregador. Assim, o contador de história marca uma espécie de momento de envolvimento de um certo auditório, aqui marcado como o leitor/coenunciador cristão, para que, em seguida, o *ethos* pregador assuma a narrativa, trazendo uma mensagem validada pelo próprio Deus.

Observemos, nos excertos seguintes, o momento em que o *ethos* pregador assume a cena e atualiza, por um efeito de memória, os efeitos de sentido de lepra no seu público-alvo:

Excerto 42: É preciso descer mergulhar sete vezes lá no rio Jordão
Se quiser receber milagre e libertação
Se quiser que esta lepra seja aniquilada (Texto – 10M).

Excerto 43: Porém hoje em nossos dias não é diferente
Iguais a Naamã vemos tanta gente
Homens importantes, homens valorosos
Quando cantam, quando pregam do céu fogo desce
Quando oram o milagre até acontece
Por Deus eles são usados, mas estão leproso (Texto – 10M).

Excerto 44: Onde eu estiver, eu vou usar
Como a menina, a minha fé
O mal não vai contagiar o meu lar
O endereço do milagre vou revelar (Texto – 9M).

Nos excertos 42 e 43, o pregador se utiliza da figura de Naamã para compor sua mensagem. No excerto 42, por um efeito de memória, o enunciador apresenta seu coenunciador como sendo alguém que precisa mergulhar sete vezes no rio para que seja purificado. No 43, Naamã é aproximado da imagem de pessoas importantes, mas que têm um

problema que precisa ser sanado, uma lepra a ser curada. Já no excerto 44, verificamos, pela primeira vez, uma outra figura para compor a cena que tem Naamã como foco no texto bíblico, a da menina que foi levada por este como escrava e que lhe informa acerca de uma possibilidade de cura.

A figura da menina, no texto bíblico, entra em cena para apresentar a Naamã uma possibilidade de cura milagrosa, apontando para ele esta possibilidade através da ação de um profeta. A imagem do profeta é comumente associada, por um efeito de memória, ao discurso que pressupõe certa autoridade divina, o que pode ser verificado no excerto abaixo:

Excerto 45: Eliseu disse Naamã você precisa descer
 Eliseu disse Naamã, tu precisa descer
 A multidão não enxerga, a multidão não sente, a multidão não vê
 Mas só quem está perto pode perceber o cheiro da lepra que sai de você
 (Texto – 8M).

Neste excerto, é possível identificar um tom de autoridade atribuído ao profeta, uma vez que este fala a alguém que socialmente teria mais autoridade do que ele, um general, no entanto, enquanto representante de Deus, o profeta tem uma autoridade especial e ele pode dizer a um general que “precisa descer”, sabendo-se que, como dito nas análises apresentadas acima, descer aponta para o efeito de “mergulhar” no rio a fim de ser purificado. Dessa forma, quando o enunciador assume um *ethos* profético ao falar à igreja, ele mostra-se como alguém que pode falar a todos os fiéis, pois possui uma autoridade que ultrapassa as convenções sociais. Este jogo entre o coenunciador que recebe a mensagem do profeta e a autoridade deste último pode ser verificado no seguinte excerto:

Excerto 46: Mas no primeiro mergulho eles vão rir de mim (você tem que descer) (Texto – 8M).

Neste caso, enquanto o coenunciador supõe que os outros rirão dele, caso ele obedeça aquilo que lhe ordena o profeta, o fiador do texto reafirma, por meio de um tom autoritário, marcado pela frase imperativa “você tem que descer”, um *ethos* profético. Trata-se, portanto, do *ethos* daquele que tem autoridade e que pode ordenar, porque isto, supostamente, lhe foi permitido pelo próprio Deus. Defendemos, assim, que, no discurso religioso, a utilização deste *ethos* de profeta permite falar ao público alvo de uma posição privilegiada, assumindo a autoridade do próprio Deus, o que impede qualquer censura ao que é dito e/ou ordenado por esse profeta.

Este discurso sobre a lepra, permite, por um efeito da memória sobre a atualidade, conchamar os mais diversos estratos sociais a uma necessidade de envolver-se com a divindade, uma vez que, como Naamã, ainda que importantes, todos são apresentados como dependentes de Deus.

Excerto 47: Porem hoje em nossos dias não é diferente
Iguais a Naamã vemos tanta gente
Homens importantes, homens valorosos
Quando cantam, quando pregam do céu fogo desce
Quando oram o milagre até acontece
Por Deus eles são usados, mas estão leprosos (Texto – 10M).

Excerto 48: O povo de Deus tem poder e autoridade
Poder pra mandar e ordenar todo mal ir embora,
Fazendo o que Deus lhe ordena,
enfermidade não vai aguentar.
Usa autoridade pra fazer morto ressuscitar... (Texto – 11M).

Nestes dois últimos excertos, constatamos que, por meio do *ethos* de pregador/profeta, o enunciador busca a adesão dos coenunciadores da mensagem. Diferentemente do que ocorre em outros excertos em que os humilhados, os desprezados e os simples são convidados a se identificarem com a figura de Naamã, aqui os “homens importantes” é que são convocados a se assimilarem à imagem de Naamã. Assim, ao ser identificado como leproso, Naamã mostra, que até mesmo aqueles com um certo prestígio social devem depender de Deus, porque todos, inclusive os supostamente “limpos”, possuem alguma “lepra” em sua vida. O termo lepra aqui parece estar associado não à doença, mas uma fragilidade qualquer que torna mesmo aqueles com algum prestígio social, como Naamã, dependentes da figura da divindade, oferecida como uma solução para todos os males. Para todos aqueles que se identificarem como pertencentes ao “povo de Deus”, o *ethos* de profeta é utilizado para conferir certa distinção especial, que ultrapassa convenções sociais, a qual é conferida ao coenunciador pelo próprio Deus, que lhe transmite poder e autoridade. No excerto 48 verificamos que esta distinção é tal que é prometido ao chamado “povo de Deus” o poder para até mesmo ressuscitar mortos.

3.5. OS MENSAGEIROS DE DEUS: PREGAÇÕES EM PAUTA

A partir desta seção, analisamos uma outra parte do material que integrou o *corpus* desta tese, o qual é composto por esboços de pregações, além de transcrições de enunciados de vídeos de pregações e testemunhos ambientados nas igrejas anteriormente referidas.

Assim, apenas para organização da análise, optamos por separar o material em duas partes, a primeira oriunda da Igreja do Evangelho Quadrangular, aqui identificada como representante do universo pentecostal, e a segunda vinculada à Igreja Universal do Reino de Deus, representando o universo neopentecostal.

Destacamos que nos vídeos, foram analisadas apenas as transcrições de falas referentes ao tema abordado, desconsiderando-se, para efeitos desta tese, a análise de elementos em vídeo. Assim, quaisquer análises que se refiram ao *ethos* são feitas em relação ao transcrito e não às imagens ou gestos presentes nos vídeos escolhidos. Tal escolha foi motivada pelo fato de que trabalharmos aqui com a dimensão textual e não com a dimensão imagética. Entendemos que o que é dito também pode gerar no alocutário uma “imagem” do discurso, no entanto, o que aqui chamamos de imagético refere-se ao visível. Desta feita, apenas para que haja uma homogeneidade no material analisado, por efeito de conveniência, optamos por analisar um *corpus* textual

3.5.1. Discurso sobre a lepra em pregações da Igreja do Evangelho Quadrangular

Tendo como base um possível discurso sobre a lepra, vinculado ao campo religioso, buscamos identificar, nas pregações/sermões analisados, elementos que permitam identificar o *ethos* assumido pelo enunciador, bem como a cenografia utilizada. Além disso, verificamos como tais elementos se entrelaçam a partir de certa memória sobre a lepra.

Observemos alguns excertos que ilustram a presença de uma memória que é retomada na atualidade:

Excerto 49: Todos os milagres da Bíblia você vê que as atitudes das pessoas saíram da normalidade. Os leprosos se saíssem do arraial dos leprosos seriam apedrejados até a morte, mas pela fé foram até Jesus e foram curados (ROLANDO, 2012).

Excerto 50: A história de Naamã, o leproso nos dá uma visão sobre a importância de uma atitude correta.

B. "Naamã" era o comandante chefe do exército do rei da Síria, que ocupava um lugar de destaque no serviço do rei, e sofria de lepra. (grifos do autor)

1. A lepra era uma doença muito horrível

a. Uma doença obstinada que progride lentamente, caracterizada por nódulos abaixo da pele, cicatrizes e manchas brancas brilhantes que parecem ser mais profundas do que a pele.

b. Conforme a doença progride, pode causar a perda dos dedos das mãos e dos pés (ARAÚJO, 2015).

No excerto 49, por meio do *ethos* de mensageiro, o enunciador faz uma afirmação a um possível auditório composto por cristãos, uma vez que afirma que “todos os milagres você vê...”, o que pressupõe que haja, por parte do coenunciador, o conhecimento dos milagres descritos na Bíblia. No entanto, ao mesmo tempo que suscita o conhecimento, por parte de seu público alvo do texto bíblico, o enunciador apresenta informações que não estão presentes na Bíblia, mas que são enunciadas como se o fossem. Não são encontrados nos textos bíblicos quaisquer menções à execução por apedrejamento, caso os leprosos deixassem um lugar que fosse destinado à sua convivência, conforme diz o enunciador do excerto 49. Também não há na Bíblia qualquer menção à existência de um lugar especial destinado aos leprosos. O que encontramos, conforme mostramos no capítulo 2 desta tese, é o relato bíblico de que, uma vez identificado como leproso, o indivíduo seria considerado imundo e deveria viver fora do arraial, ou seja, longe dos espaços comuns. No entanto, não se fala, por exemplo, em um “arraial dos leprosos”, conforme apresentado pelo enunciador do excerto 49. Constatamos, assim, que a utilização conjunta da imagem da lepra, que pela memória suscita um efeito de exclusão social, associada à morte por apedrejamento, uma das formas de execução presente nos textos bíblicos, pode ter servido de motivação para o enunciador desenvolver a tese segundo a qual é preciso desafiar as convenções, mesmo com uma doença excludente e sob risco de morte, para, então, aproximar-se do Cristo. Dessa forma, a lepra, por um efeito de memória sobre a atualidade, é utilizada, na pregação sob análise, como uma forma de enfatizar a necessidade do humano aproximar-se do divino. Assim, o enunciador faz uma associação entre lepra e morte, mesmo que tal associação esteja materialmente ausente do texto bíblico,

Outros elementos são utilizados para reforçar certa imagem acerca da lepra, conforme mostra o excerto 50, apresentado acima. A figura de Naamã, já destacada na seção anterior, é convocada para estabelecer uma espécie de aproximação do público alvo com a mensagem enunciada. Observamos, assim, no referido excerto, uma tentativa de utilizar, como provável forma de validação do que é dito, elementos do discurso científico, embora com informações incompletas e com ênfase especial nas características mais graves da lepra/hanseníase. No excerto, o enunciador apresenta a lepra como “uma doença muito horrível” e “obstinada”, que traria deformidades a quem fosse acometido por ela. Contudo, de acordo com o discurso médico-científico, apenas uma das manifestações da lepra é capaz de provocar deformidades, não sendo essa uma característica de todo indivíduo adoecido. Nesse caso, a ênfase em tal possibilidade parece ser utilizada como uma forma de caracterizar a doença como aquela que

deforma e descaracteriza o sujeito adoecido. Os excertos seguintes indicam uma possibilidade de explicação para essa ênfase:

Excerto 51: C. Naamã pensou que algo maior aconteceria

1. Mas, que maior evento poderia ter ocorrido que sua cura?
2. O que era grande estava sempre ali - mas, ele negligenciou (ARAÚJO, 2015).

Excerto 52: A. Naamã reclamou de ter que mergulhar naquele velho sujo rio Jordão

1. Foi-lhe dito exatamente o que ele precisava fazer para ser curado de sua doença horrível - e ele se queixou sobre isso!
2. Você pode imaginar ter lepra e reclamar do método de receber a cura? (ARAÚJO, 2015).

Excerto 53: 1. O servo de Naamã o salvou da morte certa (ARAÚJO, 2015).

No excerto 51, é possível supor o efeito que a ênfase sobre a gravidade com que a lepra é tratada surge no coenunciador. Na pergunta: “que maior evento poderia ter ocorrido que sua cura?”, verificamos que a cura da lepra é vista como sendo o único desejo por parte do indivíduo que tem a doença, logo, quanto mais grave for a lepra, ou a forma como esta é caracterizada, maior será a alegria pela cura alcançada. Nesse sentido, a lepra, que na pregação sob análise é aproximada, pela memória, de outras “doenças”, como, por exemplo, a exclusão social ou mesmo o pecado, deve ser sanada, não importa como. Uma segunda pergunta explica essa ênfase: “você pode imaginar ter lepra e reclamar do método de receber cura?”. Por meio deste último questionamento, entendemos que o pregador, identificando-se como profeta, e um possível detentor de uma solução para a lepra, como descrito na história de Naamã, coloca-se como uma figura que ao apresentar uma solução para lepra não deve ser questionado, pois, conforme indicam os efeitos dos dois questionamentos apresentados, quem tem lepra deve apenas desejar a cura e não deve “reclamar” do método. Ao que nos parece, a lepra, enquanto figura de exclusão, temida por seus efeitos, é utilizada, na atualidade, como uma forma de validar a autoridade daquele que pode apresentar um caminho para que o leproso seja curado da referida doença. Salientamos que, conforme indicamos acima, a lepra descrita nas/pelas pregações pentecostais não é apresentada necessariamente como a doença bíblicamente descrita, mas como qualquer condição que permita a um indivíduo subjetivar-se como impuro ou mesmo excluído. Dessa forma, o *ethos* assumido pelo fiador do discurso materializado nas pregações, o de pregador/profeta, corrobora a cena segundo a qual a religião vem apresentar um caminho para que haja purificação da condição de leproso.

Notamos ainda que a ênfase nos efeitos da lepra, mesmo aqueles não previstos no texto bíblico ou mesmo no discurso científico, funciona como uma forma de maximizar no coenunciador o medo em relação à referida doença, o que contribui para a construção de uma imagem do profeta como alguém a quem se deve respeitar, uma vez que só ele, por ser a voz do hiperenunciador, pode livrar o coenunciador deste mal. Por isso mesmo, a solução apresentada pelo profeta, seja ela qual for, não deve ser questionada, pois, para quem tem “lepra” o mais importante é, como dito, a cura. Muito provavelmente por isso, no excerto 53, a lepra é apresentada como uma doença mortal, algo que não coaduna nem com o texto bíblico, nem mesmo com o discurso médico-científico, mas reforça a tese segundo a qual é preciso ser curado.

Verificamos, no *corpus* analisado, que, embora haja um texto base sobre a lepra, o capítulo 13 de Levítico, conforme mostramos no segundo capítulo desta tese, há, nas pregações, o recurso a situações específicas, como a de Naamã, as quais são usadas para tratar do tema da lepra. Esse recurso funciona como uma estratégia do enunciador para que ocorra uma possível identificação do coenunciador com o que é enunciado, tratando a lepra não apenas como um mal, consequência do pecado, biblicamente descrito, mas também como uma doença que pode acometer qualquer indivíduo. A identificação do coenunciador com o indivíduo acometido pela lepra, por possíveis características enfatizadas pelo enunciador, traz uma aproximação do auditório em relação ao tema tratado. A esse respeito, vejamos os seguintes excertos:

Excerto 54: o que aconteceu com Naamã, pode também acontecer com você (PEREIRA, 2010).

Excerto 55: Embora fosse um homem bem sucedido na vida segundo a visão dos outros, dentro de si na verdade Naamã era um homem frustrado, pois vemos no texto acima que este grande general era leproso e a lepra não tinha cura comprovada naqueles tempos, e se você não sabe esta é uma doença muito castigante pois as úlceras vinham gradualmente nas diferentes partes do corpo, o cabelo caía, as sobrancelhas desaparecem, as unhas amolecem e caem e mais tarde os dedos das mãos e dos pés apodrecem e caem, as gengivas contraem-se e os dentes desaparecem, os olhos, o nariz, a língua, pouco a pouco desaparecem envoltos em feridas terríveis (PEREIRA, 2010). (Grifos nossos)

Este caráter de envolvimento pessoal é exemplificado no excerto 54 acima, em que, por meio de um *ethos* de profeta, o enunciador afirma que a situação do adoecimento de Naamã pode acontecer também com o coenunciador. Entendemos essa “advertência” como

uma forma de, através da enunciação, incitar uma identificação no coenunciador a partir da situação descrita. Observamos, no excerto 55, a ênfase na caracterização da lepra, o que ocorre por meio da utilização de uma cenografia própria da semiologia médica, ao descrever uma série de sintomas atribuindo-os à lepra, no entanto, apesar de um caráter supostamente científico na descrição da lepra, os sintomas apresentados não são comprovados pela literatura médico-científica.

Notamos ainda que nas pregações são utilizadas inferências de cunho pessoal, ainda que, no discurso religioso, a autoridade do que é enunciado seja, como vimos, conferida pela relação com os textos da Bíblia. Contudo, quando o enunciador remete à Bíblia, ele o faz identificando-se como a fonte daquilo que é enunciado, conforme mostram excertos abaixo:

Excerto 56: E aqui eu vejo que no primeiro mergulho Deus cura a vida espiritual do general, pois ao lutar contra a doença e se ver sendo vencido, sua fé foi minando (PEREIRA, 2010).

Excerto 57: Com a vida espiritual restaurada ele parte para o segundo mergulho e no segundo mergulho os sonhos perdidos do general renascem, como que vem do nada (PEREIRA, 2010).

Excerto 58: Chega a hora do quinto mergulho e esse tem um forte peso. Para mim este mergulho é o que restaura a vida familiar do general Naamã (PEREIRA, 2010).

Excerto 59: Eu não sei como está sua vida meu amado amigo e irmão leitor, mas sei que todos precisamos de uma cura em alguma área de suas vidas (PEREIRA, 2010).

Nos excertos 56, 57 e 58, constatamos um tom pessoal nos enunciados, o que se marca pelo recurso à primeira pessoa. Além disso, o enunciador-pregador valida o que é enunciado, por meio de expressões como: “e aqui eu vejo”, “para mim” e “eu não sei... mas sei...”. Dessa forma, por meio de um *ethos* de profeta/pregador, que se mostra como a “voz” do hiperenunciador do texto bíblico, ou seja, como a voz de Deus, o enunciador recorre à imagem da lepra para, por um efeito da memória sobre a atualidade, mostrar as consequências da referida doença e compará-la a outros possíveis males sociais. Assim, esse enunciador-pregador acrescenta à lepra outras possíveis consequências, que não apenas as de natureza física, como no excerto 57, no qual a lepra é apresentada como causa para que o general do texto bíblico tenha os sonhos perdidos, e os mergulhos no rio são apresentados como a solução para que esses sonhos possam renascer. Nesse caso, o enunciador-pregador se mostra como aquele que, por meio da palavra profética, pode indicar a solução para o problema do

coenunciador-fiel, pois é capaz de interpretar o texto bíblico e conferir-lhe uma leitura que coadune com a realidade do referido coenunciador. É isso que o enunciador-pregador faz ao tratar, de forma individual, dos mergulhos de Naamã, conferindo a cada mergulho uma interpretação particular. Entendemos, assim, que, enquanto uma imagem de medo, a lepra é utilizada, no *corpus* analisado, como uma forma de, na atualidade, convocar o fiel a ter uma maior experiência com Deus, ou ainda, como uma forma de este mesmo fiel curar-se de uma possível lepra, o que não implica que o sujeito esteja de fato adoecido, mas que ele se identifique com certa imagem sobre a lepra. Esta identificação ocorre quando o coenunciador se identifica com quaisquer das condições que são apresentadas como “lepra”, pois, por meio dessa identificação, o coenunciador passa a se reconhecer como um possível leproso, mesmo que não esteja de fato adoecido.

Esta identificação com uma possível “lepra”, ainda que de natureza distinta da doença, mas que também provoca o afastamento do indivíduo da sociedade, pode ser verificada nos seguintes excertos:

Excerto 60: Naamã tinha um problema bastante sério, ele era leproso. Isso nos mostra que muitos são heróis fora de casa, mas no contexto da família a lepra sempre é exposta! É na intimidade que mostramos quem realmente somos. A mulher de Naamã era quem mais conhecia seu ponto de vulnerabilidade (QUADRANGULAR CAPELA, [Acesso em 7 jul 2015]).

Excerto 61: Não é assim conosco também? Na intimidade a lepra é exposta, por isso muitos fogem de relacionamento, pois desejam esconder a lepra. Esse não era o caso de Naamã. Não apenas a sua esposa sabia de sua debilidade, mas seus servos também a conheciam. Naamã desejava ser curado. O primeiro passo para ser curado é se expor! Esconder a lepra é o mesmo que decretar a própria morte! (QUADRANGULAR CAPELA, [Acesso em 7 jul 2015]).

Excerto 62: O que é a lepra na vida de um homem de Deus? A lepra é o pecado! A lepra é aquilo que fere e que atrapalha a mobilidade! Um leproso espiritual se fere facilmente e se torna insensível ao mover de Deus! Aliás a insensibilidade é um dos estágios mais avançados dessa doença! (QUADRANGULAR CAPELA, [Acesso em 7 jul 2015]).

Nos excertos 60, 61 e 62, o enunciador, assumindo o *ethos* de mensageiro, vale-se também da história de Naamã, conforme discutido em outros excertos acima, para apresentar uma outra possibilidade para a lepra na vida de uma pessoa. No excerto 60, a situação de Naamã é apresentada conforme conhecido a partir dos textos bíblicos, no entanto uma nova situação é apresentada, a da intimidade. Para tal, o enunciador apresenta ao coenunciador, por meio da referência a uma relação conjugal, o desenvolvimento de um possível efeito de

sentido de intimidade. Por meio desta imagem, é possível compreender que, ainda que Naamã pudesse, segundo o enunciador, ocultar a sua situação enquanto leproso de todas as pessoas, o mesmo não poderia ser feito com sua esposa, com a qual tinha uma relação de intimidade.

A partir desta imagem de intimidade, é possível notar, nos excertos 61 e 62, um deslizamento deste sentido para um possível relacionamento não mais no âmbito das relações humanas, mas de uma interação do humano com o divino. No excerto 61, o enunciador apresenta a necessidade de o sujeito que tem lepra não esconder sua “doença”, seja qual for a sua origem, devendo expor-se, assumindo que, caso a esconda, isso equivaleria a decretar sua própria morte. Assim, o enunciador defende que, para que haja intimidade, deve haver uma exposição, por parte do indivíduo, tanto de suas debilidades quanto de seus desejos. Entendemos assim que, pela memória, a imagem de Naamã, enquanto leproso que tem sua uma condição conhecida apenas por sua esposa e pelas pessoas mais próximas, é utilizada como uma forma de apresentar ao fiel a necessidade de desenvolver uma relação de intimidade com Deus para que consiga obter a cura de qualquer lepra que haja em sua vida.

No excerto 62, o discurso segundo o qual a lepra não é apenas uma doença física é retomado quando se faz o seguinte questionamento: “o que é a lepra na vida de um homem de Deus?” E, como resposta ao coenunciador, a lepra é apresentada como pecado. Além disso, o enunciador apresenta, como um dos sintomas da lepra, a insensibilidade, além da insensibilidade física, uma insensibilidade espiritual, para a qual o coenunciador deve também buscar a cura.

Até então verificamos que o tema mais utilizado pelo enunciador-pregador para apresentar a lepra ao coenunciador-fiel foi o relato bíblico da história de Naamã, único leproso nomeado na Bíblia nos textos veterotestamentários. No entanto, outras situações também são utilizadas em pregações, como a do leproso do monte, discutido anteriormente neste capítulo, quando analisamos as letras de músicas. Isso pode ser constatado nos seguintes excertos:

Excerto 63: O que temos aqui?

Uma mensagem de esperança para um homem sem esperança (IEQSEDEMURIAE, 2011).

Excerto 64: A lepra no passado, ela era rejeitada pela sociedade

O leproso era tirado do seu lar. O leproso era levado para o vale dos leprosos, para um leprosário. Ele não tinha visita. Ele era condenado à morte. Era uma doença considerada o pecado (IEQSEDEMURIAE, 2011).

Excerto 65: E um dia este leproso ouviu falar de Jesus. E eu creio que pela madrugada, talvez quando os guardas até mesmo se adormeceram, ele se

arrasta e sai daquele local, e ele vai à procura de Jesus (IEQSEDEMURIAE, 2011). (Grifo nosso)

Excerto 66: E a partir do momento que ele vai se arrastando, o dia vai clareando e o sol vai esquentando e a sua lepra começa a marcar o caminho. As feridas começam a sangrar, mas ele não se dá por vencido. Ele vence a dor, ele vence a dificuldade (IEQSEDEMURIAE, 2011).

Excerto 67: Talvez eu esteja falando para alguém que está afastado da sociedade, ou está afastado do lar ou da casa. Talvez eu estou falando para alguém que não está com esta lepra, mas está longe dos seus amigos, dos seus familiares... mas é um prisioneiro do lado de fora pela lepra das drogas, pela lepra do alcoolismo, pela lepra do jogo... (IEQSEDEMURIAE, 2011).

Inicialmente, no excerto 63, o que anteriormente denominamos como “o leproso do monte” é apresentado pelo enunciador, o qual assume um *ethos* de mensageiro, como “um homem sem esperança”. No excerto 64, ocorre uma descrição da situação à qual o leproso era submetido no passado, o que é marcado linguisticamente tanto pela expressão “no passado”, quanto pelo uso de verbos no pretérito imperfeito (a lepra era rejeitada; o leproso era levado; ele não tinha visita; ele era condenado à morte; era uma doença). Este passado remete o coenunciador aos tempos bíblicos, contudo, as informações apresentadas não são precisas, uma vez que é descrito um “vale dos leprosos”, mas não há nenhum relato acerca de tal vale nos textos da Bíblia. Além disso, o enunciador-pregador utiliza, como paráfrase para expressão “vale dos leprosos”, um termo inexistente na Bíblia, leprosário, o qual só pode ser compreendido a partir do encontro de uma memória com uma atualidade, uma vez que os leprosários eram espaços destinados aos leprosos, mas que só são historicamente mencionados a partir dos séculos XI e XII (DUCATTI, 2009). Esse “vale dos leprosos” ou “leprosário” é descrito como um lugar em que os doentes não recebiam visitas, o que, por um efeito da memória sobre a atualidade, pode ser aproximado dos internamentos que faziam parte de algumas instituições hospitalares. Ainda nesse mesmo excerto, o enunciador afirma que a lepra “era uma doença considerada o pecado”, o que remete a análises anteriores, quando verificamos que a lepra é apresentada, no campo religioso, como consequência do pecado.

Nos excertos 65 e 66, verificamos a construção de uma cenografia que remete à situação de sofrimento do leproso do monte até o momento em que ele se encontra com o Cristo. A imagem construída cenograficamente é reforçada pelo enunciador, enquanto fiador, pois esse utiliza a expressão: “e eu creio que”, a qual confere legitimidade ao que é dito. Além disso, o enunciador-pregador apresenta, nos excertos sob análise, outros elementos extra bíblicos, como a possível presença de guardas no “vale dos leprosos”, o que, por um efeito da

memória sobre a atualidade, remete ao discurso prisional, pois trata-se de um local para o qual o indivíduo era levado, contra sua vontade, ficando excluído do convívio do restante da sociedade e sendo impedido de sair, devido a presença de guardas que garantiriam o confinamento do leproso. Especialmente no excerto 66, há, por meio da cenografia, a construção da imagem de uma espécie de via crúcis, a qual, por um efeito da memória sobre a atualidade, remete ao sofrimento do Cristo. Nesse caso, o leproso, para encontrar sua cura, passa por sofrimentos que se assemelham àqueles enfrentados pelo próprio Cristo. Contudo, o relato do enunciador-pregador mostra que o leproso “não se dá por vencido” e, dessa forma, “vence a dificuldade”. Nesse caso, a lepra é parafraseada pelo termo “dificuldade”, o qual é mais genérico e pode fazer referência não só à referida doença, mas a qualquer problema que possa afetar um sujeito. Assim, há, mais uma vez, o estabelecimento de uma relação de proximidade entre a imagem do leproso e o coenunciador-fiel cristão, pois, por meio de uma memória ligada ao sofrimento do Cristo, o texto faz com que esse coenunciador se identifique com o leproso, a partir do argumento de que aquele (coenunciador-fiel cristão) assim como este (leproso) tem dificuldades que precisam ser vencidas.

Estas possíveis dificuldades que devem ser vencidas pelo fiel, atualizadas, por meio de um efeito da memória sobre a atualidade, são apresentadas pelo enunciador, no excerto 67, como sendo a “lepra das drogas”, a “lepra do alcoolismo” e a “lepra do jogo”, denominações estas que, mais uma vez, permitem verificar o encontro de uma memória com uma atualidade. Nesse caso, há uma memória sobre a lepra, construída a partir dos textos bíblicos, que se “encontra” com a atualidade de situações socialmente condenáveis no meio cristão.

Uma última situação verificada no *corpus* analisado foi a da materialização de um *ethos* de testemunha, assumido por um sujeito que enuncia não apenas do lugar de pregador/fiador mas também do lugar de alguém que vivenciou a doença. Por meio desse *ethos*, é possível verificar uma certa noção de autoridade na descrição do que é vivenciado pelo leproso, uma vez que este enuncia do lugar do excluído, conforme pode ser constatado no excerto a seguir:

Excerto 68: Este homem que está aqui estava condenado a morrer com uma lepra que possuiu o corpo dele, comeu as mãos, o nariz, os pés (ABRAÃO, 2009).

Nesse caso, o enunciador apresenta-se como alguém que estava condenado a morrer e, em seguida, descreve as consequências da lepra em sua própria vida. Não se trata, portanto, de algo distante e presente apenas nos textos bíblicos, mas do fruto da experiência de alguém que

passou, de fato, por uma situação de exclusão. A partir deste vivenciado ocorre uma aproximação do enunciador com o coenunciador, o que se materializa por meio de um tom intimista, como verificamos no excerto abaixo:

Excerto 69: E você vai ver que o seu problema diante do que estes leprosos enfrentaram na vida deles durante toda a vida não é nada! (ABRAÃO, 2009).

No entanto, apesar desse tom de proximidade com a doença, não verificamos outros efeitos de sentido distintos daqueles já analisados anteriormente, como o de praga, o de maldição ou ainda o de doença de consunção física, o que é ilustrado nos excertos abaixo:

Excerto 70: Papai era um homem alcoólatra, viciado na bebida. Inveterado no álcool. Mamãe era uma mulher leprosa, a lepra tinha deformado seu nariz, suas mãos e seus pés. A lepra é uma doença repugnante, ela é uma praga. Ela vai atrofiando os dedos das mãos e dos pés e vai afundando o nariz para dentro (ABRAÃO, 2009).

Excerto 71: - Papai foi em direção a ela e começou a xingá-la, xingando ela de palavrões e palavrões. Xingava ela de bixada. Você é uma mulher leprosa, você é uma mulher miserável, é por sua culpa que a doença e a pobreza têm entrado nesta casa (ABRAÃO, 2009).

Excerto 72: - Papai era um homem amaldiçoado. - Eu digo isso porque papai nunca teve sorte na vida dele. Papai casou a primeira vez a mulher dele morreu de tuberculose, papai casou a segunda vez a mulher dele morreu de câncer. E agora casa com a terceira mulher, a terceira mulher está com lepra (ABRAÃO, 2009).

No excerto 70, o efeito de sentido de praga é mais uma vez observado, conforme análises anteriores, acrescido do termo “repugnante”. E isto é dito do lugar de um indivíduo que vivenciou a doença. No excerto 71, o enunciador, a partir do *ethos* de testemunha, descreve uma situação de violência contra a mulher, em que a mesma, apresentada como sua mãe, é culpada pela situação de miserabilidade e pobreza por conta de sua doença, identificada como uma praga no excerto 70. Tal praga é descrita como algo que assemelha o indivíduo a alguém em decomposição, imagem esta que pode ser construída a partir do termo “bixada”.

Verificamos, assim, que tanto nas pregações quanto nos testemunhos, há uma retomada dos efeitos de sentido materializados no texto bíblico acerca da lepra, seja o efeito de praga ou de maldição, atualizados na noção de pecado, até o efeito de sentido de exclusão, esta no entanto referente não necessariamente ao distanciamento do convívio em sociedade, mas a uma relação de não pertencimento a um certo grupo, por exemplo, aquele que peca está separado do grupo dos “santos” ou “homens de Deus”. Assim, por um efeito de memória na

atualidade, a imagem da lepra, bem como seus efeitos de sentido parecem ser utilizados como uma forma de coerção no/pelo discurso para manter a fidelidade de um coenunciador fiel-cristão a um certo comportamento moral preestabelecido.

3.5.2. Discurso sobre a lepra em pregações da Igreja Universal do Reino de Deus

Analisamos, nas seções anteriores, diferentes efeitos de sentido ligados à lepra e mostramos quais memórias tais efeitos retomam/reconfiguram, fazendo funcionar, assim, diferentes elementos ligados ao campo religioso. Nesta seção, analisamos pregações da Igreja Universal do Reino de Deus, a qual tem na memória sobre a lepra a temática para o desenvolvimento de diferentes problemáticas. Vejamos, inicialmente, alguns excertos:

Excerto 73: Mesmo com tanto poder e autoridade, havia algo que trazia embaraço a Naamã, ele era leproso. Naturalmente os leprosos eram vistos como incapazes, dignos de pena, e eram mantidos longe da população, isolados em aldeias para leprosos, não tinham mais contato com a família e a sociedade (IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Excerto 74: Vemos claramente que existia um “PORÉM” na vida de Naamã. Muitos hoje estão na igreja e têm tudo para se destacarem no que fazem..., mas esse “porém” em sua vida financeira os tem impedido de vencerem (IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Mais uma vez, assim como em análises anteriores, a figura de Naamã aparece em destaque quando se trata da temática da lepra. Contudo, os excertos 73 e 74 trazem elementos distintos em relação ao que foi apresentado anteriormente. No excerto 73, o caráter excludente da lepra é reforçado e, semelhante ao que observamos na análise de pregações da Igreja do Evangelho Quadrangular, elementos extrabíblicos são citados com o mesmo tom de veracidade que outras informações presentes no texto bíblico, como o fato de que os leprosos seriam “isolados em aldeias para leprosos”, algo que não é citado na Bíblia. Entendemos que tal interpretação se vincula a uma memória acerca da exclusão dos leprosos do convívio social, o que pode estar relacionado a uma memória mais atual, ligada, por exemplo, aos relatos acerca do funcionamento dos leprosários contemporâneos. Dessa forma, há um deslizamento de sentidos que permite ao enunciador-pregador afirmar que havia, no tempo de Naamã, vilas próprias para leprosos. Mas o que destacamos nesta pregação é que esta imagem construída para descrever a doença que acometia Naamã é simplesmente caracterizada, no excerto 74, como um “porém” em sua vida e este efeito de sentido, da lepra como um

“porém”, é utilizado para construir uma argumentação sobre uma possível problemática na vida financeira dos coenunciadores.

O que é interessante aqui é que a imagem de uma doença excludente, vinculada a uma série de efeitos de sentido, como o de praga, impureza, imundície, é associada a problemas financeiros. A lepra aqui não é utilizada como tema principal, mas apenas como mais um problema para o qual se deve procurar uma solução. Nesse sentido, diferentemente de outras pregações em que são enfatizados os efeitos da lepra sobre a vida do indivíduo, caracterizando-a como uma praga e uma doença de consunção física e social, nestes excertos ela é deslocada para um plano de fundo secundário, sendo designada pela expressão: “um porém”. Vejamos, no exemplo abaixo, como, na cenografia utilizada para caracterizar Naamã, o foco é deslocado da doença para o sujeito que tem “um porém” em sua vida:

Excerto 75: Naamã, o arameu, foi um general do exército sírio, quando Ben-Hadade II era rei da Síria (860 – 842 a.c.). Em 2 reis 5:1 encontramos expressões que descrevem sua personalidade, sua honra e sua habilidade no combate.

O rei era naquele tempo o comandante supremo, entretanto, colocava a frente do exército um general comandando suas tropas. As unidades eram geralmente formadas por 10, 50, 100 e 1000 homens. Cada oficial, comandava uma companhia de até 120 homens.

Os generais, comandavam uma divisão de exército, com mais de mil homens. Mas como Naamã era o general de todo o exército Sírio, ele comandava milhares, que estavam sob suas ordens. Mesmo com tanto poder e autoridade, havia algo que trazia embaraço a Naamã, ele era leproso (IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ, [Acesso em 8 jul. 2015]).

No excerto 75, a enunciação assume um caráter similar à descrição de fatos históricos, o fiador assume, assim, uma espécie de *ethos* historiador, o que funciona, talvez, como uma estratégia para validar o que é apresentado e não está descrito no texto bíblico, o qual é fonte de autoridade no discurso religioso. Nesse caso, o enunciador parece assumir que os dados apresentados não estão na Bíblia, mas podem ser verificados na/pela história. Os elementos que são apresentados parecem caracterizar Naamã sob o estereótipo de indivíduo bem-sucedido, alguém que, abaixo do rei, ocupava uma posição de comando e que, por isso mesmo, tinha diversos subordinados. No entanto, a lepra de Naamã funciona como uma espécie de ruptura na construção da imagem de indivíduo bem-sucedido e isto é utilizado na enunciação para esclarecer o que seria o “porém” ao qual o enunciador dá destaque. Neste caso, o “porém” que afligia Naamã era o fato de ele ser leproso. Portanto, o que o excerto acima mostra é que Naamã era um comandante condecorado, “porém” leproso. A análise

indica ainda que o termo lepra sofre um deslizamento de sentido de doença/praga para problema, conforme verificamos nos excertos abaixo:

Excerto 76: A lepra de muitos hoje, são as dívidas, os gastos com farmácias, o aluguel, agiotas, empréstimos, juros, multas, etc... (IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Excerto 77: Toda essa lepra, é causada por um sentimento chamado “dúvida” (IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Verificamos que, diferentemente do que foi constatado na análise de pregações da Igreja do Evangelho Quadrangular, em que há uma ênfase nos efeitos de sentido da lepra como doença; aqui, a lepra é apenas um problema para o qual deve-se buscar uma solução. Há, portanto, uma diferença de foco argumentativo, pois o ponto central não é mais a imagem da doença de difícil cura, mas a superação que se pode alcançar. O que verificamos é que há um deslizamento de sentido de uma memória da lepra enquanto doença/praga para um efeito de sentido de problema, o que se mostra também no desfecho da pregação, conforme vemos no excerto 78, no qual também podemos destacar a presença de uma espécie de *ethos* conselheiro, materializado em expressões como: “faça como ele” e “submeta-se”, antecedidas pela descrição da consequência dos atos: “vitória vem pela humildade e pela obediência”.

Excerto 78: A vitória vem pela humildade e pela obediência. Naamã tornou-se um homem completo. Faça como ele, submeta-se a voz de Deus, seja completo e elimine definitivamente o “PORÉM” de sua vida financeira (IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Em uma outra pregação, observamos mais uma vez a presença da narrativa sobre Naamã como forma de utilização de uma cena validada pelos fiéis, a imagem de um leproso que busca sua cura. Novamente, a enunciação é construída apresentando a lepra como um “porém”, utilizando uma espécie de jogo de palavras, o qual parte do texto bíblico que apresenta Naamã, descrevendo-o como: “herói de guerra, porém leproso” (2 Rs 5:1, BÍBLIA, 2009).

Excerto 79: Muitas pessoas estão espiritualmente nessa situação, não que elas estejam com uma lepra, mais que carregam um “porém” na sua vida, como Naamã (CENTRAL DOS OBREIROS, [Acesso em 11 out. 2016]).

O excerto 79 retoma esse efeito de sentido da lepra como um “porém” e não mais como praga ou mesmo como doença, efeitos esses que foram verificados em outros enunciados ao longo deste capítulo.

É interessante notar que no *corpus* analisado, o material coletado referente às pregações oriundas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), ao tratar do tema da lepra, mostra que a doença é utilizada, em outras situações, apenas como pano de fundo para o desenvolvimento de argumentação sobre outras questões relativas à fé, como pode ser verificado nos excertos abaixo:

Excerto 80: Por que Naamã ou sua esposa deu ouvidos à serva? Ela era judia – os judeus eram inimigos dos sírios –, poderia muito bem fazer alguma armadilha para o seu senhor. Por que Naamã deu ouvidos a ela? (SIMPLES SERVO, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Excerto 81: Porque, embora serva, ela em todo o tempo deve ter sido fiel. Em vez de ficar murmurando, fazia o seu trabalho da melhor forma possível. Ela havia perdido a sua liberdade? Sim. Mas não havia perdido a sua fé. Diferentemente do seu patrão, que embora fosse um homem rico e tivesse liberdade, era cativo de sua doença (SIMPLES SERVO, [Acesso em 8 jul. 2015]).

Excerto 82: A Bíblia não relata o que ocorreu depois, mas acredita-se que depois da cura de Naamã essa menina foi honrada (SIMPLES SERVO, [Acesso em 8 jul. 2015]).

No excerto 80, embora novamente verifiquemos a utilização da cena validada de Naamã, o ponto central da argumentação é a presença da serva judia que informa a Naamã que havia um profeta em Israel que poderia curá-lo de sua lepra. Já o excerto 81, que apresenta a menina como o foco da argumentação, descreve, inclusive, a garota como sendo, em certa medida, superior a Naamã, pois embora fosse serva, privada de sua liberdade, Naamã é quem é considerado o verdadeiro cativo, devido a lepra. Aqui, a lepra é apresentada como prisão, cativo. Neste mesmo excerto, o enunciador explica o porquê de Naamã ter dado ouvidos a sua serva; segundo o enunciador-pregador, Naamã ouviu a serva, porque “ela deve ter sido fiel”. Além de fiel, a referida serva é apresentada, no excerto 82, como alguém que deve “ter sido honrada”, após a cura de Naamã.

Verificamos, assim, mais uma vez, que, no âmbito da IURD, o tema da lepra é tratado de forma secundária, pois, no caso desses excertos, o destaque foi a vida da serva de Naamã, sobre a qual os textos bíblicos não trazem maiores detalhes, e sua suposta conduta e

recompensa, o que parece desenvolver-se como uma forma de apresentar ao coenunciador-fiel cristão um modelo de conduta a se espelhar.

Observamos, ainda, que, de maneira similar ao observado no material analisado referente à Igreja do Evangelho Quadrangular, a figura de Naamã não foi a única utilizada para referir-se à lepra, mesmo que a doença seja utilizada de forma secundária em pregações da IURD. O excerto abaixo ilustra a utilização da figura de quatro leprosos:

Excerto 83: Esses quatro aqui eram quatro leprosos. A Bíblia diz que os leprosos eles não podiam entrar na cidade por causa da lepra. Todo leproso era posto pra fora da cidade, não podia chegar perto de ninguém senão ia ser apedrejado (GOMES, 2013).

De forma similar ao analisado na seção anterior, é possível identificar que uma certa memória sobre a lepra é discursivamente atualizada com informações que não coadunam com o que está presente nos textos bíblicos, mas que talvez sejam uma forma de mostrar que o próprio enunciador assume a responsabilidade acerca das informações dadas. No excerto 83, verificamos novamente a ameaça de apedrejamento, contudo, tal sentença não está expressa na Bíblia, o que se assemelha a outras situações descritas anteriormente.

Constatamos ainda que a lepra, utilizada de uma maneira secundária pela IURD, pode servir como exemplo para mostrar as consequências de ser ou não um fiel vinculado à referida igreja. A esse respeito, vejamos os seguintes excertos:

Excerto 84: Depois que ela desviou da igreja que veio a lepra assim. Chegou em casa pegou a lepra (LAUDINO, 2013).

Excerto 85: - Qual era a enfermidade que tu tinha?

- Hanseníase, é mais conhecida como lepra.

- Você tinha?

- Sim senhor. Eu ia para todos os médicos ninguém dizia o que eu tinha. Até que fazendo a campanha eles descobriram que era lepra (SILVA, 2014).

Excerto 86: - Eu tava fazendo o tratamento aqui na igreja firme porque se o tratamento do médico não tava funcionando tinha que recorrer a quem? A Deus...

- Você ficou curada na Universal?

- Sim senhor! (SILVA, 2014).

No excerto 84, a lepra é apresentada como uma possível consequência de “desviar-se” da igreja, fazendo supor que a permanência do fiel como membro da igreja poderia ser uma condição para garantir seu bem-estar e sua saúde. Se considerarmos os efeitos de sentido que, devido aos efeitos de memória, estão associados à doença, a permanência do fiel na IURD

parece funcionar discursivamente como uma espécie de tábua de salvação em relação à lepra e às consequências que estão associadas a ela. Já nos excertos 85 e 86, a cenografia típica da entrevista é utilizada para demonstrar, através do *ethos* de testemunha, que a IURD é um possível caminho para a cura do indivíduo leproso. No excerto 85, a testemunha afirma que o fato de realizar uma “campanha” na IURD permitiu que os médicos finalmente chegassem ao diagnóstico correto. Já, no excerto 86, a IURD é apresentada como a fonte para o verdadeiro tratamento, já que o tratamento médico não teria surtido efeito.

Verificamos assim que, nestes últimos excertos analisados, a lepra segue como uma temática secundária na IURD, servindo apenas para reforçar a necessidade de o indivíduo permanecer fiel à igreja para que possa sanar vários males de natureza física ou social, inclusive a lepra.

3.6. MEMÓRIA SOBRE A LEPRA NO DISCURSO RELIGIOSO (NEO)PENTECOSTAL: CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Constatamos, ao longo deste capítulo, que a lepra é utilizada no interior do discurso religioso como uma espécie de imagem que suscita, devido a suas consequências, a necessidade de trazer os fiéis para um maior envolvimento com os valores que são pertinentes às igrejas estudadas. Ao longo do *corpus* estudado, como uma forma de construir a enunciação sobre este tema, verificamos que são assumidos diferentes *ethé* que variam entre contador de histórias, pregador, profeta e mesmo historiador.

Verificamos, ainda, que na cena enunciativa são utilizadas diferentes cenografias, não sendo possível caracterizar um tipo específico. Na análise de letras de músicas, o tema da lepra é, por um efeito da memória sobre a atualidade, discutido a partir de três imagens características de leproso a saber: grupos de leproso, o leproso do monte e Naamã, um leproso que tem nome. Nas letras de músicas verificamos que a lepra e seus diferentes efeitos de sentido, já discutidos no capítulo anterior, é apresentada como tema central e como uma possível estratégia para revelar os efeitos da fé e também do distanciamento do homem em relação ao divino.

Já, ao analisar as pregações, notamos uma diferença ao tratar do tema da lepra entre aquilo que é discursivizado pela Igreja do Evangelho Quadrangular e o discurso materializado nas pregações e testemunhos da Igreja Universal do Reino de Deus. Enquanto a primeira enfatiza a lepra enquanto doença e a aproxima, de forma geral, dos males que podem acometer o homem, algo similar ao que foi verificado nas letras de músicas; nas pregações da

IURD, há a materialização da imagem da lepra como uma forma secundária de apresentar ao coenunciador-fiel cristão as consequências de distanciar-se da igreja ou mesmo da presença de Deus. Nesse último caso, a lepra é vista como um, dentre outros possíveis problemas, com o(s) qual(is) o fiel deve se preocupar caso deixe de seguir os ditames da fé.

4. “LEPRA” COMO FÓRMULA: DO CAMPO RELIGIOSO PARA OUTROS CAMPOS

Nos capítulos precedentes, analisamos produções discursivas do campo religioso que nos permitiram compreender, a partir da memória discursiva, como se deu uma possível constituição do que poderíamos chamar de um discurso sobre a lepra, bem como analisamos os efeitos de memória do campo religioso que se materializam no campo médico-científico. Investigamos ainda, ainda em relação ao campo religioso, o tom por meio do qual aquilo que se produz sobre a lepra é enunciado, e, também, a cenografia utilizada em diferentes materialidades textuais. Defendemos que todos esses elementos (efeitos de memória, tom, cenografia) funcionam como indícios que revelam importantes aspectos do que estamos chamando aqui de discurso sobre a lepra.

Neste capítulo, analisamos os efeitos de sentido relacionados à memória da lepra em outros campos, tais como o político, o jurídico e o midiático. Isso porque, ao estudarmos o tema da lepra, bem como os efeitos de sentido associados a ela, somos levados a nos questionar acerca da circulação desse tema em outros campos que não apenas o religioso. Assim, constatamos que investigar também a ocorrência de enunciados sobre a lepra em outros campos distintos do campo religioso, possibilita-nos ampliar o olhar que lançamos sobre o tema da lepra e sua memória. Nesse sentido, propomos, agora, afastar-nos do efeito de *zoom in*, que propusemos na análise do terceiro capítulo, e novamente nos distanciamos para, em seguida, nos aproximarmos de outras árvores/detalhes, as quais dizem respeito à forma como a lepra é tematizada em outros campos (político, jurídico, midiático) que não o religioso.

A busca por dados sobre a lepra em outros campos foi realizada a partir do portal de buscas do *Google*, o que se efetivou com base nas combinações de diferentes descritores: lepra e política, lepra e judiciário, lepra e mídia, bem como lepra e sociedade. A composição do *corpus*, a partir dos resultados das buscas foi realizada observando, segundo critérios de conveniência, bem como limitações operacionais, as dez primeiras páginas de resultados, por meio da verificação item a item e, quando qualquer uma das páginas retornadas apresentava uma descrição da lepra distinta daquela que a apresenta como doença ou como um tema do campo religioso, o resultado de busca era coletado e catalogado.

Ao empreender esta investigação do tema lepra em outros campos que não apenas o religioso e o médico-científico, verificamos que o referido termo, bem como outras formas

correlatas que discutiremos adiante parecem funcionar como uma fórmula no sentido de Krieg-Planque (2010), funcionamento este que discutiremos a seguir. Não nos restringimos, contudo, apenas à noção de fórmula, pois verificamos que nem todas as propriedades da fórmula são atendidas nos/pelos dados analisados. Nesse sentido, constatamos, ainda, que alguns desses dados podem ser analisados seguindo as noções de destacabilidade e de sobreasseveração, conforme discutidas por Maingueneau (2014) e que também serão explicitadas ao longo deste capítulo.

4.1. A NOÇÃO DE FÓRMULA EM ANÁLISE DE DISCURSO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

De uma forma geral, segundo Krieg-Planque (2010), “a noção de fórmula está ligada à de uso: a fórmula corresponde a uma utilização particular da ‘palavra’ ”. Desta feita, associar uma palavra ou expressão ao estatuto de fórmula é investigar, nos termos da autora, a história do uso dessa palavra, ou, acrescentamos, expressão. No entanto, apenas afirmar que uma palavra possui ou teve a si associado um certo uso ou sentido não é o bastante para enquadrá-la como uma fórmula. Dessa forma, a fim de caracterizar a fórmula, a autora propõe quatro propriedades que, em diferentes gradações, uma vez que, ainda segundo Krieg-Planque (2010), essas propriedades podem estar presentes na fórmula de modo desigual, enquadram ou não uma palavra ou expressão no estatuto de fórmula.

As propriedades que permitem caracterizar uma dada sequência como fórmula são: ter um caráter cristalizado, se inscrever numa dimensão discursiva, funcionar como um referente social e comportar um aspecto polêmico (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 61).

O caráter cristalizado de uma dada sequência que pode ser caracterizada como fórmula está relacionado ao que poderíamos chamar de uma condensação de efeitos parafrásticos. Por exemplo, ao nos referirmos ao termo “lepra”, bem como a seus correlatos “leproso” e “leprosa”, não fazemos alusão apenas a uma doença infectocontagiosa, mas a um significante que evoca uma série de significados que, parafrasticamente, a partir da relação com certa memória, se cristalizam no termo lepra, como mostram os seguintes enunciados: “lepra é a marca de uma praga divina”; “o leproso é um excluído” ou “a lepra é um lugar de exclusão social”; “o leproso é um indesejado”; “a lepra é uma doença de consunção física”; “a lepra está associada à impureza e ao pecado”; além de outros que analisamos ao longo deste tese. Assim, ainda que o termo esteja deslocado em relação ao campo religioso e passe a funcionar em um outro campo, como por exemplo, o político, verificamos que algo se mantém. Nesse

caso, são mantidas as noções de indesejabilidade ou de impureza, as quais estão associadas parafrasticamente ao termo lepra e, por isso, podem funcionar em outro campo, como é o caso do campo político, o qual citamos acima como exemplo. Dessa forma, verificamos que, como afirma Krieg-Planque (2010, p.67), “a fórmula existe também através de múltiplas paráfrases de que ela é a cristalização”.

A segunda propriedade da fórmula é seu caráter discursivo, ou seja, a utilização de uma palavra ou de sequências parafrasticamente relacionadas e cristalizadas em um dado momento para compor certo discurso. Assim, podemos compreender discursivamente, como, a partir da noção de lepra como doença, advinda do campo médico-científico e da lepra como praga, efeito que se constitui, como vimos, no campo religioso, além de uma série de outros enunciados que constituem uma certa memória sobre a lepra, são encontradas as utilizações discursivas das expressões: lepra política, lepra moral, lepra do judiciário e ainda lepra democrática que serão analisadas neste capítulo.

A terceira propriedade das fórmulas é, ainda segundo Krieg-Planque (2010), a de funcionar como um referente social, ou nas palavras da referida autora: “como um signo que evoca alguma coisa para todos num dado momento” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.92). A autora acrescenta ainda que afirmar que um signo é conhecido por todos implica supor que “este signo esteja atestado em vários tipos de discurso, tanto orais quanto escritos, sejam eles especializados ou mesmo leigos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 95). A partir dessas considerações, é possível compreender como o termo lepra, funcionando como um referente social, pode ser encontrado tanto em discursos orais, os mais diversos, passando por anedotas ou como uma paráfrase de impureza nas mais diversas situações, quanto nas produções escritas especializadas do campo médico-científico, como ocorre, por exemplo, nas publicações da Organização Mundial de Saúde, as quais tratam da lepra como uma doença presente em diversos países. E, ainda, vemos o termo lepra figurar no discurso da mídia política quando esta se refere a alguns sujeitos como sendo verdadeiros leprosos políticos.

A quarta propriedade que Krieg-Planque (2010) propõe como condição ao estabelecimento de uma fórmula é o seu caráter polêmico. Segundo a autora, “a polêmica pode se efetuar tanto ao modo de injunção quanto ao da recusa de enunciar” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 101). Nesta medida, entendemos que apesar de haver uma aparente unanimidade na utilização discursiva do termo lepra e de seus correlatos, também podemos encontrar uma certa recusa em enunciar tais termos, principalmente se considerarmos o campo médico-científico, no qual encontramos uma espécie de dualidade entre os termos

lepra e hanseníase, sendo o último preferido sob acusação de que o primeiro termo incitaria uma atitude de estigmatização dos sujeitos a ele associados.

De uma maneira sentenciosa, a autora estabelece que “para que uma sequência possa ser caracterizada como fórmula, é preciso que ela atenda às quatro propriedades da fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 111). Contudo, logo em seguida, esclarece que atender a estas propriedades não diz respeito simplesmente a presença ou ausência das referidas propriedades em relação a uma sequência analisada, pois tais propriedades podem estar presentes de modo desigual. Nesta tese, ao propormos que a palavra lepra, bem como sentenças correlatas a ela, funciona como uma fórmula, propomos também que estas propriedades podem ser identificadas em maior ou menor grau, e neste último caso, entendemos que o caráter polêmico da fórmula lepra, a depender do campo discursivo estudado, pode ter uma percepção bastante tênue, como é o caso do discurso político em que a palavra parece comportar um efeito de sentido unanimemente aceito.

Desta maneira, optamos por tratar o termo lepra como um candidato à fórmula, analisando-o como uma construção formulaica em que podemos identificar algumas das propriedades discutidas anteriormente e que estabelecem o estatuto de fórmula segundo o proposto por Krieg-Planque (2010). Entendemos que para afirmar com maior precisão o estatuto de fórmula do termo lepra seria necessário empreender uma análise perpassando um maior período temporal da contemporaneidade que não estivesse limitado apenas à última década para que, assim entendemos, fosse possível verificar em diferentes campos discursivos o possível caráter polêmico desta construção.

Assim, esclarecemos que, para fins desta tese, o termo lepra será estudado, neste capítulo, como uma construção formulaica. Para tanto, mobilizamos, para um melhor entendimento desta questão sob a ótica da análise de discurso, conceitos trabalhados por Maingueneau (2014), como destacabilidade, sobreasseveração e enunciado aforizado, os quais são discutidos na seção seguinte a fim de melhor fundamentar as análises discursivas acerca dos efeitos de sentido que o termo lepra assume em diferentes campos. Efeitos esses que, como vimos mostrando ao longo desta tese, são sempre (re)atualizados pela memória discursiva.

4.2. SOBRE AS NOÇÕES DE DESTACABILIDADE, SOBRESSEVERAÇÃO E ENUNCIADO AFORIZADO.

O primeiro conceito que optamos por mobilizar a fim de analisarmos o *corpus* que compõe este capítulo é o de destacabilidade. Ao discutir tal conceito, Maingueneau (2014) alude ao teatro clássico, no qual enunciados sentenciosos, os quais os enunciadores queriam que ficassem gravados no espírito do público, eram especialmente destacados. Para que possamos entender a noção de destacabilidade, é preciso compreender as condições sob as quais um certo enunciado estava presente em uma dada sequência textual para que o mesmo fosse destacado, pois, uma vez destacado, estes enunciados passam a funcionar de uma maneira autônoma. Em outras palavras, tais enunciados passam a ser inteligíveis sem que seja necessário considerar aquilo que os precede ou sucede no texto.

Este processo de destacamento não é aleatório e, em certa medida, uma série de enunciados considerados destacáveis já se apresentam, por suas condições de produção no texto do qual foram extraídos, naturalmente “destinados a circular fora de seu texto de origem” (MAINGUENEAU, 2013b, p.226). Esta destacabilidade pode ser verificada, ainda segundo Maingueneau (2013b), por meio de uma série de modos, alguns dos quais cumulativos, como: um fragmento com valor generalizante, ou ocupando uma posição específica como o início ou fim de um texto, ou ainda como uma espécie de ênfase, por parte do enunciador, em relação ao tema tratado, dentre outras possibilidades de construção textual.

Uma vez que nosso objetivo é analisar o termo “lepra” conforme apresentado em diferentes materialidades de distintos campos do conhecimento, o que nos interessa, além do caráter formulaico, conforme discutido na seção anterior, é verificar a utilização do termo em fragmentos textuais que se mostrem naturalmente destacáveis. Esta destacabilidade foi analisada tendo em vista a utilização do termo em fragmentos textuais que assumiram uma posição privilegiada, ou pela utilização, por parte do enunciador, do termo “lepra” para enunciar certo valor generalizante, ou ainda para conferir ênfase ao assunto tratado. Nesse último caso, trata-se de retomar efeitos de sentido que, por meio da memória, encontram-se, em alguma medida, vinculados ao termo lepra e que podem ser retomados, só que vinculados a outros temas, que não mais o do adoecimento ou do pecado.

Para uma adequada compreensão desta autonomia enunciativa, devemos considerar um segundo conceito discutido por Maingueneau (2014). Tal conceito pode funcionar na relação com o de destacabilidade: trata-se do conceito de sobreasseveração. Levando em consideração apenas o enunciado destacado, sabemos que este é inteligível de uma maneira

autônoma, mas se analisarmos o texto do qual o enunciado foi destacado, bem como as possíveis condições que entraram em funcionamento para que ele se tornasse um enunciado destacável, vemos que é necessário considerar também o conceito de sobreasseveração. Esta é considerada, segundo Maingueneau (2014), uma ênfase em relação ao entorno textual, uma operação que em si, “torna uma sequência, geralmente breve, portanto, memorizável, em uma tomada de posição do enunciador sobre uma questão polêmica” (MAINGUENEAU, 2014, p. 15).

Dado que trabalhamos neste capítulo com um *corpus* composto por diferentes materialidades midiáticas, como entrevistas e artigos de opinião, as quais utilizaram o termo “lepra” em distintas sequências discursivas, a mobilização de tais conceitos (destacabilidade e sobreasseveração) contribuiu para explicar os motivos pelos quais um enunciado é destacado do texto fonte e passa a funcionar de forma relativamente autônoma. A partir destas noções buscamos ainda analisar os efeitos de sentido materializados a partir do uso do termo “lepra”, bem como as condições para que esse destaque tenha sido utilizado. Nesse sentido, no que diz respeito à relação entre o conceito de sobreasseveração e a noção de destacabilidade, por exemplo, verificamos, ainda com base em Maingueneau (2013b), que “um fragmento que se apresenta como destacável é sobreasseverado” (MAINGUENEAU, 2013b, p. 227), embora esclareçamos que a mídia pode destacar qualquer sequência textual que deseje, ainda que não sobreasseverada, no intuito de torná-la memorável, ainda que para isso seja necessária certa reconstrução, ou modificação, da sequência textual de onde o trecho destacado foi retirado.

Essas modificações, algumas vezes oriundas de um destacamento fraco²¹, processo no qual os enunciados destacados estão presentes no paratexto do texto do qual foram extraídos, podem ser utilizadas para conferir não apenas autonomia a um enunciado destacado, mas também um tom sentencioso, atrelando-o a um enunciador autorizado para isso (MAINGUENEAU, 2013b). Como veremos a partir das seções seguintes, alguns enunciados podem ser apresentados como tendo um caráter de convicção, como uma verdade

²¹ Maingueneau (2013b) estabelece uma distinção entre destacamento forte e destacamento fraco ao explicar que o primeiro acontece quando os enunciados destacados estão separados dos textos dos quais eles foram extraídos, enquanto que, no último, o enunciado destacado encontra-se presente no paratexto do texto do qual foi extraído (MAINGUENEAU, 2013b, p. 231). Em outras palavras, no destacamento “forte” o leitor não tem acesso ao texto-fonte do qual o enunciado foi destacado, a não ser que se realize alguma pesquisa, enquanto no destacamento “fraco” o leitor tem acesso imediato ao texto-fonte.

supostamente inquestionável. Para que possamos compreender o efeito de verdade destes enunciados, cumpre-nos discutir também a noção de enunciação aforizante.

Segundo Maingueneau, a aforização é a enunciação de uma “convicção posta absolutamente: nem resposta, nem narração..., mas pensamento, tese, proposição, afirmação, sentença...” (CETICISMO POLÍTICO, 2014a). Nesse sentido, a aforização funciona de modo autônomo e independe de elementos prévios que a expliquem, ou seja, é inteligível independente de outras sequências enunciativas. O autor acrescenta ainda que a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável, enquanto que o texto resiste à apropriação por uma memória, o que se torna especialmente pertinente ao nosso estudo, uma vez que objetivamos estudar o tema da lepra na sua relação com certa memória.

Entendemos que, ao analisarmos estes elementos discursivos, destacabilidade, sobreasseveração e enunciado aforizado, presentes em diferentes produções midiáticas, podemos compreender melhor como os diferentes efeitos de sentido sobre a “lepra” são reconfigurados e atualizados em diferentes campos do conhecimento, seja observando os destaques conforme executados por profissionais da mídia, seja por blogueiros ou pela imprensa especializada, assim como o caráter sobreasseverado com o qual algumas sequências textuais são produzidas por diferentes enunciadorees quando se utilizam do termo lepra em suas produções discursivas. E, dado o caráter memorável com que são produzidos os enunciados aforizados, analisamos a construção que resulta em enunciados independentes, de caráter sentencioso e vinculados a um *ethos* solene, que se associa ao enunciadoree de uma verdade que se impõe e funciona de maneira autônoma em relação à unidade textual da qual pode ter sido destacada. Nas seções seguintes, buscamos trabalhar com tais elementos, destacabilidade, sobreasseveração e enunciado aforizado, a partir de produções midiáticas diversas em diferentes sites de notícias tendo como direcionadores os eixos lepra como praga, lepra como uma marca de exclusão e lepra como uma imagem de consunção.

4.3. UMA PRAGA SOCIAL: A LEPRA DOS INDESEJADOS

Nesta seção, analisamos produções midiáticas de diferentes gêneros, veiculadas em distintos sites, que continham em alguns de seus enunciados uma associação entre o termo “lepra” e o efeito de sentido de praga. Realizamos nossa análise com base no paradigma indiciário, explorando o material que compôs o *corpus* para verificar os efeitos de sentido materializados na/pela utilização do termo “lepra” em matérias jornalísticas que, em sua maioria, tratam de situações voltadas ao campo político. Destacamos que, ao trabalhar com

enunciados em que o termo “lepra” é utilizado em materialidades textuais oriundas de campos discursivos distintos do religioso e do médico-científico, foi-nos possível identificar diferentes funcionamentos de uma memória relacionada ao termo “lepra”.

Os seguintes excertos demonstram estes diferentes efeitos de sentido materializados nos enunciados sob análise:

Excerto 87: A lepra da intervenção política: indesejados e indignos (CETICISMO POLÍTICO, 2014a).

Excerto 88: Já usei o termo lepra política para me definir em relação à presença de pessoas pedindo “intervenção militar” e “separatismo” nas manifestações (CETICISMO POLÍTICO, 2014a).

Excerto 89: Não havia dúvidas que essa gente apareceria para atrapalhar (CETICISMO POLÍTICO, 2014a).

Os excertos 87 a 89, extraídos de um artigo de opinião, publicado no ano de 2014, no *blog* “Ceticismo Político”, que trata de manifestações contrárias a então Presidente da República, Dilma Rousseff, e ao Partido dos Trabalhadores (PT), apresenta, já a partir de seu título, em posição destacada, conforme mostra o excerto 87, a presença de uma possível lepra na política. O próprio título revela o porquê de se considerar que há uma possível lepra, definida pela presença de “indesejados” e “indignos” nas manifestações.

Tendo em vista as discussões empreendidas no capítulo 2 desta tese, em que discorreremos sobre os efeitos de sentido associados à lepra enquanto doença e praga, conforme discursos religioso e médico-científico, é possível entender os adjetivos utilizados para com aqueles que, na matéria, são identificados como estes leprosos políticos, os indesejados e os indignos, que, supostamente, se infiltram nas manifestações contrárias ao governo Dilma Rousseff, pedindo, como mostra o excerto 88, “intervenção militar” e “separatismo”. Indesejados porque, enquanto leprosos, não devem conviver com aqueles que não o são, indignos porque, se são considerados leprosos, também são considerados impuros e, como tal, não devem tomar parte nos espaços de convivência comum. Nesse sentido, o enunciador, no excerto 88, por meio de uma tomada de posição, ao iniciar o fragmento com a expressão “Já usei...”, um possível índice de sobreasseveração, identifica o que ele chama de lepra política, a presença de pessoas que pedem intervenção militar e separatismo, o que, por um deslizamento de sentido, caracteriza-os tanto como indesejados e indignos quanto como leprosos políticos. Uma vez considerados leprosos, os indivíduos assim caracterizados são

despersonalizados e descritos, no excerto 89, como “essa gente”, uma forma de retratá-los como um grupo à parte.

Nesse sentido, quando o enunciador identifica o que ele considera uma lepra política, ou, parafrasticamente, uma praga política, entendemos que ocorre um deslizamento de sentido dos termos separatismo e intervenção militar para o termo lepra. Desta forma, no enunciado analisado, bem como para este enunciador, tratar destes temas equivale discursivamente a falar de uma forma de lepra, uma praga no âmbito político.

Assim como ocorre com os portadores de uma praga, os indivíduos apresentados como aqueles que anseiam por separatismo e intervenção militar são associados, pela memória, a algo indesejável, mesmo para o grupo ao qual pertencem. Nesse sentido, a lepra desses sujeitos indesejáveis é demonstrada até mesmo por aqueles com os quais os indesejados poderiam ter uma maior relação de proximidade, que são os membros das Forças Armadas, uma vez que parte destes leprosos políticos almeja uma intervenção militar. Tal repulsa por parte das Forças Armadas é apresentada pelo enunciador no excerto abaixo:

Excerto 90: Em momentos de crise, grande comoção, ou politização da sociedade, há sempre o risco de que surjam radicais. Radicalismo gera mais radicalismo. Já ouviram falar em Malta? Resumidamente falando, é um grupo de maria-vai-com-as-outras que se junta de forma irresponsável e covarde se escorando na multidão que age igual (CETICISMO POLÍTICO, 2014a).

O excerto 90, reproduzido no artigo analisado, foi retirado, segundo o autor do artigo, de uma publicação das forças armadas e busca caracterizar os que pedem intervenção militar como radicais ou, mais coloquialmente, como maria-vai-com-as-outras. Em outros termos, nem mesmo entre os militares, aqueles que ensejam sua intervenção são figuras benquistas, pois continuam como indesejados, sendo ainda adjetivados como covardes e irresponsáveis. Tal adjetivação, levando em conta que teria sido apresentada em um texto de autoria das forças armadas, aponta para uma outra noção de praga, agora no âmbito militar, uma vez que há um pré-construído de que entre os militares não deve haver covardes e nem mesmo irresponsáveis, sendo os tais considerados uma praga e, portanto, uma lepra.

A presença dessa suposta praga durante as manifestações é, mais uma vez, caracterizada no excerto 91, apresentado abaixo.

Excerto 91: Os imbecis conseguiram. Os idiotas chegaram lá. Os zumbis se impuseram sobre os vivos. Os estúpidos ganharam a ribalta. A escória da democracia mostrou a fuça (CETICISMO POLÍTICO, 2014a).

Aqui, destacamos os adjetivos utilizados para referenciar, mais uma vez, aqueles que se infiltram nas manifestações contra o governo Dilma e que desejam que haja “intervenção militar” e “separatismos”: imbecis, idiotas, zumbis (o que, pela memória, podemos associar a um ser monstruoso, desprovido de vontade própria), estúpidos e escória da democracia. Entendemos que tais adjetivações são utilizadas no excerto 91, composto por uma série de enunciados sobreasseverados, como uma estratégia do enunciador para justificar a designação de tais sujeitos como leprosos, ou como uma praga para as manifestações. A sobreasseveração é aqui verificada pelo tom generalizante das sentenças bem como pela posição ocupada pelos enunciados no texto, centralizada e com uma fonte com uma cor distinta do restante do texto²².

Uma vez que até então temos apresentado a lepra como uma figura de exclusão social, isso nos referindo à doença, entendemos que a utilização da construção “lepra política” nos faz pensar no encontro de uma memória, a de uma doença excludente e estigmatizante, com uma atualidade, as manifestações que ocorreram em 2014 em prol do afastamento da então Presidente da República, Dilma Rousseff. Neste sentido, ao lermos a construção “lepra política” nos enunciados, somos, pela memória, instigados a pensar em algo que deve ser excluído, ainda que não nos refiramos à doença ou a qualquer indivíduo adoecido. Assim, discursivamente, a construção “lepra política”, por um efeito da memória sobre a atualidade, funciona apresentando figuras dignas de exclusão, os intervencionistas e os separatistas, neste caso, no campo político. Um funcionamento discursivo similar pode ser verificado nos excertos abaixo:

Excerto 92: Como tratar a lepra política nas manifestações? (CETICISMO POLÍTICO, 2014b).

Excerto 93: Vamos ver os discursos principais que configuram as lepras políticas neste caso:

1. “Trabalho e não quero sustentar vagabundo”
2. “Queremos o exército”
3. “Cuidado com a ideologia comunista”
4. “Devemos separar São Paulo do resto do país”

²² As sentenças que compõem o excerto 91 são apresentadas no texto-fonte com uma formatação distinta do restante do texto. Enquanto o texto, em sua maior parte é apresentado com uma formatação justificada e fonte de cor preta, as sentenças que compõem o excerto são apresentadas centralizadas, com a fonte em um tom de azul e com duplo espaçamento entre uma sentença e outra.

5. “Não devemos aceitar nortistas e nordestinos” (CETICISMO POLÍTICO, 2014b).

Excerto 94: Daí não surpreende que o PSDB tente fugir de se associar às manifestações, pois, como sabemos, a “lepra” é contagiosa (CETICISMO POLÍTICO, 2014b)

Estes excertos, 92 a 94, foram extraídos de outro artigo de opinião, também do ano de 2014 e publicado no *blog* “Ceticismo Político”, que tratava, de maneira similar uma série de manifestações com a mesma motivação da apresentada anteriormente. Com uma estrutura semelhante ao artigo analisado acima, o texto apresenta um título destacado utilizando a construção “lepra política” em um questionamento: Como tratar a lepra política nas manifestações?, conforme mostra o excerto 92. No artigo anterior o título apresentava um caráter generalizante e sentencioso, que designava os indivíduos a que se referia como leprosos políticos adjetivando-os também como indesejados e indignos; já neste título, é apresentado um questionamento sobre como lidar com esta lepra.

Ainda que o título do artigo não se apresente como sentencioso, pois trata-se de uma pergunta, aquilo que o enunciador estabelece como determinador de certa lepra política nas manifestações é descrito no excerto 93, por meio de uma série de enunciados sobreasseverados de valor generalizante. Dentre estes enunciados, é possível observar semelhanças com o que foi descrito acima, no excerto 88, pois os enunciados remetem à intervenção militar (Queremos o exército) e ao discurso separatista (Devemos separar São Paulo do resto do país; Não devemos aceitar nortistas e nordestinos). Além disso, há um enunciado contrário às políticas sociais, tidas como assistencialistas pelos que a elas se opõem (Não queremos sustentar vagabundos); e há também um enunciado que remete à existência de uma suposta “ideologia comunista”, com a qual devemos ter cuidado (Cuidado com a ideologia comunista).

Nesse sentido, foi possível verificarmos, nos dois artigos, a partir dos excertos apresentados, que a construção “lepra política”, como parte de uma possível construção formulaica, apresenta pelo menos três das propriedades destacadas por Krieg-Planque (2010) para caracterizar uma fórmula: tem um caráter cristalizado, no qual destacamos minimamente a identificação dos sentidos de indesejado e passível de exclusão, associado à noção de praga em relação aos leprosos aqui identificados. Além desse caráter cristalizado, é possível observarmos seu funcionamento discursivo e também verificarmos que tal expressão funciona

como um referente social, que “evoca alguma coisa para todos num dado momento” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p.92).

No excerto 94, uma característica atribuída à lepra enquanto doença é aqui deslocada para caracterizar os leprosos políticos: trata-se de uma possível contagiosidade, da qual, segundo o excerto, o PSDB pretende manter distância para que não seja considerado contaminado com esta lepra ou ainda associado a esses leprosos. Entendemos que marcar esta característica da lepra apenas reforça o caráter indesejável desses leprosos políticos, bem como permite justificar a sua exclusão do grupo daqueles que não se consideram contaminados por este mal. Trata-se, portanto, de uma praga a ser evitada.

Partindo dos dois artigos de opinião acima analisados, os quais tratam das manifestações ocorridas em 2014 contrárias à então Presidente da República, Dilma Rousseff, que foi reeleita em 2014 e que posteriormente sofreu um processo de *impeachment*, identificamos outras produções textuais midiáticas que discutiram o tema da situação política do Brasil, após a reeleição de Dilma Rousseff, bem como o enfraquecimento da ação política de seu partido, o PT. Todos os excertos apresentados abaixo associam, portanto, o termo lepra à política, como podemos verificar a seguir:

Excerto 95: A lepra política de 2016! (SOUSA, 2016).

Excerto 96: Lula e seu PT tornaram-se agora sinônimo de uma lepra política, cuja proximidade ninguém deseja (SOUSA, 2016).

Excerto 97: Chega de rejeitar a política e repeli-la como se fosse lepra (GLATZ, 2016).

Excerto 98: A simples menção de um político transforma-o em leproso perante a mídia e a opinião pública, ainda que, adiante, a acusação se mostre infundada (CASTRO, 2016).

Apesar dos fragmentos textuais acima apresentados serem oriundos de dois artigos de opinião distintos dos anteriormente analisados, bem como de uma postagem de um *blog* especializado em política, os excertos 95 a 98 mantêm uma regularidade de sentido com os excertos anteriores. O termo lepra, independentemente do texto no qual esteja inserido, continua sendo utilizado parafrasticamente no sentido de praga, evocando um pré-construído que suscita o efeito de sentido de indesejado ou ainda de passível de exclusão.

Os excertos 95 e 96, que fazem parte de uma mesma publicação, retratam uma situação do campo político posterior aos eventos analisados nos excertos 87 a 94, acima. No excerto 95, é apresentado, em posição de destaque, como título de um artigo de opinião, a

construção “lepra política”, porém associada a um momento temporal específico, o ano de 2016. No excerto 96, o enunciador esclarece qual seria essa lepra política. Trata-se do ex-presidente Lula e do Partido dos Trabalhadores (PT), uma vez que, ainda segundo o excerto, ninguém deseja se aproximar deles. Seja pela retomada do efeito de sentido de indesejabilidade, ou mesmo pela associação a certa noção de contágio, a utilização do termo lepra, enquanto possível construção formulaica, continua funcionando como um referente social, pois o sentido discursivo do referido termo pode ser entendido pela maioria dos indivíduos que tenha acesso à publicação.

Assim, por um efeito da memória sobre a atualidade, é possível compreender o porquê destes leprosos políticos serem considerados indesejados e evitados por outros políticos, pois, assim como ocorre com os que ficam próximos de leprosos, estar próximo dessa “lepra política” produz um risco de contágio que macula a imagem de quem deles se aproxima ou um possível efeito de praga. Se considerarmos o funcionamento discursivo da construção “lepra política” no sentido de praga, é possível compreender o porquê do desejo de distanciamento. Afinal, algumas pragas, como as agrícolas, por exemplo, são originadas de elementos semelhantes aos que são por ela afetados.

Podemos citar, por exemplo, uma praga agrícola citada nos textos bíblicos, o joio, planta que cresce em meio ao trigo e que é considerada, até hoje, uma praga agrícola entre os produtores de trigo. Até certa fase do desenvolvimento das duas plantas, não é possível distinguir o joio do trigo, o que dificulta sua eliminação precoce, além do fato de que o joio é parasitado por um fungo tóxico, o que pode comprometer os produtos obtidos a partir do trigo caso o joio seja colhido junto a este (OQUEE, [Acesso em 24 jan. 2018]). Partindo deste exemplo é possível compreender que estar associado a uma praga é ser identificado com algo que impede o desenvolvimento de algo positivo, nesse caso uma carreira política séria e honrada, embora guarde semelhança com outros políticos.

Diferentemente dos excertos 95 e 96, que se referem especificamente a um indivíduo e a um partido político, nos excertos 97 e 98, a associação com a lepra e seu caráter indesejável é estendida a todo e qualquer político ou mesmo à política em si. No excerto 97, verificamos que a associação da política com uma lepra implica em atitudes de rejeição e repulsa por parte dos indivíduos. No excerto 98, não há uma menção direta às atitudes em relação aos políticos, no entanto, uma vez identificado como político e acusado de quaisquer possíveis irregularidades, o status de leproso é associado a este e, como tal, ocorre um deslizamento de sentido por meio do qual ser político e acusado de algum crime, ainda que se mostre inocente posteriormente, equivale a ser um leproso. Ao tomar os excertos até então apresentados e

comparar com os que analisamos em relação à lepra como doença e os efeitos de sentido associados a esta pela memória, verificamos que, ainda que, nos excertos acima analisados, o termo não esteja sendo utilizado para identificar uma patologia, ele funciona discursivamente como um cristalizador de sentidos que associa a quem for identificado com a lepra ou como leproso, pela memória, a uma noção de indesejabilidade e de contágio, o que faz circular um discurso de exclusão social.

Ainda em relação ao cenário político brasileiro, em especial ao que poderíamos chamar de uma série de eventos que teve início nas manifestações contrárias à então presidente eleita, Dilma Rousseff, e a seu partido e tomou corpo com uma série de denúncias de corrupção e investigações pela polícia federal contra diferentes políticos e partidos, seguimos com mais alguns excertos em que podemos verificar um funcionamento discursivo da construção formulaica lepra.

Excerto 99: Vida, paixão e morte de Eduardo Cunha. Haverá ressurreição? (PACHECO, 2016).

Excerto 100: Eduardo Cunha caiu por causa da sua lepra, se tornou um peso, indesejado, não havia quem o sustentasse (PACHECO, 2016) (grifo nosso).

Excerto 101: Só nos resta pensar sobre sua capacidade de ressurreição ao terceiro dia (PACHECO, 2016).

Nos excertos 99 a 101, uma série de imagens do discurso religioso são, pela memória, convocadas para que haja inteligibilidade no que é enunciado. No excerto 99, é apresentado como enunciado o título de um artigo de opinião em que a figura de um conhecido político, Eduardo Cunha, o presidente da Câmara dos Deputados à época do processo de *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, é aqui comparado, pela memória, à figura do Cristo, através da sentença: Vida, Paixão e Morte; e fecha com a pergunta: haverá ressurreição? Nesta sentença, o termo paixão é associado, no discurso religioso cristão, a uma série de eventos e aos sofrimentos vivenciados por Jesus Cristo nos momentos que antecederam seu julgamento e crucificação, o que, por um efeito de memória, pode apontar para possíveis eventos vivenciados por Eduardo Cunha e que aqui são comparados a sua “Paixão”.

Ao longo do artigo, o autor descreve a trajetória de Eduardo Cunha como uma figura política poderosa, o que pode ser entendido como a sua “Vida”, primeiro termo utilizado no título, o que inclui as pautas que eram votadas na Câmara sob sua influência, segundo o autor do artigo, para a seguir descrever uma espécie de via crúcis, a “Paixão”, que culminou com seu afastamento da presidência da Câmara e com a perda de direitos políticos, sua “Morte”.

Mas, apesar de ser comparado em inúmeros momentos com o Cristo, e mesmo ter sua “Morte” comparada a uma crucificação, diferentemente do Cristo, que recebeu sua condenação mesmo sendo reconhecido como inocente por uma das autoridades romanas que o julgou²³, Eduardo Cunha é “crucificado” por ter se tornado um leproso, o que o associa a uma noção de culpa, como indica o excerto 100.

É interessante verificar como o discurso religioso é mobilizado para construir a narrativa em torno da ascensão e derrocada de Eduardo Cunha, comparando-o a uma figura que pode ser reconhecida por qualquer indivíduo com alguma familiaridade com o discurso religioso cristão como podemos observar nos excertos abaixo.

Excerto 102: Cunha surgiu do deserto da política para a posição de messias, o salvador do conservadorismo de direita que reivindica para si o lugar de ser o caminho, a verdade e a vida... (PACHECO, 2016).

Excerto 103: Não juntou sobre ele apenas 12 discípulos (PACHECO, 2016).

Excerto 104: Sem pestanejar, os discípulos (ou séquito) de Cunha o negaram três vezes (PACHECO, 2016).

Excerto 105: Por fim, trataram de crucifica-lo (PACHECO, 2016).

No entanto, o que para nós se destaca é o caráter cristalizado da construção formulaica lepra que, a partir do discurso religioso, suscita, pela memória, os efeitos de sentido de indesejabilidade, praga e culpa, o que torna inteligível ao co-enunciador o motivo de Eduardo Cunha ter sido negado e posteriormente “crucificado”. Isso ocorreu porque se tornou, ainda segundo o artigo, um leproso. No capítulo 2 desta tese, apontamos que a lepra está intimamente relacionada à noção de culpa, o que, portanto, condena o indivíduo a recebê-la como uma praga divina.

Nos excertos 99 a 105, verificamos então uma retomada do discurso religioso para parafrasticamente associar um político a uma importante figura do discurso religioso cristão, sendo comparado, no excerto 102, a um messias, com uma reconfiguração do que poderíamos considerar um referente social. É provável que qualquer coenunciador que conheça o discurso

²³ Na análise e comentários aos versículos 19 a 24, do capítulo 27 do evangelho de Mateus, presente no Novo Comentário Bíblico (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010b), o comentarista afirma que Pilatos assume que Jesus, apresentado diante de si para julgamento, era inocente, motivo pelo qual ele lava suas mãos para “livrar-se da culpa pela condenação de um homem inocente à morte” (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010b, p. 82)

cristão entenda a gravidade da crucificação. Essa, no caso do texto sob análise, está associada à lepra, causada pela culpa em relação a crimes cometidos. Esse foi o motivo apontado no texto para que Eduardo Cunha tenha sido excluído e acusado por aqueles que antes eram por ele conduzidos, como uma espécie de discípulos, os mesmos que o condenaram, neste caso, à perda dos direitos parlamentares.

Até então, os fragmentos textuais analisados estiveram relacionados ao contexto político nacional do Brasil, já o excerto a seguir está relacionado a um contexto político local, relativo ao estado do Rio de Janeiro. No excerto, também verificamos a expressão formulaica “lepra”, o que pode ser apontado como um indício do funcionamento do termo como referente social. Vejamos:

Excerto 106: Sai um câncer, entra uma lepra! (BLOG DO PAULO PIRES, 2016).

Excerto 107: Com a licença por 30 dias do governador Luiz Maozão, em virtude da doença que lhe acometeu. Com toda sinceridade, desejo que o governador recupere a saúde, mas isso não significa que eu deseje que ele continue nos governando, e a consequente assunção do vice (BLOG DO PAULO PIRES, 2016).

Como dito acima, até então os excertos que analisamos mostraram a utilização do termo lepra em associação com o campo político para destacar uma série de acontecimentos com impacto direto na política nacional, desde uma série de manifestações contra um ex-presidente, até a perda de prestígio político por parte de seu partido, bem como a perda de direitos políticos de um parlamentar anteriormente considerado prestigiado. Todos esses sujeitos foram, parafrasticamente, comparados a leproso políticos. Já os excertos 106 e 107 tratam de uma situação mais localizada, envolvendo o então governador do Estado do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, identificado na matéria, uma postagem em um *blog* de cunho político, como Luiz Maozão.

O excerto 106 é apresentado como título da matéria, em posição de destaque e faz uma espécie de jogo para que o enunciado seja entendido pelo público alvo, tendo uma estrutura que se assemelha a uma pequena frase. Seu caráter sentencioso, bem como sua posição de destaque torna este enunciado potencialmente propenso a circular discursivamente e tornar-se memorável, embora não haja a identificação de um enunciador que poderíamos considerar como uma autoridade para sustentá-lo. A utilização da construção formulaica “lepra”, mesmo que não se identifique de que lepra se trata, evoca, por um efeito da memória sobre a atualidade, uma série de efeitos de sentido que permite ao coenunciador entender que apesar

de algo ruim ter se retirado, um câncer, aquilo que entrou parece ser pior, uma lepra. Devemos considerar que neste enunciado sair e entrar referem-se a sucessão na ocupação de um cargo público.

No entanto, se considerarmos apenas o enunciado apresentado, sem que se conheça o texto ao qual está relacionado, funcionando como um enunciado aforizado, ainda há inteligibilidade, uma vez que tanto o termo câncer quanto o termo lepra são associados a doenças indesejadas. Nesse caso, o termo lepra tem um destaque especial já que, ao ser citado no excerto, apresenta-se como algo que é pior do que um câncer. Trata-se, portanto, não apenas de uma doença, mas de uma verdadeira praga.

Na matéria em questão, relata-se o afastamento do governador do Estado do Rio de Janeiro por um mês, por conta de um diagnóstico de câncer e a consequente assunção de seu vice ao cargo. Neste enunciado, podemos observar que o governador afastado é comparado, por meio de uma metonímia, à doença com a qual foi diagnosticado: “sai um câncer”; e, de maneira similar, no entanto sem envolver um diagnóstico médico, o vice que assume o cargo é comparado a uma lepra. Nesse caso, lepra funciona como paráfrase para um mal, uma verdadeira praga, sendo, portanto, algo indesejado.

As duas últimas matérias selecionadas para compor a parte do *corpus* que agrupamos sob um possível funcionamento discursivo do termo lepra como praga e como uma marca indesejável estão relacionadas a um contexto da política internacional, como mostramos a seguir:

Excerto 108: Macron quer combater “a lepra democrática” instalada em França (FERREIRA, 2017). (grifo nosso)

Excerto 109: Macron referiu-se a Fillon, sem ter dito o nome do adversário. “Não podemos defender um sistema político onde os protagonistas enfraquecem diariamente a democracia”, disse. “O que se instala no nosso país é uma lepra democrática. O nosso combate é por restaurar a dignidade da vida pública” (FERREIRA, 2017). (grifo nosso)

Excerto 110: Patriarca maronita: a corrupção é uma “lepra social” (BKERKÈ, 2017). (grifo nosso)

Excerto 111: “A corrupção, o feudalismo político que aniquila a justiça e o direito, e os interesses privados, sectários ou confessionais que criam obstáculos ao caminho das instituições públicas, começando pelos organismos de controle, representam uma lepra social mortal” (BKERKÈ, 2017). (grifo nosso)

O excerto 108, acima apresentado, é o título de uma reportagem sobre a campanha presidencial da França em 2017 e se apresenta como um destacamento fraco

(MAINGUENEAU, 2013c) produzido pelo autor da matéria a partir do conteúdo do excerto 109, que apresentamos também acima. O conteúdo completo da fala do candidato à presidência da França, Macron, revela aquilo que ele chama de lepra democrática, um sistema político que enfraquece a democracia e que deve ser combatido. Verificamos nestes enunciados uma nova construção, “lepra democrática”, a qual é caracterizada como uma nova apresentação lexical para o termo que no início desta seção denominamos como um candidato à fórmula, o termo lepra, que mantém cristalizado em si o sentido de indesejabilidade também associado, pela memória, à lepra enquanto doença.

Já o excerto 110, além de ser apresentado em posição de destaque e de compor o título da última matéria analisada nesta seção, uma notícia, apresenta-se com a estrutura de uma pequena-frase. Há uma indicação de autoria, seguida por um enunciado curto, facilmente memorizável, produzido para circular na mídia. Quando analisamos o excerto 111, verificamos a fonte desta pequena frase, pois, no referido excerto, o enunciador afirma que a corrupção é uma lepra social, tão indesejável quanto o feudalismo político e os interesses privados. Contudo, ao analisarmos o texto do qual esta pequena frase foi retirada, verificamos que houve, por parte do autor da notícia, uma reconfiguração do que foi enunciado originalmente, uma vez que o enunciador do texto fonte identifica não apenas a corrupção como uma lepra social. Assim, um fragmento textual que, por sua posição, é sobreasseverado, já que ocupa o início do texto, é especialmente reconfigurado para circular discursivamente como uma pequena frase. Destacamos, ainda, que a utilização do termo lepra confere uma certa ênfase ao termo corrupção associando-o, parafrasticamente, a uma espécie de praga.

De uma forma geral, independentemente da construção, “lepra política”, “lepra democrática”, “lepra social” ou simplesmente “lepra”, bem como as formas leproso e leprosa, foi possível verificar uma cristalização de sentidos que aponta, por um efeito da memória sobre a atualidade, para uma noção de praga e também de algo indesejável. Verificamos ainda que tais construções se inscrevem em uma dimensão discursiva sendo utilizadas em diferentes gêneros na mídia, considerando o *corpus* aqui analisado, e funcionando ainda como referente social, uma vez que, nos fragmentos analisados, foi possível verificar seu funcionamento como um signo que parece evocar a mesma coisa para todos em um dado momento, coadunando com as propriedades da fórmula apresentadas por Krieg-Planque (2010). No entanto, no *corpus* analisado, não foi possível verificar aspectos polêmicos na utilização de tais termos, o que nos direciona a propor, até este momento, que o termo lepra não funciona como uma fórmula, mas como uma construção formulaica, ou seja, como algo que, mesmo

não sendo uma fórmula no sentido definido por Krieg-Planque (2010), muito se aproxima de uma.

4.4. OS LEPROSOS SOCIAIS: A MARCA DA EXCLUSÃO

Na seção anterior, foi possível analisar uma série de fragmentos textuais que apontam para um funcionamento discursivo do termo lepra e algumas construções textuais correlatas que, pela memória, apontam para um sentido de praga e, por extensão, de algo que é indesejável. Nesta seção analisamos fragmentos que indicam uma possível consequência da presença da lepra, a exclusão social, isto tendo em vista uma série de efeitos de sentido já analisados no segundo capítulo desta tese.

Destacamos que uma parcela significativa dos fragmentos analisados, à semelhança da seção anterior, está relacionada ao campo político, como os excertos que apresentamos a seguir e a partir do qual iniciamos nossa análise.

Excerto 112: Aécio, o leproso (TELES, 2017).

Excerto 113: agora, aético, pego com a boca na botija, vê os amigos se afastarem (TELES, 2017).

Excerto 114: todo mundo retirou o Mineirinho dos grupos de zap zap, apagaram seu número das agendas de celulares, desamigaram do Face... (grifos nossos) (TELES, 2017).

Excerto 115: derrotado, abandonado por todos e com a polícia em seu encaço, o nosso Mineirinho vai entrar para a história como o avô, aquele que foi sem nunca ter sido.
Palavra da salvação (TELES, 2017). (grifo nosso)

Os excertos 112 a 115 apresentam enunciados que se referem a uma outra figura política que esteve envolvida, de forma direta ou indireta, no processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, já citada anteriormente. Trata-se do senador Aécio Neves, o qual, durante o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff foi elogiado por uns e rechaçado por outros. No texto sob análise, ele é tratado, conforme mostra o excerto 112, como um leproso, o que implica, pela memória, uma possível exclusão, por conta de uma série de acusações de irregularidades durante sua carreira política. O excerto 112, título de uma crônica jornalística, tem uma estrutura breve e um tom sentencioso, assemelhando-se a um enunciado aforizado, embora não haja uma autoria identificada. A utilização do artigo definido antes do termo leproso nos sugere que não se trata de qualquer tipo de leproso, mas de um em especial e que

este leproso citado no/pelo título merece destaque, assim como ocorre com Naamã, o único leproso nomeado na Bíblia, conforme analisado no segundo capítulo desta tese.

Ainda no que diz respeito ao excerto 122, verificamos que ele, semelhantemente a outros analisados nesta mesma seção, está em posição destacada, pois é o título da matéria. Trata-se, portanto, de um enunciado sobreasseverado no qual encontramos a candidata à fórmula, “lepra”, materializada aqui por meio de uma de suas variações, o substantivo “leproso”, o qual, nesse caso, refere-se ao político Aécio Neves. Nesse sentido, vemos uma atribuição de referente, o que é feito por meio de um aposto (Aécio, o leproso), que remete a um pré-construído, o de que Aécio Neves é um leproso. Tal pré-construído é retomado e explicado ao longo da crônica jornalística, quando se mostram as razões pelas quais o referido político é visto e apresentado como “o leproso”. Os excertos seguintes, 113 a 115, apresentam uma série de atitudes tomadas em relação a este suposto leproso, quais sejam: o afastamento dos amigos, ser retirado dos grupos aos quais pertencia, ter o número de telefone apagado da agenda, ser “desamigado” do *Facebook*, em suma, ser abandonado por todos e excluído do convívio social, uma atitude entendida, a partir do discurso religioso, como natural para com os leprosos. E todas estas atitudes são apresentadas pelo autor da crônica com um certo tom solene, pois ele conclui seu texto com uma conhecida expressão litúrgica do meio religioso católico: “Palavra da salvação”. A expressão “Palavra da Salvação” é utilizada como uma aclamação durante as leituras do texto bíblico, mais especificamente dos Evangelhos, realizadas nas missas e implica em uma proposição à congregação reunida que demanda uma resposta (SECRETARIADO NACIONAL LITURGIA, [Acesso em 17 jan. 2018]), assim, as atitudes de exclusão tomadas em relação a Aécio Neves são propostas como sendo palavras de salvação, as quais demandam a resposta “Glória a Vós Senhor”. A expressão “Palavra da Salvação”, que, no texto, está sobreasseverada, dada a sua posição na crônica, pois ela a encerra, pode ser comparada a um dos momentos mais solenes da missa, a leitura do evangelho, por parte do celebrante. Assim, por um efeito da memória sobre a atualidade, as boas novas aqui discutidas são as atitudes de exclusão em relação a Aécio Neves, as quais são proclamadas como a “Palavra da Salvação”, demandando, assim, do coenunciador uma resposta, que corresponde, nesse caso, a uma espécie de concordância em relação ao que foi enunciado. Nesse caso, o efeito é de que o coenunciador concorda com todas as restrições que foram impostas ao “leproso” Aécio Neves.

Em um contexto político mais específico, que trata da fala de um vereador em um município do Estado de Mato Grosso do Sul, também verificamos uma expressão formulaica

relacionada ao termo lepra, o que funciona como mais um indício de que o termo lepra é, de fato, um referente social.

Excerto 116: Vê um bichinho moleque que parece um macaco. ‘Ai meu bichinho bonitinho’. Não consigo não. Vem o outro todo leproso. Ai meu Deus do céu. Aí passa a mão e cura (TOP MÍDIA NEWS, 2016).

No excerto 116, lemos parte da fala de um vereador referindo-se às ações empreendidas por alguns candidatos à eleição em seu município. Esses candidatos, ainda segundo o vereador, se aproximam de famílias carentes em momentos eleitorais a fim de conseguirem votos. O excerto que reproduzimos é quando o vereador compara os filhos de famílias carentes, termo utilizado na reportagem, a leproso. Ainda segundo o citado vereador, ele não consegue, como fazem seus colegas de enfrentamento político, “passar a mão” nas crianças carentes, adjetivadas, por ele, como: bichinho moleque, macaco e leproso. Verificamos, ainda, que na expressão “passa a mão e cura”, também presente no excerto sob análise, há uma alusão a um dos milagres atribuídos, pela Bíblia Cristã, à figura de Jesus Cristo. No excerto acima, verificamos que o termo leproso associa, por um deslizamento de sentido, as crianças citadas pelo vereador a figuras que são indesejadas e excluídas, e cujo contato só é tolerado por alguns em momentos de disputa eleitoral.

Em uma outra produção textual verificamos a utilização do termo lepra em um outro contexto, o das políticas públicas, conforme mostra o seguinte enunciado:

Excerto 117: A lepra! A lepra! Disque 190? (SOUZA, 2015).

O excerto acima é o título de uma reportagem que tem como tema central os usuários de crack na cidade de São Paulo, mais especificamente em uma conhecida região da cidade denominada crackolândia, e as medidas empreendidas para tentar minimizar esta situação. Como título de uma matéria, o enunciado apresentado figura em posição de destaque, um destaque forte, uma vez que este conteúdo não foi extraído do texto ao qual se refere (MAINGUENEAU, 2013c). O que nos chama a atenção neste enunciado é a dupla exclamativa: A lepra!, como se fosse uma espécie de advertência proferida por alguém, devido ao contato com algo temido. Após essa dupla exclamação, há uma frase interrogativa, a qual funciona como uma possível solução: Disque 190? Nesse caso, a pergunta retórica indica, como dito, uma possível solução para o problema da “lepra”. A lepra, nesse caso, segundo indica tanto o título quanto o corpo da matéria jornalística, é o usuário de crack que vive na crackolândia.

Tal solução indica, por um efeito da memória sobre a atualidade, que essa suposta “lepra” deve ser tratada como um caso de polícia, pois o número 190 é conhecido como um número telefônico de utilidade pública para contato com a polícia militar em todo o território nacional. Nesse caso, a candidata a fórmula assume, mais uma vez, um efeito de sentido que aponta para o lugar da exclusão de uma praga que deve ser afastada de todos. Só que aqui esse afastamento compulsório deve ser efetivado não por um sacerdote ou por um médico, mas pela autoridade policial.

Ainda em relação à mesma reportagem, um outro enunciado destacado parece ser utilizado para que o coenunciador entenda a utilização da imagem da lepra para referir-se aos usuários do crack:

Excerto 118: As sociedades do passado isolavam e excluíaam os leprosos com repulsa. Conhecimento, prevenção, gestão e cura mudaram essa realidade (SOUZA, 2015).

Neste enunciado, o enunciador afirma que as sociedades do passado isolavam e excluíaam os leprosos. No entanto, segundo o enunciador, o conhecimento sobre a lepra, a prevenção à mesma, a gestão da referida doença, atrelada ao desenvolvimento de uma cura, mudaram tal realidade. De uma forma paralela, ao associar a lepra ao problema do uso do crack, o enunciador do excerto 118, por meio do encontro de uma memória com uma atualidade, propõe uma possível solução para o problema do crack. Se, conforme o enunciador, as sociedades do passado isolavam e excluíaam, mas tal realidade mudou, a solução adotada para a lepra do passado pode ser transposta e utilizada para esta lepra do presente, ou seja, o conhecimento sobre o crack e seus usuários, a prevenção, uma política de gestão e possivelmente a busca por uma cura. Algo que consideramos pertinente é que, pela memória, a imagem de exclusão da lepra é transposta da doença e atualizada para uma outra situação, vista pela sociedade como igualmente passível de repulsa e exclusão.

Em uma série de outras matérias, a atuação do judiciário, envolvendo julgamentos e investigação de denúncias, é permeada por enunciados que recorrem à imagem da lepra para caracterizar uma série de situações distintas, mas que tem em comum a declaração dos envolvidos de se sentirem leprosos e, portanto, excluíaados. A primeira dessas matérias jornalísticas encontra-se parcialmente materializada nos excertos abaixo.

Excerto 119: Em depoimento, Cachoeira faz declaração de amor e diz ser ‘leproso jurídico’ (BORGES, 2012).

Excerto 120: Em rápido depoimento, entremeado pela derrubada de uma garrafa d’água e de um copo diante da mesa do juiz federal Alderido Rocha

Santos, o contraventor disse ter se tornado um “leproso jurídico” (...) (BORGES, 2012).

Excerto 121: Estou sofrendo demais porque virei leproso jurídico (BORGES, 2012).

Nesses excertos, encontramos uma nova construção textual, “leproso jurídico”, utilizada pelo bicheiro Carlinhos Cachoeira para se referir à sua situação como réu em uma série de denúncias envolvendo acusações de formação de quadrilha e jogo do bicho. A construção “leproso jurídico” é utilizada pelo réu para ilustrar sua situação diante do insucesso em provar sua inocência. Desta forma, a lepra é aqui utilizada como uma associação a uma imagem de exclusão, vinculada às acusações pelas quais Carlinhos Cachoeira estava sendo julgado e que, ainda segundo ele, lhe impediam de retomar um relacionamento amoroso. A construção “leproso jurídico”, destacada por aspas simples no excerto 119 e que também faz parte do título da reportagem, é uma reconstrução do que está contido no excerto 121, no qual o enunciador assume o lugar de vítima por ter se tornado uma espécie de leproso.

Já os excertos que apresentamos a seguir tratam de duas publicações distintas, mas que tiveram como base uma mesma situação, a saída para o regime aberto de um ex-diretor da Petrobrás, Paulo Roberto Costa, que se auto-intitula o estopim da operação Lava Jato, da Polícia Federal, uma vez que foi o primeiro a realizar um acordo de delação premiada e também o primeiro a apontar irregularidades e esquemas de corrupção no Brasil. Por tudo isso, ele afirma que “Sem a minha delação, a Lava Jato não teria existido”. Vejamos os excertos que apresentam o termo “lepra” e seus correlatos:

Excerto 122: Em primeira entrevista após deixar a prisão, delator diz se sentir ‘leproso’ (LADEIRA, 2016).

Excerto 123: “Virei um leproso. Esse ano de prisão foi um ano de lepra. As pessoas fugiam de mim e continuam fugindo, mas isso está mudando” (LADEIRA, 2016).

Excerto 124: “É como se o Paulo estivesse vomitando, limpando o corpo”, diz Marici. A lepra, para ela, está cicatrizando (LADEIRA, 2016).

Excerto 125: Leproso por leproso, eu também fui, nesta hipócrita sociedade (só que não sou bandido) (PÓVOA, 2016).

Excerto 126: A “Folha de São Paulo” publicou recentemente um inusitado desabafo do “petroleiro” Paulo Roberto Costa, pivô da operação Lava Jato, reclamando que tinha virado um “leproso”, pois não tinha mais poder nem mais dinheiro e seus amigos passaram a ser apenas conhecidos. Era tratado como “Paulinho” por Dilma e Lula, e agora passou a ser apenas o Paulo Roberto (PÓVOA, 2016).

Excerto 127: ...a “via crúcis” que passei a palmilhar havia me transformado em autêntico “leproso” (PÓVOA, 2016).

Os excertos 122 a 124 fazem parte de uma reportagem publicada online no site da *Folha de S. Paulo*. Trata-se de uma entrevista realizada com o primeiro delator da Operação Lava Jato, operação que consiste em uma série de investigações realizadas pela Polícia Federal visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro que, estima-se, movimentou bilhões de reais em propina. Esta operação teve início em 17 de março de 2014 e ainda está em curso. Destacamos que esta foi a primeira matéria que nos motivou a investigar a utilização discursiva do termo lepra em outros campos, que não apenas o religioso e o médico-científico. O excerto inicial desta sequência, o 122, é o título da entrevista, o qual é constituído por uma citação indireta do que teria sido dito pelo delator. No excerto 123, vemos porque o entrevistado diz sentir-se um leproso, pois ele afirma que as pessoas fugiam dele e continuam fugindo. Dessa forma, o entrevistado retoma um efeito de sentido de lepra como algo que causa exclusão social.

Nos capítulos anteriores, discutimos os efeitos de sentido associados à lepra enquanto doença e, entendemos que, no sentido utilizado pelo entrevistado, a noção de exclusão social funciona, ainda que não estejamos diante de um caso de adoecimento por lepra, para marcar um indivíduo que socialmente é considerado um leproso e, portanto, passível de exclusão social, como pode ser verificado em uma das falas do entrevistado apresentada no excerto abaixo:

Excerto 128: Ele se refere ao sumiço dos amigos, que se encontravam praticamente toda semana na casa da Barra da Tijuca (zona sul do Rio), para jogar buraco (LADEIRA, 2016).

Destacamos ainda que o excerto 123 materializa o encontro de uma memória com uma atualidade, pois apresenta uma noção de exclusão retomada do discurso religioso, segundo o qual, como vimos no capítulo 2, deve-se evitar o contato/convívio com os leprosos. No excerto sob análise, evita-se o convívio com os condenados pela justiça, os quais são também vistos como leprosos. O excerto 124 apresenta a noção de purificação acerca dessa lepra social, o que nos remete ao sentido de imundície atribuído à doença no discurso religioso. Nesse excerto, a esposa do delator diz que ele está limpando o corpo, o que ratifica o discurso segundo o qual há uma impureza da qual o sujeito contaminado deve ser limpo. Também por meio de um efeito de memória, vemos a retomada do efeito de sentido de lepra como uma

praga divina que tornava o indivíduo impuro e, conseqüentemente, indigno do contato com os demais e passível de ser excluído. Notamos aqui o funcionamento do termo leproso como um referente social que, pela memória, retoma o efeito de sentido de exclusão.

Na situação apresentada, o purificar-se está marcado pela atitude de vomitar, colocar algo para fora, o que poderia ser associado à atitude de delatar, ou expor algo que o consumia. E, após esse vômito, conforme o excerto 124, a lepra poderia cicatrizar. Há, nesse caso, a remissão à memória de uma ferida aberta e possivelmente visível, uma vez que gera nos que o cercam a atitude de excluí-lo, como feito com os leprosos nos textos bíblicos anteriormente analisados. Esta lepra, seja a delação ou a condenação na operação lava jato, tornou Paulo Roberto Costa um leproso social para aqueles com os quais ele se relacionava e, após sua saída para o regime aberto, conforme diz na entrevista, iniciou o processo de cicatrização da lepra. É possível verificar, assim, que, discursivamente, o termo lepra é aqui empregado como um cristizador dos efeitos de sentido de exclusão e de indesejabilidade, os quais são associados pela memória tanto à lepra e à praga, no discurso religioso, quanto à doença, no discurso médico-científico.

Já os excertos 125 a 127 fazem parte de um artigo de opinião de um desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do estado de Tocantins, José Liberato Costa Póvoa. O artigo apresenta uma espécie de resposta a esta lepra da qual Paulo Roberto Costa diz ter se tornado uma vítima. Inicialmente, no excerto 125, é possível verificar o título da reportagem, que tem como destaque uma das falas do citado desembargador, em que ele afirma que também foi leproso, no entanto não é bandido. O que verificamos é que, para o enunciador, a situação descrita por Paulo Roberto Costa em sua entrevista não é exclusiva dele, pois o desembargador também se considera, em alguma medida, um leproso. No entanto, ele diz apresentar uma distinção em relação a Paulo Roberto, pois afirma não ser bandido. Dessa forma, por meio do pré-construído de que o leproso é socialmente excluído, entendemos que o enunciador também se vê como alguém que foi excluído, uma vez que é este o efeito de sentido de lepra utilizado por Paulo Roberto e cristalizado no termo “leproso”, o qual também funciona como um referente social.

No excerto 126, o enunciador chama a entrevista do delator Paulo Roberto Costa de desabafo quando o delator aponta o afastamento de seus amigos e conseqüente exclusão social como os motivos pelos quais considera ter se tornado um leproso. Nos excertos 125 a 127, o que é verificado é que o enunciador atribui a si uma autêntica lepra, conforme mostra o excerto 127, que aparece no texto em posição sobreasseverada no final de um parágrafo. Esta

autêntica lepra gera, à semelhança da doença, sofrimento, uma verdadeira “via crúcis”, termo retomado do discurso religioso, e assim descrita:

Excerto 129: Não vivi a situação de “Paulinho” apenas num particular: não roubei, não propinei, não tenho casa de Veraneio nas regiões serranas nem conta na Suíça, não me enriqueci de uma hora para outra (PÓVOA, 2016).

Excerto 130: ...aqueles que se diziam meus amigos simplesmente se afastaram, e posso contar nos dedos quem me fez visita ou prestou solidariedade... (PÓVOA, 2016).

Nos excertos apresentados, o desembargador apresenta uma espécie de defesa na qual, ao comparar-se com Paulo Roberto Costa, excerto 129, demonstra que não teria nenhuma culpa com a qual poderia ser associada à lepra com a qual se diz “contaminado”, já que se identificou como autêntico leproso. Verificamos, aqui, que a lepra está associada a uma culpa, o que pode ser verificado também no discurso religioso, que associa a praga da lepra à presença de um pecado, uma culpa. No entanto, embora sem possuir a culpa que poderia condená-lo a esta espécie de lepra, conforme indicam suas falas, o desembargador sofre com as consequências da exclusão, uma vez que houve, por parte daqueles que ele considerava como amigos, afastamento, o que retoma a memória da lepra como um referente social que indica exclusão.

Os últimos enunciados que analisamos nesta seção tratam da a mídia e de sua utilização como ferramenta de circulação de informações. Vejamos, então, os excertos abaixo:

Excerto 131: A marca Globo é uma lepra que deve ser evitada por todas as outras. (FERNANDES, 2016)

Excerto 132: ... é inacreditável que grandes empresas nacionais e multinacionais ainda se arrisquem a anunciar em veículos de informação tão desacreditados como o Grupo Globo. (FERNANDES, 2016)

Excerto 133: É bem verdade que muitos executivos já demonstraram claramente as suas preocupações com a crescente rejeição que a Globo, por exemplo, vem enfrentando na população em geral. (FERNANDES, 2016)

Excerto 134: A Rede Globo e seus similares se tornaram uma lepra que todas as marcas deveriam urgentemente evitar (FERNANDES, 2016).

Retomando um dos efeitos de sentido associados à lepra e discutidos no capítulo 2 desta tese, nos excertos 131 a 134, verificamos a utilização da palavra “lepra” relacionada à noção de marca. Embora o termo “marca”, quando utilizado em relação ao grupo Globo, implique um bem intangível, conforme discutido no texto da matéria da qual estes enunciados

foram extraídos, aqui, quando utilizado em conjunto com o termo lepra, a referida palavra evoca, por um efeito de memória, uma noção de marca enquanto estigma, ou seja, aquilo que anuncia visivelmente que um indivíduo está com lepra.

Assim, entendemos, com base no excerto 131, tanto que a Globo é uma marca, bem intangível, quanto que é algo que marca como a lepra quaisquer outras marcas que com ela se associem e as faz tornarem-se, como a Globo, desacreditadas, ainda conforme indica o excerto sob análise.

Esta noção de marca também tem uma outra consequência apontada no excerto 133, a rejeição, o que reforça a associação da Globo com uma lepra, que, ainda conforme o excerto 134, deve ser evitada por todas as outras marcas, para que estas também não sejam rejeitadas. Identificamos nesta utilização do termo “lepra”, o funcionamento de um referente social para algo que deve ser evitado, excluído. Nesse caso, uma marca visível identifica um objeto de exclusão, uma lepra.

Verificamos, nos excertos analisados nesta seção, um dos efeitos de sentido associados à lepra enquanto praga, o da exclusão social. Salientamos, contudo que a noção de praga, discutida na seção anterior, não é abandonada nesta seção, no entanto as sequências textuais analisadas estão voltadas não para a presença da lepra em si, mas para as consequências vivenciadas por aqueles que são identificados como leprosos. Verificamos, assim, que os termos lepra e leproso são, portanto, veiculadores de efeitos de sentido ligados à exclusão social, bem como funcionam como um referente social, o qual, por um efeito de memória, evoca a imagem de uma doença ancestral também estigmatizadora e socialmente excludente.

4.5. A LEPRA COMO CONSUNÇÃO SOCIAL

Nesta seção, analisamos enunciados em que o termo “lepra” é utilizado como um referente social para a consunção, em que a utilização do termo está associada à noção de degradação ou mesmo de corrupção da essência daquilo a que é associado. Para tanto, recorreremos a textos de diferentes gêneros, como entrevista, artigo de opinião e notícia. De maneira similar à seção anterior, analisamos enunciados selecionados que utilizam o termo lepra e/ou formulações correlatas.

Excerto 135: “A corrupção é a lepra do vivo e o verme do cadáver”.
Entrevista com Antônio Celso Pinheiro Franco. (MCC - MOVIMENTO
CONTRA A CORRUPÇÃO, 2013)

Excerto 136: A corrupção é “a lepra do vivo e o verme do cadáver”, segundo a definição cauterizante de Ruy Barbosa. (MCC - MOVIMENTO CONTRA A CORRUPÇÃO, 2013)

Os enunciados acima diferem daqueles analisados na seção anterior, embora também gozem do status de enunciados destacados, principalmente pela posição ocupada no texto. No caso do excerto 135, temos uma enunciação aforizante. O tom utilizado é o solene e aquilo que se enuncia é feito como se apresentasse uma verdade irrevogável, o que se dá por meio de uma afirmativa, segundo a qual “A corrupção é a lepra do vivo e o verme do cadáver”. Tal construção apresenta ao coenunciador uma afirmação em tom sapiencial. Ainda no excerto 135, somos “informados” de que se trata de uma entrevista e também de que a pessoa identificada como o entrevistado é um advogado, o qual é apresentado como uma espécie de autoridade, que é convocado a falar sobre o tema da corrupção e de seu enfrentamento por parte do judiciário. O título da matéria é o extrato de uma de suas falas, expressa no excerto 136, cuja autoria é atribuída a Ruy Barbosa, escritor, advogado e jurista brasileiro. Destacamos, contudo, que, no texto original, de autoria do escritor citado, embora haja uma alusão à corrupção, não é esta que é apontada como “a lepra do vivo e o verme do cadáver”, mas sim o jogo e suas consequências na vida do homem e de suas finanças.

Através desta reconstrução da citação célebre de Ruy Barbosa, pelo advogado entrevistado, foi obtido um enunciado aforizado que, por meio de uma memória discursiva, traz à tona o que Ruy Barbosa chamou de uma lepra. Tal lepra, na atualidade da entrevista, associa, parafrasticamente, a corrosão das finanças pelo jogo, temática tratada por Ruy Barbosa, à corrupção, que é considerada, na contemporaneidade, uma lepra moral da sociedade, como mostra o excerto abaixo:

Excerto 137: Quer se pratique por ambição, quer por paixão, tanto quem oferece (corruptor), quanto quem aceita (corrompido), não deixam de praticar ato imoral, pessoal e socialmente condenável (MCC - MOVIMENTO CONTRA A CORRUPÇÃO, 2013).

Assim, a utilização do termo lepra nos enunciados 135 e 136, ao associar duas situações distintas, o homem vivo e o cadáver, coloca em funcionamento, tomando como base o termo lepra, a noção de consunção física ou mesmo o discurso acerca da degradação de algo. Os vermes são responsáveis pela decomposição de cadáveres e, uma vez associada à lepra do vivo, entendemos, por paralelismo, que essa lepra do vivo também deve ser responsável pela consunção do vivo, tal qual os vermes o são pela degradação do cadáver.

Dessa forma, por um efeito de memória, a lepra, que como doença está associada à degradação física do indivíduo adoecido, é, parafrasticamente, associada à corrupção, o que indica uma degradação não mais física, mas moral. De forma distinta à seção anterior em que o termo lepra foi preferencialmente associado aos efeitos de indesejabilidade e de exclusão, aqui ele está vinculado ao efeito de degradação ou de consunção do leproso.

Este discurso acerca da consunção física e/ou moral do leproso também se encontra materializado nos excertos abaixo:

Excerto 138: Corrupção: a lepra moral. (NUNES, 2014)

Excerto 139: Amaldiçoada seja a corrupção, desgraçadamente a grande lepra da atualidade da República. (NUNES, 2014)

No excerto 138, constatamos uma reconfiguração em relação à própria entidade mórbida. Não estamos mais nos referindo a uma praga oriunda de uma sentença divina ou de uma doença infectocontagiosa, o efeito de sentido aqui materializado é outro. No entanto, embora seja apresentada uma nova lepra, a de cunho moral, identificada no excerto 138 como a corrupção, é possível ainda verificar, pela memória, um dos efeitos de sentido ligados ao discurso religioso, que é diretamente citado no excerto 139, a noção de maldição.

No capítulo 2, quando mostramos os efeitos de sentido associados à lepra enquanto uma doença de origem divina, a qual estaria vinculada ao pecado, uma das noções discutidas foi a de maldição, uma espécie de sentença impetrada ao pecador pelo próprio Deus. O excerto 139, associa esta lepra moral, a corrupção, a uma maldição apontada como aquilo que desgraça a atualidade da república. Contudo, diferentemente do enunciado destacado no excerto 138, em que se utiliza um artigo definido dando ênfase à corrupção como “a lepra moral”, no excerto 139 entendemos que esta é apenas uma das lepras da atualidade, já que quando o enunciador afirma que “a corrupção é a grande lepra”, há a materialização de um pré-construído segundo o qual há outras formas de lepra, as quais seriam vistas como menores em relação a essa que é a “grande lepra. O enunciador utiliza ainda, por diversas vezes, de um tom sentencioso para apontar as características desta lepra moral, conforme podemos verificar nos excertos abaixo:

Excerto 140: Malditos os que corrompem, como os que se deixam corromper (NUNES, 2014).

Excerto 141: Amaldiçoada seja a improbidade, maldito seja o negociismo, o furto, em uma palavra a roubalheira que tanto vem avassalando o país (NUNES, 2014).

Excerto 142: Maldito os que transigem mercadejando, de qualquer maneira, com cargos públicos ou com mandatos políticos (NUNES, 2014).

Aqui, os leprosos são identificados como aqueles que corrompem ou que se deixam corromper, assim como qualquer um que pratique os atos apresentados nos excertos 141 e 142. Devido a isso, esses leprosos sociais, assim como ocorre com os leprosos apresentados no/pelo discurso religioso, são considerados malditos.

Vejam, abaixo, outros excertos, pertencentes a um outro texto, mas que também tratam da lepra como algo que afeta a sociedade.

Excerto 143: Papa: orgulho e egoísmo são a lepra da sociedade (TERRA, 2007).

Excerto 144: O papa Bento XVI afirmou hoje que o orgulho e egoísmo são a lepra do homem e da sociedade, durante a celebração da oração do Ângelus na Praça de São Pedro no Vaticano (TERRA, 2007).

Excerto 145: O Pontífice acrescentou “que, em verdade, a lepra que realmente desfigura o homem e a sociedade é o pecado, o orgulho e o egoísmo, que geram no homem a indiferença, o ódio e a violência” (TERRA, 2007).

Nos excertos acima, embora haja a reprodução da fala de uma importante figura do discurso religioso, o Papa, maior autoridade do catolicismo, é possível verificar uma reconfiguração na utilização discursiva do termo lepra. O excerto 143 é estruturado como uma pequena frase, facilmente memorizável e com uma autoria determinada, embora o autor deixe de identificar qual papa é o autor da pequena frase, talvez por que a simples menção ao termo papa já implique em uma noção de enunciador dotado de autoridade, mesmo que fora do discurso religioso. No excerto 144, ocorre a identificação de qual papa enunciou o que está apresentado no título da notícia, bem como a situação em que ocorreu o enunciado. Verifica-se, ainda, que no enunciado completo aquilo que se identifica como uma lepra diz respeito não apenas à sociedade, mas também ao homem.

Importante destacar que o enunciado 145 traz na íntegra a fala a partir da qual a pequena frase foi produzida. Na fala integral, é possível verificar a presença de um elemento característico do discurso religioso, a noção de pecado, que é propositalmente excluída da formação da pequena frase, para que esta funcione em múltiplos campos discursivos de uma maneira mais generalizada. Assim, ainda que o enunciador seja apresentado como uma

eminente figura do campo religioso e também recorra a uma memória vinculada mais proximamente a este campo, na construção da pequena frase houve a exclusão da noção de pecado e houve um destacamento de características que moralmente podem ser associadas a qualquer indivíduo, orgulho e egoísmo, os quais não necessariamente devam ser associadas ao discurso religioso para que sejam compreendidos.

4.6. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Ao longo deste capítulo, verificamos que o termo lepra, bem como formulações correlatas a ele, como “leproso jurídico”, “lepra social”, “lepra democrática” e “lepra política”, compõem uma construção formulaica que, por um efeito de memória, evoca efeitos de sentido atribuídos tanto a uma praga identificada no discurso religioso, quanto a uma doença estigmatizante, identificada no discurso médico-científico.

No sentido de Krieg-Planque (2010), verificamos que tais formulações apresentam uma cristalização dos efeitos de sentido de praga, maldição, bem como dos efeitos de exclusão social e de consunção. Observamos ainda que estas formulações funcionam como referente social e apresentam um funcionamento discursivo, estando presentes em diferentes gêneros textuais.

Foi possível observar ainda que o termo lepra é utilizado em uma série de enunciados aforizados, bem como em enunciados sobreasseverados, o que lhe confere um caráter especialmente memorável e de fácil circulação social.

5. CONCLUSÃO

O problema de pesquisa que direcionou esta tese surgiu a partir da observação de uma série de trabalhos consultados e que discutiam os temas da lepra e memória unicamente voltados para o adoecimento e estigma vivenciados por indivíduos que foram tratados para esta doença, bem como familiares dos adoecidos, durante o período em que, no Brasil, vigorou a política de isolamento compulsório. Observamos, a partir de alguns estudos, a exemplo de nossa dissertação de mestrado, que, indivíduos em tratamento para doenças consideradas estigmatizantes, como lepra e tuberculose, recorrem em algumas de suas falas ao discurso religioso como explicação para seu adoecimento, melhora ou cura.

Dada a dimensão do tema delimitamos uma questão problema que é colocada aqui como o ponto de partida para as nossas conclusões: **qual o funcionamento dos efeitos de sentido do termo lepra na atualidade, partindo da relação com a memória do discurso religioso**. Analisamos ainda, a partir das hipóteses formuladas e que deram origem a cada capítulo, os resultados encontrados.

A primeira hipótese que levantamos foi a de que há pelo menos um discurso fundador, o religioso, norteando os efeitos de sentido materializado acerca da lepra. Ao longo do capítulo 2, foi possível verificar, a partir da análise de extratos do texto bíblico, que o discurso sobre a lepra, a partir do discurso religioso, tem como texto fundador o capítulo 13 do livro de Levítico da Bíblia Sagrada, no qual foi possível identificar uma série de efeitos de sentido sobre a lepra que reverberam na atualidade: a lepra é uma praga, marca a carne, há uma figura de autoridade que a identifica, a qual está associada a voz de Deus na terra, e o leproso é um indivíduo imundo e passível de exclusão social.

É importante ressaltar que a nossa hipótese foi confirmada ao verificarmos que uma série de efeitos de sentido sobre a lepra são instaurados a partir de um acontecimento discursivo oriundo do discurso religioso, o texto de Levítico 13, que é apresentado para os judeus e estabelece os modos de lidar com a lepra enquanto praga, e também com leproso, considerado um sujeito indesejado na sociedade de então. Os demais livros da Bíblia também ratificam o que é enunciado neste texto, trazendo-o como uma fonte de memória para uma série de outras situações envolvendo leprosos, as quais só podem ser plenamente entendidas a partir das relações de memória estabelecidas com os pré-construídos instaurados no texto fundador.

Destaque-se que partimos da hipótese de haver pelo menos um discurso fundador como norteador de efeitos de sentido sobre a lepra e, o que observamos, ao fim de nossa análise, é que, para compreender tanto o que se mantém quanto o que se reconfigura pela memória sobre o tema da lepra, é necessário pensar em uma dupla fundação: uma, conforme a hipótese inicial, a partir do discurso religioso, no qual os efeitos de sentido de exclusão estão voltados para as noções de praga e imundície do leproso, a outra a partir do discurso médico-científico, no qual também funciona um efeito de sentido de exclusão, no entanto voltado para a noção da lepra como doença infectocontagiosa. Nesse caso, o leproso é apresentado também com uma imagem atrelada à imundície e sujidade, mas tal imagem vincula-se às primeiras práticas sanitárias.

Nossa segunda hipótese foi direcionada à investigação do discurso religioso, ainda que tenhamos identificado uma dupla fundação. A partir da delimitação de duas igrejas, uma pentecostal e outra neo-pentecostal, analisamos produções discursivas que circulam nestes meios a fim de verificar se há um *ethos* bem como uma cenografia característica com o qual o tema é abordado pelos enunciadores desta temática. Consideramos que esta hipótese foi infirmada pois não foi possível identificar um *ethos* característico, mas uma multiplicidade de *ethé* que variaram entre contador de histórias, pregador, profeta e historiador.

Para investigação desta hipótese, trabalhamos com um *corpus* composto por diferentes materialidades nas quais foi possível observar a utilização de diferentes cenografias, não sendo possível, também, definir um tipo característico no discurso religioso (neo)pentecostal. Destacamos, no entanto, que a partir de múltiplas cenografias e diferentes *ethé*, o tema da lepra é utilizado no discurso religioso como uma possível estratégia para apresentar aos fiéis os efeitos da fé e as consequências do distanciamento do fiel em relação à figura da divindade.

Dentre os *ethé* identificados nas letras de músicas, podemos citar o *ethos* contador de história, no qual, por meio do desenvolvimento de uma narrativa, os enunciadores apresentam a lepra como um mal que paulatinamente descaracteriza aquele que é identificado como leproso. Um outro *ethos* também utilizado foi o de profeta, no qual o enunciador se apresenta como uma figura cuja autoridade foi concedida pelo próprio Deus e que, como tal, qualifica-o a falar sobre a lepra, já que esta, como visto no trabalho, pode ser considerada uma punição instituída por Deus ao pecador.

Foi possível verificar, ainda, que, ao considerar as produções discursivas específicas das igrejas Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), notamos uma distinção na utilização do tema da lepra e as práticas discursivas destas. Enquanto na IEQ foi verificada a utilização da lepra como uma temática central para

discutir os males que afligem o homem; na IURD, a lepra é utilizada como um tema secundário, visto como um dentre outros possíveis males que podem acometer o fiel que se distancia da igreja.

Já em nossa terceira hipótese, trabalhada no quarto capítulo, propusemos que o tema da lepra, a partir do efeito de uma memória sobre uma atualidade, estaria presente em diferentes campos discursivos, retomando, a partir de diferentes efeitos de sentido, o discurso religioso. Em nossa investigação, partimos das propriedades da fórmula, conforme estabelecidas por Krieg-Planque (2010) e utilizamos ainda algumas noções de Maingueneau, quais sejam: destacabilidade, sobreasseveração e enunciado aforizado.

Apesar de não ter sido possível confirmar que o termo lepra funciona como uma fórmula no sentido de Krieg-Planque, entendemos que o mesmo pode ser considerado como uma construção formulaica, uma vez que três das quatro propriedades da fórmula puderam ser observadas. Assim, por meio da análise de produções discursivas de diferentes gêneros, tais como artigo de opinião, textos postados em blogs e crônica jornalística, bem como de distintos campos, como o político, o religioso e o midiático, foi possível identificar formulações correlatas ao termo lepra, a saber: “leproso jurídico”, “lepra social”, “lepra democrática” e “lepra política”.

Assim, foi possível verificar que tanto o termo lepra quanto as formulações correlatas que identificamos funcionam discursivamente e em diferentes campos, cristalizam em si uma série de efeitos de sentido, mas principalmente os efeitos de praga, exclusão social e consunção, bem como funcionam como um referente social, pois, em produções distintas e de diferentes campos, compartilham de um mesmo significado para múltiplos coenunciadores.

Apontamos também que o termo lepra foi utilizado para compor uma série de enunciados destacados e destacáveis (sobreasseverados), bem como enunciados aforizados, funcionando, como uma espécie de termo que serve como uma forma de retomar diferentes temáticas. Observamos que este efeito de ênfase é possível graças a um efeito de memória que, na atualização dos efeitos de sentido sobre a lepra, traz à tona efeitos como o de indesejabilidade e exclusão em distintos campos.

Entendemos, ainda, que, ao realizarmos tais análises, mesmo que não exaustivas, oferecemos um olhar diferenciado sobre este tema, distinto de trabalhos que tratam da doença ou dos indivíduos que a tenham vivenciado. Pontuamos este fato devido à verificação, por nós, durante a concepção desta tese, de que os trabalhos acessados que vinculavam os temas lepra e memória, pautarem-se nas experiências vivenciadas por indivíduos adoecidos e/ou em tratamento para esta doença. Alguns ainda discutiam os impactos sociais que o tratamento

para a doença, com destaque para o isolamento dos doentes, ocasionou para os adoecidos e seus familiares.

Desta feita, o trabalho realizado foi pautado não apenas na noção da lepra como doença ou como praga, mas funcionando como um referente social que cristaliza em si efeitos de sentido que discursivamente evocam noções de exclusão, impureza e consunção social.

Esperamos contribuir, assim, com mais um olhar sobre este tema, direcionando-o, mais especificamente, aos estudos do discurso e da memória em diferentes campos do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABRAÃO. **Pastor Abraão - Testemunho Igreja Quadrangular do bairro Betênia.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aa8d47-30cg>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

ALVES, E. D.; FERREIRA, T. L.; FERREIRA, I. N. **Hanseníase - Avanços e Desafios.** Brasília: NESPRON, 2014.

ARAÚJO, A. **Sermão: Naamã O Leproso - As atitudes de Naamã.** Disponível em: <http://vivendoapalavradejesus.blogspot.com.br/2015/03/o-pregador_24.html>. Acesso em: 5 out. 2015.

ARCHANJO, P. C. V.; ARCHANJO, E. C. O. F. Segregar para higienizar: Banimento e isolamento dos hansenianos da cidade Parintins - AM, no século XX. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. Janeiro-Ma, p. 1-8, 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa - Portugal: Edições 70. LDA, 2009.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Scofield: contendo o antigo e o novo testamento. Texto Bíblico Almeida, Corrigida, Fiel (ACF)**São Paulo Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, , 2009.

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo Palavras Chave. Hebraico e Grego. Contendo o antigo e o novo testamento. Texto Bíblico Almeida Revista e Corrigida, ed. 2009.**Rio de Janeiro, RJ. CPAD, , 2011.

BKERKÈ. **Patriarca maronita: a corrupção é uma “lepra social”.** Disponível em: <<http://www.fides.org/pt/news/61877#.Wh4AakqnHIU>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BLOG DO PAULO PIRES. **Sai um câncer, entra uma lepra!** Disponível em: <<http://paulopiresoliveira.blogspot.com.br/2016/03/sai-um-cancer-entra-uma-lepra.html?m=0>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BORGES, L. **Em depoimento, Cachoeira faz declaração de amor e diz ser “leproso jurídico”.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/politica/em-depoimento-cachoeira-faz-declaracao-de-amor-e-diz-ser-leproso-juridico/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

BRASIL. **Guia de Vigilância em Saúde.** Barsília - DF: Ministério da Saúde, 2017. v. 2

CASSANA, M. F. Os Deslizamentos de Sentido: Efeitos Metafóricos e Metonímicos no Discurso do Corpo. **Letras Escreve**, v. 7, n. 1, p. 33, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/2999>>.

CASTRO, R. O. DE. **Fora da lei, não há salvação.** Disponível em: <<http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2016/12/fora-da-lei-nao-ha-salvacao.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

CENTRAL DO OBREIROS. **Porque nunca fui batizado com espírito santo? - Você não recebe o Espírito Santo por causa do seu problema interior.** Disponível em:

<<http://obreirosba.blogspot.com.br/2013/03/porque-nunca-fui-batizado-com-espirito.html>>.

Acesso em: 11 out. 2016.

CETICISMO POLÍTICO. **A lepra da intervenção política: indesejados e indignos.** Disponível em: <<https://ceticismopolitico.com/2014/11/16/a-lepra-da-intervencao-politica-indesejados-e-indignos/>>. Acesso em: 15 out. 2017a.

CETICISMO POLÍTICO. **Como tratar a lepra política nas manifestações? Ou: unindo objetivos em prol da liberdade.** Disponível em: <<https://ceticismopolitico.com/2014/11/08/como-tratar-a-lepra-politica-nas-manifestacoes-ou-unindo-objetivos-divergentes-em-prol-da-liberdade/>>. Acesso em: 15 out. 2017b.

CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso.** 3. ed ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COURTINE, J.-J. **Análise do Discurso Político - O Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos.** 1^a ed. 1^a ed. São Carlos - SP: EdUFSCar, 2014[1981].

DANIELSSEN, D. C.; BOECK, W. **Traité de la spédalskhed ou éléphantiasis des grecs.** Paris: Baillière, 1848.

DORLAND'S. **Dorland's Illustrated Medical Dictionary.** 31st. ed. Philadelphia: Saunders Elsevier, 2007.

DUCATTI, I. Aparelho Ideológico de Estado e Violência. O Caso Particular dos Antigos Leprosários. **Projeto História.**, n. 38, p. 141–163, 2009.

ECO, U. **Lector in fabula. La cooperación interpretativa en el texto narrativo.** 3^a ed ed. Barcelona: Editorial Lumen, 1981.

EIDT, L. M. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 76–88, 2004.

FEMINA, L. L. et al. Lepra para Hanseníase: A visão do portador sobre a mudança de terminologia. **Hansen International**, v. 32, n. 1, p. 37–48, 2007.

FERNANDES, C. **A marca Globo é uma praga que deve ser evitada por todas as outras.** Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/a-marca-globo-e-uma-lepra-que-deve-ser-evitada-por-todas-as-outras-por-carlos-fernandes/>>. Acesso em: 4 out. 2016.

FERREIRA, A. G. **Macron quer combater “a lepra democrática” instalada em França.** Disponível em: <<https://www.publico.pt/2017/02/04/mundo/noticia/macron-quer-combater-a-lepra-democratica-instalada-em-franca-1760898>>. Acesso em: 15 out. 2017.

FONSECA-SILVA, M. DA C. Mídia e Lugares de Memória Discursiva. In: **Mídia e Rede de Memória.** Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 8^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014[1969].

FRESTON, P. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais - Morfologia e História**. 2^a ed. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GLATZ, R. **Chega de rejeitar a política e repeli-la como se fosse lepra**. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/cheга-de-rejeitar-a-politica-e-repeli-la-como-se-fosse-lepra/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

GOMES, M. **Bp Adilson fala sobre os 4 leproso**s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OuFJNxMkeYE>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

IEQSEDEMURIAE. **Programa Momentos de Paz com Cristo 2011-11-22 = Marcos 01-40 - A cura de um leproso**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vhwAv-pC_hA>. Acesso em: 8 jul. 2015.

IGREJA UNIVERSAL REGENTE FEIJÓ. **Elimine o “Porém” de sua vida financeira**. Disponível em: <<http://universalregentefeijo.com.br/2014/08/elimine-o-porem-de-sua-vida-financeira/>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

JÚNIOR, E. **OMS lança estratégia global para acabar com a hanseníase**. Disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2016/04/oms-lanca-estrategia-global-para-acabar-com-a-hanseníase/#.WJO7EhsrLIU>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “Fórmula” em Análise de Discurso: Quadro teórico e metodológico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LADEIRA, P. **Em primeira entrevista após deixar a prisão, delator diz se sentir “leproso”**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/11/1703489-em-primeira-entrevista-apos-deixar-a-prisao-delator-diz-se-sentir-leproso.shtml>>. Acesso em: 4 out. 2016.

LAUDINO, L. **Mulher curada de Lepra (com o Bp Fernando Vassoler)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pjg08F2UNJs>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

MAINGUENEAU, D. A noção de hiperenunciador. **Polifonia**, v. 10, n. 10, p. 75–97, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. 2^a ed. ed. São Paulo: Parábola, 2008b.

MAINGUENEAU, D. Problemas de Ethos. In: **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008c. p. 55–73.

MAINGUENEAU, D. O Ethos. In: **Análise de Textos de Comunicação**. 6^a ed amp ed. São Paulo: Cortez, 2013a. p. 104–114.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. amp ed. São Paulo: Cortez, 2013b.

MAINGUENEAU, D. Os Enunciados Destacados. In: **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. amp ed. São Paulo: Cortez, 2013c. p. 226–239.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D.; COSSUTTA, F. L’analyse des discours constituants. **Langages**, v. 29, n. 117, p. 112–125, 1995.

MARQUES, N. S. **A Lepra na Baixa Idade Média: A importância das práticas médicas**. Jataí. Anais do IV Congresso Internacional de História da UFG, , 2014.

MATOS, A. S. DE. O Movimento Pentecostal: Reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata**, v. 2, n. XI, p. 23–50, 2006.

MCC - MOVIMENTO CONTRA A CORRUPÇÃO. “**A Corrupção é a lepra do vivo e o verme do cadáver**”: **Entrevista com Antônio Celso Pinheiro Franco**. Disponível em: <<http://www.contracorrupcao.org/2013/04/a-corrupcao-e-lepra-do-vivo-e-o-verme.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

MORHAN. **Morhan**. Disponível em: <<http://www.morhan.org.br/institucional>>. Acesso em: 26 set. 2017.

NUNES, P. **Corrupção: a lepra moral**. Disponível em: <<http://www.blogdopaulonunes.com/versao3/?p=48809>>. Acesso em: 22 out. 2017.

OPROMOLLA, D. V. A. **Noções de Hansenologia**. Bauru, Centro de Estudos Dr. Reynaldo Quagliato, 2000.

OPROMOLLA, P. A.; MARTELLI, A. C. C. A terminologia relativa à hanseníase. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 80, n. 3, p. 293–294, 2005.

OQUEE. **O que é joio?** Disponível em: <<https://oquee.com/joio/>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Estratégia Global para Hanseníase 2016-2020**. [s.l: s.n.].

PACHECO, R. **Vida, paixão e morte de Eduardo Cunha. Haverá ressurreição?** Disponível em: <<https://theintercept.com/2016/09/14/vida-paixao-e-morte-de-eduardo-cunha-havera-ressurreicao/>>. Acesso em: 15 out. 2017.

PÊCHEUX, M. **O discurso: Estrutura ou Acontecimento**. 5^a ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2008[1983a].

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: **Por uma Análise Automática do Discurso**. 5^a ed. ed. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 2014[1969]. p. 59–158.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: **Papel da Memória**. 4ª ed. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2015[1983b].

PEREIRA, A. A. **Os sete mergulhos de Naamã**. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/os-sete-mergulhos-de-naama/51066>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

PINTO, P. G. H. DA R. O estigma do pecado: A lepra durante a Idade Média. **Physis - Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 131–144, 1995.

PÓVOA, L. **Leproso por leproso, eu também fui, nesta hipócrita sociedade (só que não sou bandido)**. Disponível em: <<http://www.ojornal.net/opiniao-40059-leproso-por-leproso-eu-tambem-fui-nesta-hipocrita-sociedade-so-que-nao-sou-bandido>>. Acesso em: 4 out. 2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Lei Nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências**. Brasil, 1995.

QUADRANGULAR CAPELA. **Esboços de pregações**. Disponível em: <<http://quadrangularcapela.comunidades.net/esbocos-de-pregacoes>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

RADMACHER, E. D.; ALLEN, R. B.; HOUSE, H. W. **O Novo Comentário Bíblico - Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010a.

RADMACHER, E. D.; ALLEN, R. B.; HOUSE, H. W. **O Novo Comentário Bíblico: Novo Testamento**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Central Gospel, 2010b.

ROLANDO, F. **Verdade que você precisa descobrir**. Disponível em: <<http://www.quadrangulargv.com/mensagens/pr-flamarion-rolando-verdades-que-voce-precisa-descobrir/132>>. Acesso em: 8 maio. 2015.

SANTOS, W. DA S. **Representações Sociais da Tuberculose Pulmonar**. [s.l.] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2010.

SANTOS, W. DA S.; SILVA, E. G. DA. Lepra ou a Constituição do Imundo: Análise Interdiscursiva de Texto Sacro. **Museu Pedagógico**, p. 617–626, 2015.

SASAKAWA MEMORIAL HEALTH FOUNDATION. **International Leprosy Association - History of Leprosy**. Disponível em: <<http://leprosyhistory.org/>>. Acesso em: 26 set. 2017.

Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-com-deficiencia/programas/hanseníase-1/lepra-x-hanseníase>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

SECRETARIADO NACIONAL LITURGIA. **Aclamações às leituras na Missa**. Disponível em: <http://www.liturgia.pt/questoes/questao_v.php?cod_quest=122>. Acesso em: 17 jan. 2018.

SERVIÇO NACIONAL DE LEPROLOGIA. **Tratado de Leprologia**. 2ª ed ed. Rio de Janeiro, RJ: Ministério da Educação e Saúde, 1950.

SILVA, L. F. DA. Filantropia e política de assistência às famílias de doentes de lepra em Goiás, 1920-1962. **Historia, Ciências, Saúde -Manguinhos**, v. 23, n. 2, p. 321–340, 2016.

SILVA, R. R. **Mais uma curado de lepra na Universal**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8OHVnKpYgd4>>. Acesso em: 15 set. 2015.

SILVEIRA, M. G. B. et al. Portador de hanseníase: impacto psicológico do diagnóstico. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 517–527, 2014.

SIMPLES SERVO. **Mulheres da Bíblia: A serva de Naamã**. Disponível em: <<http://servojurandir.blogspot.com.br/2011/04/mulheres-da-biblia-serva-de-naama.html>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

SKINSNES, O. K. Immuno-pathology of leprosy: the century in review. Pathology, pathogenesis, and the development of classification. **International Journal of Leprosy**, v. 41, n. 3, p. 329–360, 1973.

SOUSA, M. R. DE. **A lepra política de 2016!** Disponível em: <<https://mauricioreisdesousa.wordpress.com/2016/07/25/a-lepra-politica-de-2016/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

SOUZA, L. A. F. DE. **A lepra! A lepra! Disque 190?** Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/a-lepra-a-lepra-disque-190>>. Acesso em: 15 out. 2017.

STRONG, J. Dicionário Hebraico do Antigo Testamento de James Strong anotado pela AMG. In: **Bíblia de Estudo Palavras Chave. Hebraico e Grego. Contendo o antigo e o novo testamento. Texto Bíblico Almeida Revista e Corrigida**, ed. 2009. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2011. p. 1499–2012.

TELES, L. **Aécio, o leproso**. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/colunistas/leleteles/297336/Aécio-o-leproso.htm>>. Acesso em: 3 set. 2017.

TERRA. **Papa: orgulho e egoísmo são a lepra da sociedade**. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI1988089-EI312,00-Papa+orgulho+e+egoismo+sao+a+lepra+da+sociedade.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.

TOP MÍDIA NEWS. **Vereador do MS chama crianças de “macaco” e “leproso” em discurso na câmara**. Disponível em: <<http://www.topmedianews.com.br/politica/vereador-de-ms-chama-criancas-de-macaco-e-leproso-em/54558/>>. Acesso em: 4 out. 2016.

ANEXOS

ANEXO 1

Leproso (Amanda Ferrari) (Texto 1 – M)

A Bíblia não revela o seu nome
 Nem sequer seu endereço
 Mas a história aconteceu,
 De um homem que era muito desprezado
 Sim, por todos humilhado, era triste o destino seu.

Quero crer que este homem tinha família
 Trabalhava todo dia, e também temia a Deus
 De repente algumas manchas no seu corpo
 Era pra ele um desgosto, começou lhe incomodar
 Era triste a sua sorte procurou um sacerdote e pediu para o examinar

E o sacerdote então passando a mão de uma agulha começou a furar suas feridas,
 Me fale, me responda por favor, se está sentido dor, porém ele disse não
 O sacerdote ficou muito espantado, chamou aquele homem ao lado
 E então lhe falou: O seu caso é complicado é tenebroso,
 Ouça o que vou lhe dizer: Você está leproso!

Aquele homem viu seus sonhos espalhado pelo chão
 Acabou a esperança era triste a sua situação
 Ficou tão desesperado era triste o cenário
 Quando o sacerdote disse: seu lugar é o leprosário!

E aquele homem soube que Jesus estava na cidade,
 Saiu ao seu encontro, batendo no peito tocando sua campainha e dizendo:
 Eu sou leproso, saiam da frente porque eu quero ver Jesus!
 E de repente alguém no meio da multidão grita em alta voz:
 Fugam porque lá vem o leproso!
 E a multidão se afastou por um curto espaço de tempo,
 E ali ficou ele e Jesus, e ele começou a olhar dentro de seus olhos
 E o rosto de Jesus começou a brilhar,
 E o leproso disse a ali está minha cura, ali está minha esperança
 E de repente Jesus se aproximou dele,
 O leproso disse: não chegue mais perto o senhor pode pegar lepra
 E o leproso esquecendo de sua lepra começou adorar a Jesus
 Como ele é lindo, como ele é maravilhoso
 E Jesus tocou nele e a lepra foi embora

Quem toca nele e libertado restaurado seja onde for.
 Recebe a cura a unção o carinho e amor
 Deus jamais esquece um filho seu sozinho

Quem toca nele pode crer que na hora é abençoado

Seja câncer, seja AIDS logo é curado, toque pela fé Deus está aqui, Ele está aqui

Deus Está aqui
Pra mudar o rumo da sua história,
Apagar seu passado escrever nova história
Receba o milagre Deus aqui

Ele está aqui (Está aqui), sinta Ele aí (sinta Ele aí)
Deus está aqui (Deus Está Aqui), toque nEle aí,
Deus está aqui, sinta Ele aí

Fonte: <<http://amanda-ferrari.lyrics.com.br/letras/1873153/>>

ANEXO 2

Os dez leprosos (Banda Resgate) (Texto 2 – M)

Em certa manhã dez leprosos acostumados ao descaso
Abandonados caminham o caminho da dor

Em certa manhã dez leprosos abandonados pelo próximo
Tão conformados jamais esperavam a cura

Mas no caminho se deparar
Com o som que limpa e cura

**OUVE-SE A VOZ DO FILHO DO HOMEM
A LEPRO NÃO PODE PERMANECER**

Em certa manhã dez leprosos aprisionados à rotina
Passam a vida esperando apenas a morte

Fonte: <<http://www.cifras.com.br/cifra/resgate/os-dez-leprosos>>

ANEXO 3

O Leproso (Sandra Lima) (Texto 3 – M)

Eu vejo um homem humilhado
Afastado de sua casa
De seus filhos, seus irmãos
Eu vejo um homem
Sendo jogado para fora da cidade
Pois a lepra era uma maldição
E sem ter pra onde ir.
Não sabe o que fazer
O seu choro vai durar até o amanhecer
Pois bem cedo ele espera um milagre acontecer.

Eu também vejo
Um homem descendo a colina
Vestido de branco
Curando, salvando e quebrando maldições
E quem toca ou clama por Ele é curado
Eu também vejo esse homem descendo
E seguindo na direção
Um leproso que outrora
Humilhado e desprezado
Por quebrar a maldição

Seja curado dessa lepra, desse mal
Seja curado, não importa o vendaval
Seja curado, eu me importo com a sua dor
Eu te faço um vencedor

Seja curado da terrível maldição
Seja curado dentro do teu coração
seja curado eu me importo com a sua dor
Eu te faço um vencedor.

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/sandra-lima/1614062/>>

ANEXO 4

Quero Descer (part. Nani Azevedo) Raquel Mello (Texto 4 – M)

(Meninas)

Quando meu eu
E o meu orgulho descer comigo
E se misturar
Com as águas do rio
Então subirei
Como Naamã curado
Eu abro mão de tudo que sou
Só pra servir-te
Oh, meu Senhor
Eu abro mão de tudo que sou
Só pra te adorar, Senhor

Senhor, quebra o meu orgulho
Eu quero descer e mergulhar
Nas águas do teu amor
Me purifica! Eu quero ser limpo
Como Naamã, no teu poder

(Meninos)

Quando meu eu
E o meu orgulho descer comigo
E se misturar
Com as águas do rio
Então subirei
Como Naamã curado
Eu abro mão de tudo que sou
Só pra servir-te
Oh, meu Senhor
Eu abro mão de tudo que sou
Só pra te adorar, Senhor

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/raquel-mello/1537891/>>

ANEXO 5

Ei, Naamã (Canção & Louvor) (Texto 5 – M)

Ei, Naamã! Faz o que fostes mandado
 E dessa lepra tu vais ser curado, é só mergulhar...
 Ei, Naamã! Deixa desse teu orgulho,
 Desce no rio e mergulha bem fundo, é só mergulhar...
 Ei, Naamã! Deixa a soberba de lado, vai perder a benção
 Do mal ser sanado, é só mergulhar...

Mas como é que pode um grande general,
 Mergulhar no rio de sujeira total.
 Tem rios melhores pra eu mergulhar,
 Perto daqui tem abana e farpar,
 Prefiro ir embora, prefiro voltar
 Do que no Jordão ter que me banhar,
 Mas insistiram até convencer Naamã se lavar.

La vai Naamã mergulhar:
 Um, Deus em silêncio profundo.
 Dois, o melhor estava pra depois.
 Três, Naamã mergulha outra vez.
 Quatro, Naamã já estava cansado.
 Cinco, Naamã estava desistindo.
 Seis, só faltava a última vez.
 Na sétima vez Naamã mergulhava
 Ainda submerso pelo rio molhado,
 Subiu devagar com os olhos fechados,
 Esperando o mesmo ruim resultado.
 Mas quando ele olhou para o seu corpo inteiro
 Estava curado.

Ei, igreja “escuta”, hoje Deus me faz profeta,
 Tem um recado pra ti nessa festa,
 Tens que mergulhar...
 Pra você ter a benção de Deus completa,
 A família, a cura, as portas abertas,
 Tens que mergulhar...
 Pra sentir... A unção do céu caindo,
 A glória do pai, o poder dele agindo,
 Tens que mergulhar...
 “Ai você diz:” mas como é que pode
 Eu mergulhar nesse rio melado ter que me banhar
 Eu não vou dar glória, eu não vou gritar
 Prefiro do mesmo jeito eu ficar.
 Deixa esse orgulho a soberba de lado
 Mergulha no rio que fostes mandado
 E essa frieza que tens em tua vida

Tu vais ser curado...

Vem comigo mergulhar:

Um, sinta o espírito santo.

Dois, olha o fogo queimando.

Três, enche agora teu vaso.

Quatro, seja agora batizado.

Cinco, fale em mistérios com Deus.

Seis, mergulhe a última vez.

Na sétima vez Deus vai te pegar,

Vai te por de pé com você vai andar

E toda lepra vinda do pecado

Não passa de hoje tu vai ser curado.

Sai daqui cantando, á Deus glorificando o mau foi sanado.

Isso é pra quem crer,

E quem acredita no que Deus pode fazer hoje ainda.

Quem serve a ele, é luta, é promessa, é benção garantida...

Fonte: <<http://www.vagalume.com.br/cancao-e-louvor/ei-naama.html>>

ANEXO 6

Tempo de Cantar (Amanda Ferrari) (Texto 6 – M)

O que esperar de alguém que a sociedade desprezou
 Maldito os leprosos que destino infectou
 Na minha Bíblia tem uma história que ninguém quase contou
 Talvez por serem leprosos quase ninguém lembrou

Por um ano o exército da Síria
 Cercava o povo de Samaria
 E a multidão de fome lá morria
 E ninguém por lá nada fazia
 Foi aí que quatro leprosos
 Tomaram uma atitude de corajosos
 Se ficassem parados iriam morrer
 Então eles reagiram pra sobreviver
 E os pés dos quatro leprosos
 Um efeito sonoro provocaram
 Parecia um grande exército
 E os Sírios fugiram pois se assustaram
 E o susto deles foi tão grande
 Que muita prata e muito ouro para traz deixaram
 E na mão daqueles desprezados
 Deus entregou fartura que a muitos saciaram

Minha mensagem não é para magnata
 É pra você que ninguém não dá mais nada
 Deus vai ti usar na terra como ninguém
 E vai pôr nas suas mãos o que os grandes não tem
 Minha mensagem não é para exaltado
 Estou cantando pra leproso desprezado
 É grandioso o que ele vai ti dar
 Profetizo um novo tempo que acaba de chegar

É o tempo de cantar
 É o tempo de cantar
 Se estais cansado desprezado
 Comece adorar é o tempo de cantar

É o tempo de cantar
 É o tempo de cantar
 É grandioso, é muito forte o que ele vai ti dar
 É o tempo de cantar

É o tempo de cantar
 É o tempo de cantar
 Com os seus pés com sua voz

Comece a adorar faz barulho ai
Adore pra comemorar

Declamação:
Esse é o tempo, essa é a hora
Levanta e vai!

Minha mensagem não é para magnata
É pra você que ninguém não dá mais nada
Deus vai ti usar na terra como ninguém
E vai pôr na suas mãos o que os grandes não tem
Minha mensagem não é para exaltado
Estou cantando pra leproso desprezado
É grandioso o que ele vai ti dar
Profetizo um novo tempo que acaba de chegar

É o tempo de cantar
É o tempo de cantar
Se estais cansado desprezado
Começa adorar é o tempo de cantar

É o tempo de cantar
É o tempo de cantar
É grandioso, é muito forte o que ele vai ti dar
É o tempo de cantar (2x)

É o tempo de cantar
É o tempo de cantar
Com os seus pés com sua voz
Comece a adorar faz barulho ai
Adore pra comemorar

Chegou o tempo faz barulho ai
Adore pra comemorar

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/amanda-ferrari/tempo-de-cantar/>>

ANEXO 7

A Cura do Leproso – (Daiani Alves) (Texto 7 – M)

Se tornou um leproso, um dos filhos do povo
Escolhido de Deus, desesperado toda esperança ele perdeu.
Cabeça coberta, rosto escondido, roupa rasgada,
A lepra é como o pecado, estraçalha

E ao passar pela estrada o chamam de imundo,
É como a voz na consciência, machucando lá no fundo.
Amigo o espírito te leva à Jesus,
À um lugar chamado calvário te conduz, há um rio naquela cruz.
Onde estiveres te chama o senhor,
Quebra todo o poder do mal, este sangue remidor

Um leproso, foi a Jesus, e de joelhos lhe falou:
Se quiseres podes me limpar.
Jesus disse: Eu quero e vou.
Cheio de compaixão, cristo estendeu a mão e o tocou

O mal desapareceu, e o homem a Deus glorificou
Semelhante aquele homem a tantos por aí
Presos no pecado sem forças,
Perdidos sem saberem como agir

Fonte: <<http://ouvirmusicasletras.net/letra/daiani-alves/a-cura-do-leproso/>>

ANEXO 8

Naamã (Ministério Ardendo em Fogo) (Texto 8 – M)

Eliseu disse Naamã você precisa descer
 Eliseu disse Naamã, tu precisa descer
 A multidão não enxerga, a multidão não sente, a multidão não vê
 Mas só quem está perto pode perceber o cheiro da lepra que sai de você

Eliseu disse Naamã você precisa descer
 Eliseu disse Naamã, você precisa descer
 A multidão não enxerga, a multidão não sente, a multidão não vê
 Mas só quem está perto pode perceber o cheiro da lepra que sai de você

Mas no primeiro mergulho eles vão rir de mim (você tem que descer)
 E no segundo mergulho eu sei vão se gloriar
 E no terceiro mergulho minha agenda vai acabar, acabar
 E no quarto mergulho as portas pra mim vão se fechar
 E no quinto mergulho eu sei vão querer me rejeitar
 E no sexto mergulho nos púlpitos não vou mais cantar
 Mas no sétimo mergulho Naamã deixa eu falar
 Curado da lepra você ficará

Eliseu disse Naamã você precisa descer
 Eliseu disse Naamã, você precisa descer
 A multidão não enxerga, a multidão não senti, a multidão não vê
 Mas só quem está perto pode perceber o cheiro da lepra que sai de você

Não dá mais pra disfarçar, não dá mais pra disfarçar
 O seu cheiro subiu as narinas de Deus, hoje Deus ele vai te convidar

No primeiro mergulho eles vão rir de mim
 No segundo mergulho eu sei vão se gloriar
 E no terceiro mergulho minha agenda pode até acabar, acabar
 E no quarto mergulho talvez as portas pra ti vão se fechar
 E no quinto mergulho nos púlpitos não vou mais cantar
 E no sexto mergulho eu sei vão querer me matar
 Mas no sétimo mergulho Naamã deixa eu falar, livre desse pecado você vai ficar

Fonte: <<https://www.letras.mus.br/ministerio-ardendo-em-fogo/naama/>>

ANEXO 9

A Fé de uma Menina (Gisele Nascimento) (Texto 9 – M)

Naamã trouxe para a sua casa uma menina
 Depois da vitória sobre Israel
 Mas ele não sabia
 Que uma pequena escrava
 Em sua vida era um plano dos céus
 Um herói leproso pode um lar contagiar
 Mas a fé de uma menina estava lá
 Conduzindo aquele homem à casa de Elizeu
 E quando ele chegou lá
 O profeta mandou Naamã mergulhar no Jordão
 O milagre estava lá

Onde eu estiver, eu vou usar
 Como a menina, a minha fé
 O mal não vai contagiar o meu lar
 O endereço do milagre vou revelar

Um herói leproso pode um lar contagiar
 Mas a fé de uma menina estava lá
 Conduzindo aquele homem à casa de Elizeu
 E quando ele chegou lá
 O profeta mandou Naamã mergulhar no Jordão
 O milagre estava lá

Onde eu estiver, eu vou usar
 Como a menina, a minha fé
 O mal não vai contagiar o meu lar
 O endereço do milagre vou revelar

A casa do profeta vou revelar
 A casa de milagres vou revelar
 No rio que Naamã mergulhou
 Através da minha fé, alguém vai mergulhar
 A casa do profeta vou revelar
 A casa de milagres vou revelar
 A minha fé vou usar

Onde eu estiver, eu vou usar
 Como a menina, a minha fé
 O mal não vai contagiar o meu lar
 O endereço do milagre vou revelar.

Fonte: <<http://www.kboing.com.br/gisele-nascimento/1-1251823/>>

ANEXO 10

Naamã & Eliseu (Wagner Roberto) (Texto 10 – M)

Do exército do rei da síria era o comandante
 General valente, homem importante
 Homem respeitado, homem valoroso
 Por conquistas e vitórias era conhecido
 Nome, fama e glória tinha conseguido
 Por Deus ele era usado, mas era leproso
 Mas ele ficou sabendo que em Samaria
 Havia um profeta que a Deus temia
 Então a esperança dele renasceu
 Ele disse: esse homem eu vou procurar
 Não importa onde, custe o que custar
 Lá se vai Naamã em busca de Elizeu

É preciso descer mergulhar sete vezes lá no rio Jordão
 Se quiser receber milagre e libertação
 Se quiser que esta lepra seja aniquilada
 É preciso descer, por a boca no pó, chorar e pedir perdão
 É preciso calçar sandálias da humilhação
 E depois reconhecer, que não é nada

Porem hoje em nossos dias não é diferente
 Iguais a Naamã vemos tantas gente
 Homens importantes, homens valorosos
 Quando cantam, quando pregam do céu fogo desce
 Quando oram o milagre até acontece
 Por Deus eles são usados, mas estão leprosos
 Mas ainda existem homens que não se dobraram
 Que não se venderam, não se misturaram
 Pois com a palavra são compromissados
 Pregam a verdade, doa a quem doer
 Sem se importar com o que vão dizer
 São os Elizeus que Deus tem levantado

Fonte: <<http://www.suasletras.com/letra/Wagner-Roberto/Naama-e-Elizeu/86819>>

ANEXO 11

A Cura de Naamã (Glycia Miriam) (Texto 11 -M)

O povo de Deus tem poder e autoridade
 Poder pra mandar e ordenar todo mal ir embora,
 Fazendo o que Deus lhe ordena,
 enfermidade não vai aguentar.
 Usa autoridade pra fazer morto ressuscitar...

Foi assim com Naamã
 homem de posição, não podia se humilhar.
 Chefe de um grande exército,
 Quem poderia o curar?
 Elizeu a ordem Deu... "vai e lava-te 7 vezes no Jordão e ficarás curado"!
 Naamã mesmo indignado obedeceu...
 Creu, confiou e mergulhou... E mergulhou...

CORO:

Primeira vez! E nada aconteceu
 Segunda vez! Seu corpo adormeceu,
 Terceira vez! Sua pele modificou
 Quarta vez! Uma ferida cicatrizou...
 Quinta vez! O céu até se abriu
 Sexta vez! A cura já sentiu...
 E na Sétima vez um novo corpo se tornou,
 curado então ficou...

Primeira vez...

Fonte: <<https://www.letradamusica.net/cantora-glycia-miriam/a-cura-de-naama.html>>